



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR

REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO

Rute Sousa da Fonseca

(Licenciada)

Dissertação | Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Mestrado Integrado em Arquitetura com especialização em Arquitetura de Interiores

Orientador científico: **Professor Doutor Arquiteto José Manuel dos Santos Afonso**

Co-orientador: **Professor Doutor Arquiteto Michel Toussaint Alves Pereira**

Júri:

Presidente: Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução

Arguente: Doutora Maria Soledade Gomez Paiva de Sousa

Lisboa, FA UL, Fevereiro, 2014

RESUMO

A investigação incide sobre a temática dos vazios encerrados, degradados e abandonados do centro histórico que persistem no tecido da cidade antiga e estratégias de intervenção a partir de elementos indispensáveis ao pensamento arquitetónico como o pátio e o saguão. O vazio como consequência de um esquecimento e como sítio sobrance torna-se contido, sem carácter e desprovido de qualificação arquitetónica.

A introdução ao tema, é estudado no Bairro Alto, património nacional, pela clareza e persistência do seu traçado antigo. Dada a dinâmica espacial reconhecida no bairro pretende-se encontrar um programa de unidade hoteleira digno e integrante na cidade de modo a promover relações entre a distinta população. O espaço vazio limitado por pré-existências, a Norte do Bairro Alto, delimitado pela Rua da Rosa, Rua São Boaventura e Pátio do Tijolo, foi em tempos uma litografia. Pretende-se explorar e propor uma intervenção com pátios e saguões, como elementos temáticos e fundamentais na arquitetura, de modo a promover o conforto, pela captação de luz e ventilação natural. A arquitetura distingue-se pelo seu carácter útil e objetivo, ao alcance de um destino, de um uso, de uma atmosfera memorável. Pretende-se a regeneração a partir de um vazio no centro histórico, através de uma estratégia de intervenção, de modo a reintegrar e conservar as fachadas pré-existentes do sítio, permitindo uma continuidade de expressões entre o antigo e o novo. Dada a proposta de intervenção pretende-se revitalizar o espaço a partir da importância da posição do arquiteto frente a pré-existências e fragmentos irregulares não integrados no tecido contínuo.

Palavras-Chave: vazio, regeneração, Bairro Alto, hotel, adaptabilidade

Título

Tensão interior e exterior
Regeneração a partir de
um vazio

Nome

Rute Sousa da Fonseca

Orientador Científico

Doutor Arquiteto José
Afonso

Co-orientador

Doutor Michel Toussaint

Mestrado Integrado com
especialização em
Arquitetura de Interiores

Lisboa, Janeiro 2013

ABSTRACT

The investigation shines on the theme of closed voids, degraded and abandoned in the historic center, that remain in the old city structure and intervention strategies from indispensable elements to architectural thinking like the Courtyard and the Lightwell. The void as the consequence of a forgetting and surplus place becomes absent, without character and lacking of architectonic qualification.

The theme “Interior and Exterior Tension – Regeneration from a void” comes from the need to reoccupy these places of Bairro Alto, in a way to promote and enrich the old structure. Given the spatial dynamics recognized in the neighborhood it’s intended to find a hospitality unit program worthy and integrated in the city in a way to promote relations between distinct populations. The void of irregular configuration and limited by preexistences was at a time occupied by lithography.

The investigation intends to explore and propose an intervention in a way to promote the comfort, by the capture of light and natural ventilation as well as reintegrating the facades with the pre-existing parts that encircle the place, allowing continuity between the old and new. The architecture distinguishes by its useful character and objective, within reach of a destiny, of a use, of a memorable atmosphere. Upon the place restrictions it becomes relevant to understand the adaptability of the space.

Keywords: void, regeneration, Bairro Alto, hotel, adaptability

Title

Interior and Exterior
Tension
Regeneration from a
void.

Name

Rute Sousa da Fonseca

Main Advisor

D. Arch José Afonso

Co Advisor

D. Arch Michel Toussaint

Integrated Masters in
Architecture with
specialization in Interior
Architecture

Lisbon, Fevereiro 2014

AGRADECIMENTOS

Para o meu avô Júlio lá em cima numa estrela. Para o meu pai e irmão, pelo amor e força que me deram desde sempre. Para a minha adorada mãe, uma inspiração.

Para o Tiago pelo apoio e paciência.

Para o professor Michel Toussaint pela sua sabedoria.

Para o professor José Afonso pela constante presença.

Obrigada do fundo do meu coração

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	1
2 ESTADO DO CONHECIMENTO	4
PARTE I	7
3 CONTINUIDADE DO ESPAÇO.....	7
4 SENTIDO DA ARQUITETURA DENTRO E FORA	10
4.1 VAZIO E DESAMPARO CONSTRANGIMENTOS.....	11
4.2 CHEIO OU VAZIO CAUSAS.....	12
4.3 VAZIO EXPECTANTE	16
4.4 REGENERAÇÃO CENTRO HISTÓRICO	19
5 REVITALIZAÇÃO FACHADISMO.....	22
6 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO READAPTAÇÃO.....	26
6.1 O PÁTIO O SAGUÃO ABERTO E FECHADO	27
7 ADAPTABILIDADE DO ESPAÇO USO	33
8 ARQUITETURA - CASOS DE ESTUDO REFERÊNCIAS.....	33
PARTE II	37
9 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO BAIRRO ALTO	37
9.1 BAIRRO ALTO INTERVENÇÃO.....	41
10 CONTEXTUALIZAÇÃO DO VAZIO URBANO ANTIGA LITOGRAFIA.....	43
11 DO VAZIO À UNIDADE HOTELEIRA – SOLUÇÃO ARQUITETÓNICA	46
12 ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO LUGARES EXPECTANTES.....	47
13 ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO RELAÇÃO INTERIOR E EXTERIOR	49
14 UM HOTEL PARA A VIDA DE BAIRRO.....	50
14.1 DESCRIÇÃO DO ESTADO ATUAL DO BAIRRO.....	51
15 QUE ESPAÇOS QUE CLIENTES QUE AMBIENTES ARQUITETÓNICOS?.....	52
16 O PROGRAMA DESCRIÇÃO DO PROJECTO.....	53
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
ANEXOS	75
INDICE DOS ANEXOS.....	75
ANEXO I – Referências.....	77
ANEXO II – Processo de trabalho	83
ANEXO III- Peças desenhadas	97

ÍNDICE DE IMAGENS

PARTE I

ARQUITETURA – CASOS DE ESTUDO | REFERÊNCIAS

- | | | |
|---|--|----|
| 1 | Edifício de habitação registado em Contemporary Spanish Architecture. Projeto dos arquitetos Cruz e Ortiz. Sevilha 1976
In: CAPITEL, Antón, SOLA-MORALES, Ignacio “Contemporary Spanish architecture” 1989. | 33 |
| 2 | Pátio do edifício Doña Coronel. Projeto dos arquitetos Cruz e Ortiz. Sevilha 1976
In: CAPITEL, Antón, SOLA-MORALES, Ignacio “Contemporary Spanish architecture” 1989. | 34 |
| 3 | Reabilitação em Alenquer. Projeto dos Aires Mateus. 1999 2002
In: El Croquis Aires Mateus 154, 2002 2011 | 34 |
| 4 | Fachada do hotel The Water House do aterier NHDRO
In: http://www.archdaily.com/263158/the-waterhouse-at-south-bund-neri-hu/ | 34 |
| 5 | Fachada do hotel The Water House do aterier NHDRO
In: http://www.archdaily.com/263158/the-waterhouse-at-south-bund-neri-hu/ | 35 |

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO BAIRRO ALTO

- | | | |
|---|---|----|
| 6 | Zona a poente da muralha fernandina com as principais vias de nos finais do século XV
In: CARITA, Hélder. “Bairro Alto, tipologias e modos arquitetónicos;” Lisboa: Câmara Municipal, 1994, p, 20. | 37 |
| 7 | Primeira fase de urbanização
In: CARITA, Hélder. “Bairro Alto, tipologias e modos arquitetónicos;” Lisboa: Câmara Municipal, 1994, p, 22. | 38 |

PARTE II

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO BAIRRO ALTO

- | | | |
|---|--|----|
| 8 | Segunda fase de urbanização
In: CARITA, Hélder. “Bairro Alto, tipologias e modos arquitetónicos;” Lisboa: Câmara Municipal, 1994, p,26. | 38 |
| 9 | Vista de Lisboa da 2ª metade do século XVI | 39 |

In: CABRITA, António Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João. “Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto.” Lisboa, p34.

10	Mapa de Lisboa datado 1850	39
11	Mapa de Lisboa datado 1904-1911	39
12	Diagrama das ruas que delimitam o Bairro Alto	40

BAIRRO ALTO | INTERVENÇÃO

13	Diagrama dos espaços passíveis de sofrerem alteração destaque para o número 2 sítio do projeto	41
14	Mapa com a localização do Pátio do Tijolo (a preto) e do Pátio do Alto Longo (a cinza) Imagem elaborada pela autora	43

CONTEXTUALIZAÇÃO DO VAZIO URBANO | ANTIGA LITOGRAFIA

15	Estado atual do Pátio do Tijolo	44
16	Vista do pátio Fachada principal do Palácio Braamcamp (fundação XVII e reedificação XIX 1879) In: MATOS, Rui, “Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina”, Lisboa: Contexto, 1994.	44
17	Palácio dos Condes de Soure In: CARITA, Hélder. “Bairro Alto, tipologias e modos arquitetónicos;” Lisboa: Câmara Municipal, 1994.	44
18	Desenho técnico do topo do extremo poente da antiga fachada da litografia In: Arquivo Câmara Municipal de Lisboa	45
19	Empena que denuncia a antiga estrutura da litografia Fotografia da autora	45
20	Desenho técnico da planta de cobertura da antiga litografia In: Arquivo Municipal de Lisboa	45
21	Desenho técnico da planta do piso térreo da antiga litografia em que se observa a estrutura junto à empena hoje existente In: Arquivo Municipal de Lisboa	45

DO VAZIO À UNIDADE HOTELEIRA – SOLUÇÃO ARQUITETÓNICA

22	Muro da Rua S. Boaventura Fotografia da autora, 2013	46
23	Muro que dá para o pátio Fotografia da autora, 2013	46

ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO | LUGARES EXPECTANTES

24	Fachada Rua de S. Boaventura Fotografia da autora, 2013	46
-----------	--	----

O PROGRAMA | DESCRIÇÃO DO PROJETO

25	Escada de acesso ao Palácio dos Condes de Soure Fotografia da autora, 2013	48
26	Mapa de localização indicado a preto aa colina de S. Roque Imagem elaborada pela autora, 2013	49
27	Desenho da autora fachadas da Rua S. Boaventura e Travessa Conde de Soure Imagem elaborada pela autora, 2013	55
28	Desenho da autora espaço da receção Imagem elaborada pela autora, 2013	57
29	Desenho da autora primeira ideia do quarto	57
30	Fotomontagem equipamento que se repete no quarto	58
31	Fotomontagem Pormenor da zona do jacuzzi	59
32	Desenho da autora espelho de água espaços comuns	59
33	Desenho técnico do Alçado da fachada da Rua da Rosa In: Arquivo Municipal de Lisboa	60
34	Fotomontagem Corte EE' da zona do quarto e vista da galeria	60
35	Fotomontagem Corte CC' acesso zona I.S e de pequenos-almoços	61
36	Desenho da autora Esquiço da parede divisória em cobre Imagem elaborada pela autora, 2013	61
37	Fotomontagem divisória em cobre	62
38	Fotomontagem Corte EE' da zona de eventos e acesso para a galeria dos quartos do piso zero	62
39	Janela do Palácio Braamcamp direcionado para o	63

	espelho de água	
40	Desenho técnico Alçado da fachada da Rua S. Boaventura	63
41	Fachada rua S. Boaventura	63
42	Desenho técnico do Alçado da fachada da Rua da Rosa	64
43	Fachada do topo do extremo leste Rua da Rosa	64
44	Fachada da antiga litografia do topo do extremo poente	64
45	Esquiço da proposta	65
46	Esquiço do miradouro	65
47	Estudo do acesso ao miradouro	65
48	Desenho da autora pré-existência Imagem elaborada pela autora, 2013	65

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da disciplina de projeto IX de preparação para o plano final de dissertação, foi proposto um estudo aprofundado das sete colinas de Lisboa.

A cidade não é homogénea, é feita por partes, e aqui coloca-se a hipótese de a repovoar no centro. Pretendendo-se a reabilitação de núcleos históricos. Dentro das possíveis sete colinas, temos: São Vicente, Graça, São Jorge, São Roque, Santa Catarina, S'Antana e Chagas.

A colina escolhida foi a de S. Roque mais conhecida pela zona do Bairro Alto. Numa aproximação ao bairro é possível detetar enfiamentos visuais e relações com o rio e com as Igrejas. O fragmento da cidade em estudo é um dos mais antigos de Lisboa pelo facto de ter sido parcialmente afetada pelo Terramoto de 1755. O seu tecido nasceu ortogonal, de ruas estreitas e densificadas.

A intervenção procura intervir em espaços vazios disponíveis, ruínas, fragmentos persistentes ou seja espaços semi construídos que careçam de operações de melhoramento e revitalização, de modo a beneficiar o espaço público, pretende-se igualmente reconstituir as vivências e a identidade do lugar.

A história do bairro traduz-se numa multiplicidade de fenómenos que são importantes para perceber as dinâmicas do lugar e caracteriza-se por uma variedade de tipologias. A zona a norte do bairro era ocupada por quintas pertencentes a palácios, como propriedades de famílias nobres sendo que a Sul as ruas eram habitadas pelas famílias ligadas aos trabalhos do mar.

Pode-se adiantar que a expulsão da antiga população residente persiste, pelo facto do bairro ser sucessivamente ocupado por visitantes, ligado a esse fenómeno prende-se a quantidade de ofertas comerciais vocacionadas para o divertimento embora alusivas à marginalidade, o que contrasta com a primeira natureza e essência do bairro.

O principal objetivo é gerar um sistema de relação entre a atual história do bairro com a história antiga do bairro. Integrando um hotel articulado com pequenos espaços públicos de restauração, cafetarias e equipamentos na sua proximidade. Espera-se que este sistema de relação permita fortalecer um laço entre os antigos residentes e os novos visitantes.

Objetivo e organização da investigação

A intervenção pretende ocupar pré existências a norte da Rua de S. Boaventura e Travessa Conde de Soure e a poente da Rua da Rosa. Ligada à rua do Tijolo, existem edifícios devolutos e um vazio urbano. Este fragmento do bairro pertence à zona norte do Bairro Alto.

Em concordância com o tema do pátio está a relação que se pretende estabelecer entre o interior e o exterior, o espaço encerrado sobre estes edifícios e a envolvente que liga a uma das ruas principais do bairro.

Partindo de exemplos concretos como ocupação do espaço, entende-se que a casa unifamiliar, e a unidade de habitação vertical são fruto de trabalhos de investigação do movimento moderno. Dinâmicas espaciais, ou relações íntimas com o ambiente natural. Necessidade de ampliar uma temática da casa para além das aquisições, como a exploração da célula central introvertida e diretamente comunicante com a natureza. Uma casa na cidade em que o intimismo familiar, a salubridade e poética da Natureza se relacionam.

“A característica essencial da casa que nos ocupa é a sua introversão”¹. Em termos urbanísticos, o pátio, incide sobre o prolongamento exterior da habitação. É um modo de vivência que exclui a ameaça de superlotação e o nomadismo da vida urbana. No entanto, Devido à revolução industrial e devido ao crescimento densificado de loteamentos, este elemento foi esquecido. A casa pátio para além de satisfazer as necessidades básicas de conforto,

¹ PORTAS, Nuno “Conceito da Casa em Pátio como Célula Social”, in *Revista Arquitectura* nº 64, Janeiro-Fevereiro de 1959, Lisboa. P.33

por proporcionar um microclima singular, deu lugar a outros tipos e intensifica relações humanas em concordância com uma presença de espécies animais e vegetais. Pretende-se intervir assertivamente no vazio urbano questionando as possíveis soluções de intervenção para este tipo de espaço de modo a beneficiar o sítio enriquecendo-o de vivência.

Interessa entender, que a perfuração ou a inserção de pequenos espaços descobertos, num sítio encerrado por pré-existências, em que o terreno em si é um vazio urbano, que pelo passar do tempo se dilatou e reuniu com outros de menor escala, obtém-se um espaço irregular. Foquemo-nos no espaço irregular, com configuração incomum, não reconhecido como arquitetura. A sua delimitação depende dos elementos construtivos que o configuram. São esses contornos, que o caracterizam numa primeira ideia. Mas este sítio contém uma futura intenção, pressupõe um uso, uma vida e uma relação com o homem. É preciso reconhecer-se em si, como sítio estruturador da cidade, como espaço contínuo que liga ruas, becos, pátios, pré-existências ou fachadas sobreviventes, pretende-se um programa para estes vazios. Mas qualquer bom programa, requer de ambientes de conforto. O homem necessita de luz natural e ventilação natural como o primeiro vinculador do bem-estar. Reconhecemos na história da arquitetura, que nos espaços perturbadores se recorreu ao uso de pátios e saguões como garantia de vida nesses interiores. Pretende-se a inclusão desses elementos de arquitetura em sítios com configurações irregulares.

Enquadramento e método

Na proposta pretende-se identificar metodologias de intervenção e embora este incida sobre um vazio no centro histórico existe ainda na sua proximidade uma pré-existência que carece de reabilitação, tornando-se prudente a compreensão do grau de intervenção, conhece-se a ligeira reabilitação que compreende pequenas reparações, desde a iluminação, ventilação e exaustão, limpeza e

Questões do trabalho

reparação geral das coberturas, caixilharias, condução de águas pluviais. A reabilitação média pode definir-se pelo reforço de alguns elementos estruturais, ampliação de espaços melhorando as condições de ambientes, ligeiras alterações na organização do espaço e reparação generalizada de revestimentos e elementos constituintes do projeto. No caso do projeto a desenvolver, o edifício encontra-se desocupado e carece de uma reabilitação média e as fachadas existentes de um reforço na estrutura de modo a que a sua preservação se mantenha.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO

Em tempos, a densificação urbana extensiva contribuiu para o uso do saguão como meio de controlo ambiental na casa. Embora atualmente o seu uso seja ilegal. Pela sua característica refrescante e ventilante de modo a contrabalançar, por vezes a desconfortável exposição solar. Instrumento que perdurou no tempo como meio de conforto. Em Lisboa existe um número significativo de saguões empregues nas construções embora com pouca esperança de existência, pela substituição deste recurso por outros. A ventilação e iluminação natural revelam-se com extrema importância na arquitetura e urbanismo desde o início. Muito embora no séc. XX o uso inadequado de saguões por estarem associados a estratégias de rápida densificação fomentaram a sua desajustada implantação. Pouco se tem escrito acerca de intervenções em sítios abandonados, hoje conhecidos como vazios urbanos e a sua possível solução. Ou seja, questiona-se o vazio mas não se foca no vazio do centro histórico. O mesmo acontece com os saguões que encobrem-se da sua função base. Pode-se no entanto destacar a tese de doutoramento do professor Nuno Arenga “O saguão na habitação urbana.” Onde aborda o tema em estudo. Não se conhece exatamente a origem do pátio, mas sabe-se que o desenvolvimento da casa em torno de um espaço exterior, de posição nuclear, serve como forma de organização espacial. Pode-se considerar como uma referência teórica que permite identificar informação sobre o saguão. Sendo possível identificar casos exemplares do seu uso e que se assemelhem de alguma forma com o projeto em estudo. É o caso do projeto do edifício de habitação, Calle Doña Coronel, Sevilha, 1976, arquiteto Antonio Ortiz Garcia e Antonio Cruz Villalon, registado em *Contemporary Spanish Architecture*.

Dentro da problemática do uso do saguão pode-se associar o seu uso a espaços confinados.

Determinados espaços, como os vazios urbanos em centros históricos, embora em teoria já debatidos, pouco foram as soluções postas em prática na sua resolução. Em causa encontram-se outras associadas não relevantes para o momento. O Bairro Alto como cidade antiga de Lisboa, surge no séc. XVI sobre hortas e vinhedos de uma grande herdade e é um dos mais tradicionais e populares bairros de Lisboa também pela sua ótima condição natural, pelo facto de situar-se a uma cota alta virada a sul. Situa-se numa zona privilegiada sendo então alvo no tema em estudo. Abordado em teoria por Hélder Carita “Bairro Alto, tipologias e modos arquitectónicos;”. Espaço vazio entre espaços cheios, esquecidos ou inapropriados que em tempo foram coisa. Cheios de vida ou desprovidos dela. São espaços restantes de construções antigas ou degradadas. Lugares pobres à espera e à espreita numa cidade antiga, em que o sol se deita sobre ele mas nada revela. Espaços de perigo na cidade, sem carácter e sem uso. Insociáveis a outros vazios reconhecidos na história da arquitetura e portanto uma quebra na história. Em termos urbanísticos pode-se encontrar em teoria o escrito de Ignasi de Solà-Morales em “Terrain Vague” ou documentos abordados na Trienal de Arquitetura de Lisboa sobre o tema. Valores entre vazios e cheios que quando de uma forma contínua e equilibrada se distingue valias de património. A história do património e o seu valor no ser homem bem como a adaptabilidade do património a novos usos, são abordados em teoria. Investigado por Françoise Choay “A alegoria do património” e “As questões do património” tratando-se do desenvolvimento e da preocupação pela preservação dos edifícios.

PARTE I

3 CONTINUIDADE DO ESPAÇO

A continuidade do espaço é a articulação aberta entre espaços. O espaço (associado ao geral) como diz o arquiteto Távora (1923-2005) não é o negativo das formas, mas volume e matéria, ou seja, é algo em que “o que se deixa é tão importante como o que se preenche” ou “tão importante como aquilo que se faz é o que se deixa de fazer.”² Ou seja, o espaço em arquitetura não é vazio. E ainda “(...) o espaço que separa - e liga - as formas é também forma (...).”³ Pode-se ter consciência de que não há formas isoladas e mesmo que por vezes não se vejam, relacionam-se com outras aparentes. Isto torna-nos mais conscientes na organização do espaço. O espaço “1. Em arquitetura, expressa antes de tudo a sua condição tridimensional, ou seja, a possibilidade de o homem participar do seu interior.”⁴ O positivo e o negativo, o percurso e a pausa. Formas harmoniosas refletem-se no inconsciente de cada indivíduo como elemento de uma sociedade. Os pontos, as linhas e as superfícies são elementos constituintes do espaço, elementos que criam formas garantindo uma relação permanente, criando ligações novas entre o espaço e o observador.

² TÁVORA, Fernando, “Da Organização do espaço”, ed. ESBAP, 1982, p. XV

³ TÁVORA, Fernando, “Da Organização do espaço”, ed. ESBAP, 1982, p. 12

⁴ SILVA Henrique Pais; CALADO, Margarida “Dicionário de termos de Arte e Arquitectura”, ed. Presença, 2005. p, 147.

O espaço deve ser vivido e a Arquitetura cria-o para ser construído, nisto a forma tenderá para a beleza sendo preciso lembrar os modelos de complexidade a começar por Vitruvius: Utilidade, Beleza e Solidez.

Forma
Espaço organizado

No espaço organizado é fundamental a sua continuidade ou seja, a recusa de limitações. Sabe-se que esta verdade anda esquecida e como afirma Távora estão intimamente ligados, sendo um o negativo do outro, evidenciando-se entre si estreitas relações, entre o espaço que as liga, limita e as relaciona.

O espaço de que o Arquiteto Távora aborda é irreversível e uma vez “ (...) organizado nunca pode vir a ser o que já foi (...) ”⁵, não podendo vir a ser de novo o que foi no passado. Tal como não se devolve a um monumento a sua principal memória, não é possível tal hipótese. O que melhor o retrate será, para o observador, a forma mais compreensível. Neste sentido a ideia de identificação na obra relaciona-se consoante a vivência ou conhecimento integral das formas, ou pelas formas no geral ou pela pertença cultural. Então quando a forma satisfaz, possui significado, relaciona-se naturalmente com o homem. “A arquitetura é uma das ocupações e dos produtos humanos que, por uma razão ou outra, oferecem uma forma organizada ao espírito e ao corpo.”⁶

Como referido anteriormente, as formas quando não são em si eficientes, afetam o espaço, destroem valores e influenciam o homem. Podendo prejudicar a economia, na produção e desenvolvimento, a cultura, e a vida espiritual e física do homem. Posto isto, a forma serve para enriquecer a existência e vida do homem, mas não sendo concretizada no seu esplendor, afeta-o fazendo esquecer-se de si, o Homem deixa de pensar e transforma-

⁵ TÁVORA, Fernando, “Da Organização do espaço”, ed. ESAP, 1982, p. 19.

⁶ ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica”. P.99.

se, como revela Távora, no senhor satisfeito do século XIX “ (...) em regime de artificial felicidade”.⁷ Ciente de que tudo é possível.

A transformação do uso do espaço, é um processo económico-social que interessa ao homem, durante a revolução industrial, instaurou-se a desordem, a descontinuidade, a fragmentação no ambiente em que se vive. “Agora, já nada é feito direta ou manualmente; tudo é efetuado de acordo com regras e obedece ao cálculo. Não é apenas o que exteriormente nos rodeia e o mundo físico que são agora organizados pela máquina, mas também o nosso mundo interior e espiritual”⁸ A rapidez da evolução, pôs em causa os valores e o equilíbrio do homem. “A indústria substituiu a arte.”⁹ arte no sentido do conhecimento prático estabelecido. É necessário uma consciencialização dos problemas, que afetam o homem, porque a cidade cresce num ritmo descontrolado, não sendo possível impor um sistema de relações coerente. Constituindo em si uma soma de espaços em vez de um todo estruturado, numa azáfama de funções, tornando-o o que em tempos foi espaço vivo, agora e consequentemente em espaço apagado e desordenado.

Impressiona, nas cidades contemporâneas, a descontinuidade do seu espaço organizado: zonas que crescem ou morrem de um dia para o outro. Incaracterísticos, incolores, áreas insalubres e áreas industriais esquecidas que fragmentam a cidade, zonas ricas e pobres, áreas onde o sol nunca penetra, tímidos espaços verdes cercados de poluição. Nesta máquina, o autor destrói-se com a própria invenção. Revela um homem com pouco elo de ligação com a natureza e quando a exhibe é para demonstrar que a domina, engolindo-a nas suas formas desconcertantes e carregando consigo uma delapidação do espaço, que se traduz na decadência económica e por fim na “miserabilização” do próprio homem.

Descontinuidade do espaço organizado

⁷ TÁVORA, Fernando, “Da Organização do espaço”, ed. ESBAP, 1982, p. 33.

⁸ CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, ed 70, 2005. p, 145.

⁹ CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, ed 70, 2005. p, 145.

Nota-se um desinteresse no planeamento, o que contribui para os efeitos então referidos. No entanto, esse efeito pode-se alterar, investigando com profundidade a estruturação dos espaços, pela elaboração e toma de decisões conscientes, através da integração social. Desejável seria a obtenção de um equilíbrio harmónico entre o sítio e o projeto.

Relação com a envolvente

Portugal reúne notáveis exemplos de relação entre equilíbrio envolvente e programa que os nossos arquitetos deixaram. Mas ainda é de notar a exploração individual que se sente na nossa paisagem por parte dos nossos contemporâneos. Visto que o edifício e o sítio se perdem aquando desta ausência de relação. Um edifício mal relacionado com o sítio, rua ou praça, significa todo um extenso trecho de má relação espacial, de descontinuidade dos tecidos e de toda uma oportunidade perdida. Isto acontece quando o planeamento se ausenta da sua qualidade cumpridora. É urgente que, o arquiteto como organizador do espaço, possua um sentido e um desejo permanente de servir.

4 SENTIDO DA ARQUITETURA | DENTRO E FORA

Origem

A arquitetura influencia o Homem pelo modo como se impõe e produz, comunicando a sua função através da sua forma. O seu papel combina em duas tarefas, nomeadamente o ato de abrigar, “ (...) que proteja os seus habitantes das forças exteriores indesejáveis e lhes ofereça um meio ambiente interior adequado.”¹⁰, e por outro, a criação de um exterior harmonizado às suas funções que sensibilize visualmente, que intimide e convide permitindo a comunicação e possibilitando a função. Sabe-se que é na habitação, onde o homem se encontra, de modo a conhecer-se e desfrutar. A forma deve tornar a função praticável.

¹⁰ ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica”. P.81

Como referido, o espaço constrói os limites, para que dada função seja permitida, nisto o acontecimento dá-se e gera memória, de modo que o corpo e o espaço se correlacionem. A relação entre a arquitetura e o homem origina a noção do lugar, podendo vir a envolver o corpo daquele que o experiencia, considerando este envolvimento como o reconhecimento do lugar em que a sua existência é única e insubstituível.

Lugar

4.1 VAZIO E DESAMPARO | CONSTRANGIMENTOS

Tendo como base os espaços descontínuos presentes na cidade, torna-se relevante entender o que os mesmos provocam. Na obra *A Dinâmica da Forma Arquitectónica*, de Rudolf Arnheim, torna-se visível a importância da forma na arquitetura, como aspeto temático do pensamento arquitetónico, e justamente a dinâmica do vazio. Admitindo que quando a área não é controlada pelos objetos circundantes decorre o vazio perceptivo. Por outro lado, o espaço exterior quando não se verificam objetos, nem pontos de referência, verifica-se o vazio extremo. Sendo que a carência de definição exterior destrói a sensação de identidade. “O vazio, como é evidente, não está relacionado meramente com a ausência de matéria. Mesmo um espaço onde nada haja construído pode estar imbuído de forças perceptivas e cheio de densidade, do que poderíamos chamar uma substância visual.”¹¹ e ainda a consequência do vazio “ (...) ocorre quando as configurações circundantes, por exemplo, os contornos, não impõem uma organização estrutural à superfície em questão. O olhar do observador encontra-se invariavelmente no mesmo lugar sempre que procura deter-se, e cada lugar é igual ao seguinte; o olhar apercebe-se da ausência de coordenadas espaciais, de um enquadramento destinado a determinar as distâncias. Em

Vazio perceptivo

Vazio extremo

¹¹ ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica” . P.26

consequência o espectador experimenta uma sensação de desamparo.”¹² O espectador sente-se à deriva, num espaço sem significado.

Esta impossibilidade de determinação do lugar e da função espacial, resulta da desorientação, porque o vazio é algo irreconhecível, não presente e inexistente. Mas não é nulo, é contido. Constitui-se pelo seu desdobramento e fragmentação.

Portanto, o vazio em Arquitetura não é espaço e o seu estado é ignorado, afirmando-se como uma condição passageira, durando um curto ou longo espaço de tempo, outrora cenário e agora vácuo “*Uns e outros* são intervalos contidos por, aparentemente, nada”¹³ São uma carência de sentido e por conseguinte uma condição de recusa da cidade. Tratando-se “ (...) neste caso, de acompanhar a memória *ou o esquecimento* que o objecto a intervir segregou.”¹⁴

4.2 CHEIO OU VAZIO | CAUSAS

A persistência do vazio contrasta com o ritmo urbano, não existindo dúvidas que este elemento não é arquitetura, mas uma desistência, porque o sítio onde se insere não é usufruído, tornando-se numa imagem degradada. “A cidade não pode ser vista como quem vê uma imagem onde as noções de enquadramento, ritmo, peso visual, tempo, escala, contraste, equivalência expressiva e sinestesia não se encontram alheias à própria composição, mas, sobretudo, colaboram

¹² ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica” . P.27

¹³ JANEIRO, Pedro António. “ {CHEIOS INÚTEIS} A imagem do Vazio na cidade” p.7. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1488/1/Pedro%20Janeiro.pdf>.

¹⁴ PEREIRA, Paulo - *Intervenções arquitectónicas recentes, no património edificado*. Jornal de Arquitectos nº213, Novembro – Dezembro, 2003, pp. 14-20, p. 14.

na construção de uma mensagem visual, uma mensagem-só-visual construída de fora da cidade, desde *lá longe*".¹⁵ Tudo o que existe é imagem e percebe-se que o arquiteto, tornou-se num produtor de imagens, que só trabalha a três dimensões, o que rompe, na maioria das vezes, com a prática da arquitetura evocando-a à ridicularização. Na dinâmica do vazio é preciso considerar que também há cheios urbanos, e uma análise destes permite uma reflexão de como o vazio pode vir a ser um lugar, através da mudança. De modo a aproximar-se, pela sua alteração, num possível lugar requalificado, um lugar arquitetónico, digno e aceite na cidade. Conseguindo-se assim a requalificação dessa imagem e desse espaço esquecido, visto que a cidade é uma encenação. " (...) quanto mais ordenada é a estrutura espacial objectivamente dada, tanto mais se harmonizam as imagens que as pessoas formam do cenário."¹⁶ É um potenciador de memória.

Mudança

" (...) a verdadeira ausência não existe quando há falta de volume construído, mas sim quando a uma lógica consequente se sucede um lapso, uma falha ou uma ausência de remate."¹⁷ Na paisagem é essencial a existência de espaços de silêncio, assim acontece com os vazios. Podendo agrupar-se em vazios úteis, quando são cheios de vivência, torna-se pertinente separar os espaços vazios de úteis e não úteis.

Vazios úteis e não úteis

É preciso ter atenção ao seu eventual enchimento. O vazio e o lugar opõem-se. O primeiro é ausente e o segundo, significado. Há vazios que não são portadores de identidade ou simplesmente não se relacionam com uma intervenção e portanto precisa-se de ponderação. Há lugares que pertencem às interrupções que identificam a cidade. São lugares de silêncio não menos necessários.

Vazios outrora ocupados

¹⁵ JANEIRO, Pedro António. " {CHEIOS INÚTEIS} A imagem do Vazio na cidade" p.14. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1488/1/Pedro%20Janeiro.pdf>>.

¹⁶ ARNHEIM, Rudolf "A Dinâmica da Forma Arquitectónica". P.21

¹⁷ JORGE, Pedro. "Vazios Úteis – cerzir a cidade. In. Actas de seminário de estudos urbanos. Lisboa: ISCTE, 2007. Disponível em: http://www.academia.edu/1083398/Cerzir_a_Cidade. Acesso em: 09 Novembro 2013.

Questão do enchimento Mas os vazios esquecidos que outrora foram destinados a ocupação requerem de uma atenção distinta. São inertes. Precisam de encontrar uma identidade que se relacione com o espaço, para gerar o envolvimento e depois sentido.

Os homens são diferentes, e a arquitetura nasce da relação entre diferentes espaços, prevendo relações dissemelhantes.

Cheios inúteis A dinâmica do vazio, reúne uma série de acontecimentos, porque o abandono industrial surgiu como um dos fenómenos que permitiu o seu surgimento, mas não só. A sua conotação prende-se igualmente a causas como o abandono da população na cidade, devido às condições antigas que ofereciam, provocado pela ruína ou má qualidade comparativamente ao valor do edificado, ao contrário da periferia. O vazio adquire uma noção de decadência, ausente de propósito e indesejável quando se arrasta no tempo.

Assim sendo, a sua condição não tinha obviamente a ver com a ocupação, uma vez que os espaços que caracterizavam, tinham construções, mas sim com o seu uso. Eram espaços vazios de uso, desafetados. Perante isto, percebe-se que a condição do vazio afeta o espaço público “(...) porque a inutilidade, o desuso e o abandono se traduzem rapidamente em degradação.”¹⁸

Ou seja, pode-se definir o vazio em dois grandes grupos, primeiro pela degradação ou ruína, originando o vazio na cidade, convocando-o para o espaço degradado e portanto não qualificado, depois por outro lado, os cheios inúteis ou seja, os espaços desqualificados, degradados e de indefinição ou rutura urbana “ (...) vazios enormes e amorfos que, como golpes, dilaceram o espaço (...)”¹⁹ decorrentes de um processo de marginalização da cidade, podendo-se questionar até que ponto a cidade não precisa de espaços públicos em vez dos

¹⁸ RAPOSO, Manuel “Conservação e Restauro” . Jornal de Arquitectos nº213, Novembro – Dezembro, 2003 pp.37-41, p, 40.

¹⁹ TÁVORA, Fernando, “Da Organização do espaço”, ed. ESBAP, 1982, p. 35

mencionados. Foquemo-nos na primeira definição, são com certeza lugares de oportunidade, para potenciar e redesenhar a cidade. O vazio urbano expõe-se como lugar que deseja algo, um uso mais ou menos público, mas com identificação.

A uma escala urbana, esta dinâmica de transformação dos vazios em elementos de oportunidade pode ter, competências positivas, para a criação ou alteração do sítio, mas também pode ter efeitos perversos, se as mesmas potencialidades não forem orientadas pelas autoridades, como elementos estratégicos, para a reestruturação do território urbano ou metropolitano. Lugares com certa flexibilidade e adaptabilidade, ou pela inserção de um carácter efémero, ou contemporâneo. A procura de definição para o vazio abordar-se-á no capítulo seguinte.

Oportunidade no uso do espaço

Dentro das dinâmicas do vazio e para perceber a sua origem, pode-se considerar o vazio delimitado. Após o reconhecimento do sentido do lugar com base no encontro com o homem, torna-se espaço contínuo, como sítio integrante na cidade. Cabe o reconhecimento e protagonismo de cada vazio urbano ser restabelecido. Na cidade tradicional distinguem-se os espaços pela sua identidade, a legitimidade dos lugares com os espaços públicos e privados, e coletivos que se reconhecem pela praça, alameda, entre outros, mas na contemporaneidade os espaços de ausência adquirem outros valores abstratos, relacionados sobretudo com a questão económica. O vazio fragmentado, como uma “réstia sobrança do vazio herdado.”²⁰ O sítio volta a ser arquitetura, quando entre novos limites, causados pela fragmentação do tempo, se regenera o seu sentido. O vazio expectante, correspondendo a áreas vazias, como promessa de uma oportunidade potencial, assumindo a condição de depósito e sítio abandonado e não permanente.

Vazio expectante

²⁰ CAVACO, Cristina Soares. “Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do vazio.” In: Actas do Seminário de Estudos Urbanos. Lisboa: ISCTE, 2007.

Portanto, estes vazios desperdiçados, são espaçamentos ilegítimos sem significação determinada, invasores e intrusivos, sem valores, outras vezes são consequência de imposições regulamentares, que pouco dizem sobre a qualidade da forma dos vazios e que conseqüentemente rompem com o espaço contínuo.

Após a percepção dos tipos de vazios, torna-se claro a necessidade de perceber essa ausência que lhe confere o potencial de vazio inútil. Assim sendo e, para que a intervenção e readaptação se ajuste é necessário aprofundar o estudo do centro histórico. Camilo Sitte (1843-1903) ciente das mudanças que o progresso técnico impõe, alerta para a noção de cidade histórica e procede ao estudo *in situ* das cidades antigas, estudando as articulações entre espaço aberto e edifícios, apontando a riqueza formal e as continuidades que o espaço contém. Criticando o isolamento do monumento antigo, praticado no século XIX e interessando-lhe os princípios da “beleza urbana”. Torna-se necessário redefinir princípios de reestruturação da cidade, para que o presente contexto fragmentado consiga relacionar-se com o espaço continuado da cidade.

Analisa-se o espaçamento sobrando, aquele que foi abandonado, esquecido ou desintegrado, o espaço entre. Em menor escala quando abordado à escala da cidade, mas com grande ênfase, quando experienciado à escala do homem, a lógica de sentido. Consta-se que o homem contemporâneo desconhece a sua cidade, desconhece-se a si. Pode-se dizer que há uma correspondência estética, quando se perde a consciência dos seus princípios.

4.3 VAZIO EXPECTANTE

Ignasi de Solà-Morales, (1942-2001) arquiteto espanhol, aborda a questão do *terrain vague* em primeiro lugar, como uma extensão na cidade. No entanto a palavra francesa, “*terrain*”, significa o mesmo que terreno em Português, ou seja, um pedaço do solo. Sendo que

“Terrain Vague” traduz-se por terreno vazio. Morales refere-se a áreas vagas e portanto menos precisas, ligadas a uma ideia de pedaço de solo em estado de espera, e potencialmente lucrativo. Quanto ao segundo, expressão francesa “vago”, traduz-se no vazio, desocupado, mas também livre, disponível e descomprometido. O vazio, incerto e impreciso, apresenta-se como promessa devido à sua aparente ausência. É negativo precisamente pela ausência de limites, remete-se para o vaguear, tempo livre e liberdade. São sítios onde parece predominar memórias, aparentemente esquecidas do passado. São sítios obsoletos, onde apenas certos valores residuais parecem permanecer, apesar da sua retirada completa da atividade da cidade. Lugares externos, estranhos que caem fora dos circuitos das estruturas de produção. Do ponto de vista económico, apresentam-se como áreas industriais abandonadas, locais contaminados, ou seja ausentes da cidade, devido à permanência fora das dinâmicas urbanas. São ilhas esquecidas e esvaziadas. Sítio desabitado, inseguro, não produtivo que contamina a cidade antiga. O vazio, sendo uma incerteza, necessita de ser estruturado e redesenhado, podendo ser uma alternativa nos futuros próximos e previsíveis. A condição de vazio é preciosa. É pausa. Clareira de espaço. Não pertença. Estranheza e perda do sentido do Eu. Impossibilidade de uma narrativa lógica. É um não remate. Limite delicado e restante. Requer reorganização. Espaço que protege ou ameaça. Não há uma proporção reta. Revelam mudança crítica. Desprovido de formas fortes, que representam o poder e a vida da cidade. O vazio revela-se como sítio não dominado pela arquitetura, como reflexo da sua própria insegurança, como oposição do sistema urbano, como uma expressão física de medo mas também uma expectativa e uma alternativa no futuro. Um tempo de estranheza para o homem, provocando sofrimento ao sujeito, perda de consistência, e falta de princípios de correspondência ética e estética, como anteriormente referido. O homem que vive na experiência de construir e alimentar a negatividade. Risco para a vida, conforto

desprotegido, nomadismo desordem urbana devido à incerteza de um pedaço de terreno vago.

Pretende-se a interpretação com o mundo e para o mundo. Porque a estranheza do homem contemporâneo, prende-se na incapacidade de ser radical, ao ponto de assumir relação entre a interioridade e a identidade.

Nota-se um conflito entre a consciência e inconsciência, prevalecendo a inquietação. Desta forma, o indivíduo como portador de direitos, liberdades e princípios universais, torna-se no sujeito histórico. Não sendo possível pensar no indivíduo só, torna-se relevante que este interaja com o outro de modo a prevalecer a dinâmica cultural entre espaços. Com isto, pretende-se explicar que, as imagens dos terrenos vagos tornam-se reveladores do tipo de vida social contemporânea.

O que se pode fazer com estes vazios, é uma questão essencial, a preservação destes sítios, alternativos e estrangeiros, para a eficiência cidadina. Encontra-se uma das problemáticas da arquitetura, ou seja, o encontro de respostas, a partir da organização do espaço, de modo a garantir felicidade ao Homem. A ordem, a forma, a introdução de elementos objetivos e necessários para a identidade espacial de modo a torná-lo reconhecível, idêntico e universal. Pertencendo à própria essência da arquitetura, como instrumento de organização e racionalização, eficiência, produção e transformação de modo a regenerar o terreno ignorado, do vazio ao construído.

Permite a oportunidade de requalificação, como sítio entre o que poderá vir a ser nomeável e notável. O vazio é desocupado e sujeito à mudança, à criação de memória, como coisa diferente e reconhecida. Através da criação da realidade, da paisagem, inserindo-o no

contexto da percepção e ampliação da experiência.“(...) tornando-se de imediato como o único sítio possível para a descompressão.”²¹

A partir do desenho arquitetónico, torna-se precioso a introdução de mudanças radicais, alterando e tentando a todo o custo desfazer a decadência no realismo da eficácia.

4.4 REGENERAÇÃO | CENTRO HISTÓRICO

“A consciência da presença de um património cultural e da necessidade da sua salvaguarda constitui-se, em Portugal, durante o século XIX.”²² Podendo-se destacar Alexandre Herculano, como o pioneiro da intervenção no património nacional, tendo consciencialização que o abalo social estaria a provocar na cidade. Aquando do terramoto de 1755 em que a degradação da cidade se refletiu e sobre os bens patrimoniais se instaurou. No entanto assumiu-se “ (...) a demolição do irreparável e a reconstrução do possível segundo outros parâmetros urbanísticos e estéticos.”²³

A questão da intervenção dos edifícios antigos, só se pôs em causa a partir da metade do século XVIII. Em Portugal, esta questão só foi colocada com o advento do romantismo. Posto isto assim se foi elegendando os edifícios mais figurativos e classificativos do património português. Sendo importante referir a ação dos DGEMN.

Nos anos 60, “a intervenção nova deve manter-se higiénica e claramente diferente da antiga e ajudando a esclarecê-la, deve

²¹ Vazios urbanos : Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007; Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007. p. 126.

²² COELHO, Maria Eduarda Leal (coord) - *Dar Futuro ao Passado*. Lisboa: IPPAR, 1993, p,33.

²³ COELHO, Maria Eduarda Leal (coord) - *Dar Futuro ao Passado*. Lisboa: IPPAR, 1993, p,36

mostrar-se e mostrá-la.”²⁴ Resumindo: a intervenção nova deve manter-se diferente da antiga. A arquitetura que se vai construir não colide com o lugar existente, fixando-o. O que se exprimiu na carta de Veneza, devido às novas condições de desenvolvimento. Já nos anos 70 a carta de Cracóvia 2000, levantando sobretudo aspetos relacionados com a cidade histórica e com a paisagem.

O centro antigo de Lisboa, tem sido alvo de algumas transformações, originando descontinuidades no tecido urbano, devido à dispersão de centralidades. Sendo uma área de influência, concentra força e vida e marca os poderes distintos. A cidade é património.

A partir dos séculos XIX e XX uma maior liberdade apareceu no crescimento das cidades, interrompendo os limites físicos impostos e pondo em causa a mobilidade dos espaços obsoletos.

Na cidade contemporânea de Lisboa, um dos maiores recursos para a sua reavaliação reside nos lugares degradados, obsoletos, esquecidos que se encontram no tecido da cidade até às periferias. Formam uma variada rede de hipóteses, que podem servir como estímulo na criação de inovação na cidade. Vazios menosprezados, mas que de forma consciente e concertada, poderiam servir de planos estratégicos para a revitalização da cidade.

Vazios banais que surgem fora do contexto, como uma música interrompida ou um texto desajustado. Os vazios não podem ser avaliados isoladamente, eles carecem de uma regeneração com o espaço, para que possa ser continuado, reconhecido e consciente. Cabe ao arquiteto a interpretação do potencial do vazio.

Não decorre, somente da sua disponibilidade, como território de transformação ou da sua localização estratégica, mas dos persistentes acontecimentos sucedidos.

²⁴ COSTA, Alexandre Alves – *O Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade*. *Jornal de Arquitectos* nº213, Novembro - Dezembro, 2003, pp. 7-13,p.9.

Os vazios são áreas de oportunidade e raridade. Pensar na parte com o todo e o todo com as partes, do geral para o particular e do particular para o geral. Último recurso de cidadania. O vazio apresenta-se como o grande tema da arquitetura, aguardando que estruturas e dinâmicas se afirmem nele, como processo natural, para que a espontaneidade de instale.

Os sítios desocupados, desqualificados, abandonados e desconectados com o lugar, são vazios reconhecidos dados os seus aspetos formais, funcionais, simbólicos e políticos, contendo funções desvalorizadas ou inúteis.

O vazio, na cidade histórica, estabelece um contraponto com o ritmo urbano, remetendo-o para um outro tipo de cidade, a cidade ausente de significado. A cidade descentralizada, pode não ser uma ameaça, permitindo a criação de novos centros e não destruindo o valor simbólico do centro histórico.

A cidade descentralizada

Os *terrains vagues*, como já mencionado, consiste num termo para definir áreas obsoletas, sendo estas questionáveis pelo seu carácter produtivo. Solà-Morales afirma, que não se pode simplesmente reordenar vazios, tendo em conta que a sua ausência transportava valores, bem como uma história, estabelecendo uma relação com o passado e não permitindo uma vinculação com o presente. Permanecendo como sítios, não pertencentes à cidade contemporânea, devido à descontinuidade do tecido urbano. Mas a desocupação, advém muitas vezes do poder da propriedade privada e da negociação do mercado de ajustamento de terras urbanas, o preenchimento, nota-se pelas intervenções promovidas tanto pelo poder público como privado, através da apropriação desses vazios. Como forma de combater a dispersão urbana o uso desses espaços destinavam-se a atividades temporárias de pouca qualidade, como mencionado anteriormente. A configuração do vazio, deverá ser equacionada, consoante a relação que se estabelece entre a cidade e

o sítio. O vazio não tem forma nem função, mas pode ter potencialidades. Desde as áreas mais amplas às mais contidas, impedindo situações de vazios, atuando sobre os atuais vazios.

5 REVITALIZAÇÃO | FACHADISMO

A expansão urbana, por se concentrar na obtenção de mais-valias económicas, provocou o “não-lugares” porque “não integram os lugares antigos.”²⁵ sobretudo quando se encontra modelos similares em contextos geográficos distintos. Os núcleos históricos, após a segunda Guerra, alvo de renovação e mais tarde de reabilitação urbana, suportaram uma pressão transformadora. Ora, se um dos princípios urbanos, é salvaguardar a identidade da cidade, denota-se uma contradição. A imagem da cidade, passa pela encenação, que se transmite. O papel da cor, dos revestimentos, dos exteriores e interiores e encantos que partilham. Uma série de limites e condicionamentos, terão de ser impostos, aquando do processo de restauro, num fragmento ou num todo da cidade.

Imagem da cidade e
salvaguarda do património

A memória da cidade, introduz-se nos núcleos urbanos históricos, apesar da sua pequena porção quanto à totalidade dos territórios urbanos. Os conjuntos das partes históricas da cidade, identificam-na, como cidade histórica, sendo “ (...) por isso que a valorização do património histórico é um empreendimento considerável”.²⁶ A identidade, pode definir-se então, como o resultado dos produtos, que pelo acrescento, densificaram a cidade histórica. O carácter que suporta o lugar, concentra o carácter da cidade do passado.

Identidade

O que a cidade exprime, é crucial na identificação do lugar. No entanto, assiste-se “(...) à demolição sistemática do interior de

²⁵ AUGÉ, Marc, “Não- Lugares Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade” ed. 90 Graus Lisboa 2005, p, 67

²⁶ CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, ed 70, 2005. p, 241.

edifícios antigos, substituindo-o por nova construção, com profundas mudanças tipológicas, volumétricas, estruturais e construtivas, preservando as antigas fachadas de forma acrítica, ou reconstruindo-as de acordo com imitações forçadas das originais.”²⁷

Pode-se dizer que as paredes interiores da cidade, são as fachadas dos edifícios, bem como “(...) as coberturas, os pormenores arquitectónicos, a linguagem que se expressa pela decoração, pelos materiais, pelos revestimentos, pelas texturas e cores, que são, assim e explicitamente, os portadores dos significados que se encerram no interior.”²⁸ Imagem histórica em frentes urbanas, com interiores contemporâneos. Ou seja, há originalmente uma relação estabelecida entre o interior e a fachada.

Uma das práticas do “fachadismo”²⁹, consiste em intervenções contemporâneas nos edifícios antigos. Portanto, o edifício antigo passa a ser visto como um entrave, e então faz-se um novo atrás da velha fachada, garantindo um simulacro de preservação.

O sistema de gestão urbana portuguesa, não é dos mais defensores quanto à preservação do património, aceitando com facilidade o processo de renovação, através do aumento do volume da construção. Quando se assiste à precaridade dos estudos de projeto, o fachadismo arrisca-se na perda de qualidade, relativamente ao lugar em que se insere.

Quando o interior, é todo ele substituído por uma nova intervenção e se mantém somente a fachada, esta deixa de ter funções fundamentais. Sendo umas das máximas expressões do processo substitutivo da imagem da cidade. No entanto observa-se “(...)

²⁷ COSTA, José Manuel Aguiar da. “Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos.” Tese para obtenção do grau de Doutor. Universidade de Évora. Évora, Agosto de 1999. p,169.

²⁸ COSTA, José Manuel Aguiar da. “Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos.” Tese para obtenção do grau de Doutor. Universidade de Évora. Évora, Agosto de 1999. p,167.

²⁹ PAIVA, José Vasconcelos; AGUIAR José; PINHO Ana, “Guia Técnico de Reabilitação Habitacional”, ed Instituto Nacional de Habitação, Lisboa 2006, p, 20.

algumas armas estratégicas contra os excessos de uma utilização patrimonial que tende a transformar-se em destruição.”³⁰

A prática do “fachadismo” deve ser cuidada, não queremos personificar a cidade ou fazer dela aquilo que não é. A sua verdade é a sua identidade. A decisão de manter uma fachada, passa pelo seu conteúdo histórico, pelo seu carácter estrutural e utilidade. Deve-se compreender e ajustar essa hipótese, através do estudo do contexto programático da cidade e do sítio onde se insere a edificação.

No renascimento Italiano, os Papas com a preocupação de preservar os monumentos através de “um conjunto de medidas destinadas a salvaguardar e prevenir a degradação, que incluem a realização das operações de manutenção necessárias ao correto funcionamento de todas as partes e elementos de um edifício.”³¹ estabelecendo uma tomada de consciência pela salvaguarda do património.

Para o italiano Gustavo Giovannoni (1873-1947), o monumento consistia num cheio e num todo na cidade histórica, “um novo tipo de “monumento” de carácter coletivo: Um Património Urbano definido por cidade histórica, nas suas estrutura, morfologia, paisagens e imagens urbanas.”³² Percebendo o processo forte de desintegração das cidades tradicionais, a que deveriam ser sujeitas a leis de proteção de restauro, ou seja, as linhas antigas deveriam ser integradas na cidade. Os lugares históricos, por acarretar uma utilização de permanência diversa, revelam a sua utilidade na malha urbana de hoje, como relações de encontro que sempre tiveram evocadas na cidade antiga. “Nunca será de mais repetir o aviso de Giovannoni: os centros e os bairros antigos não poderão ser conservados e integrados na vida contemporânea se o seu novo

³⁰ CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, ed 70, 2005. p, 251.

³¹ CABRITA, António Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João. “Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto.” Lisboa. p, 22.

³² PAIVA, José Vasconcelos; AGUIAR José; PINHO Ana, “Guia Técnico de Reabilitação Habitacional”, ed Instituto Nacional de Habitação, Lisboa 2006., p, 12

destino não for compatível com a sua morfologia e a sua escala.”³³
Em Inglaterra, John Ruskin (1819-1900) permitiu a ampliação do conceito do monumento histórico pelo ênfase que deu à conservação dos monumentos, e pela preservação dos conjuntos urbanos. Combatendo a cultura da máquina e defendendo a identificação cultural e privilegiando a ligação “mémoriale”³⁴. Ruskin foi mais além, defendendo a integração e inserção dos monumentos. Antes de iniciar-se qualquer tipo de intervenção, deve-se ter em consideração os diferentes passos do processo de reutilização. Tendo como base estas noções, torna-se fulcral entender as dinâmicas da conservação, através da “ (...) protecção, reabilitação e manutenção, por razões históricas ou estéticas, de edifícios e áreas construídas, ou paisagens (...)”³⁵

Tendo em conta as dinâmicas da reabilitação, pode-se definir os seguintes conceitos: o restauro, que opera num conjunto de ações, altamente especializadas, de modo a recuperar a conceção original ou o momento áureo na história de um edifício; a reabilitação, incidindo na recuperação e beneficiação, tornando o uso atual apto através da resolução de anomalias construtivas e atualizando inclusive a organização dos espaços; a reabilitação urbana, através da requalificação da cidade existente a partir de estratégias de intervenção destinadas a potenciar os seus valores; a revitalização, consistindo em “ (...) operações desenvolvidas em áreas urbanas degradadas ou em conjuntos arquitectónicos de valor histórico, de modo a relacionar as intervenções pontuais de recuperação dos seus edifícios com intervenções mais gerais de apoio à “reabilitação” das estruturas sociais, económicas e culturais locais, procurando a consequente melhoria da qualidade geral dessas áreas ou conjuntos

Reabilitação

Restauro

Reabilitação Urbana

Revitalização

³³ CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, ed 70, 2005. p, 250.

³⁴ CHOAY, Françoise, p. 139

³⁵ SILVA Henrique Pais; CALADO, Margarida “Dicionário de termos de Arte e Arquitectura”, ed. Presença, 2005. p, 107

Manutenção urbanos.”³⁶ a manutenção, baseando-se em operações de forma a minimizar a deterioração na vida de um edifício, assim como as instalações e equipamentos, sendo operações programadas e efetuadas em ciclos regulares; e por fim a renovação urbana, consistindo num processo que implica, a demolição de estruturas morfológicas e tipológicas, existentes numa área urbana degradada das quais se reconhece valor como património arquitetónico ou conjunto urbano a preservar.

Renovação Urbana

A superação do vazio, como já mencionado, comporta num processo de mudança, ou seja de regeneração do tecido através de ferramentas de conservação e estudos de projeto de modo a beneficiar o sítio.

6 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO | READAPTAÇÃO

Durante anos, alguns edifícios históricos apresentaram resistência, durabilidade, interesse e qualidade arquitetónica, posto isto as intervenções do presente devem reunir os mesmos princípios. Uma obrigação que se deve impor, quando se projeta de modo a que o uso e a utilidade dos edifícios perdure. Neste contexto, é tão relevante preservar e reutilizar as pré-existências, como reaproveitar e requalificar os sítios vazios do centro histórico. Sítios restantes, que necessitam de uma estratégia de ocupação e de readaptação às circunstâncias reais. Cabe à decisão de especialistas na área, de estudar a melhor hipótese de intervir num sítio frágil, como o vazio do centro histórico. Tanto pelas suas características de construção antiga, como pelas limitações desde muros a edifícios que o cercam ou pelo impacto visual que possuem numa área.

³⁶ CABRITA, António Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João. “Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto.” Lisboa. p, 22.

Relativamente à situação do Bairro Alto e para além das necessidades referidas, uma das problemáticas são os acessos: há uma dificuldade permanente, na passagem de viaturas de urgências, devido à reduzida largura que as ruas têm. Portanto, pretende-se simplificar esse procedimento, aquando da introdução de um programa, de modo a facilitar o uso desses acessos, há muito existentes, nomeadamente a Rua da Rosa, a Rua S. Boaventura e a Rua que termina no Pátio do Tijolo

Uma das preocupações do bairro, é a propagação do fogo nos quarteirões, devido à falta de barreiras corta-fogo entre os edifícios vizinhos. Para além da estrutura predominantemente em madeira e esporadicamente em aço ou betão armado. Em termos de anomalias, a humidade e presença de vegetação nos edificadados, são uma constante.

Na maioria dos casos, a entrada corresponde a um acesso com a máxima economia volumétrica e isento de espaços de arrecadação e áreas técnicas. As escadas, para além de íngremes e com patamares reduzidos, apresentam uma degradação dos seus elementos, geralmente são estreitas o que impede a fácil evacuação. Alojamentos com acesso sem resguardo e quase ausência de vestíbulo de entrada. Praticamente a totalidade dos edifícios, não permite o acesso à cobertura a partir dos espaços comuns. Redução dos logradouros, devido à expansão edificatória. Espaços comerciais tradicionais no rés-do-chão e de pequenas dimensões.

6.1 O PÁTIO | O SAGUÃO | ABERTO E FECHADO

O pátio define-se por “ Parte de terreno descoberto (...) para iluminar e arejar os recintos internos.”³⁷ As dimensões e desenhos destes

O Pátio

³⁷ SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida. “Dicionário de termos de Arte e Arquitectura”, ed. Presença, 2005, p, 279.

recintos murados e descobertos são variáveis. Pode-se dizer que existem, os que foram construídos para serem pátios de origem e os que resultaram pela ocupação espontânea de logradouros, ou de palácios e claustros conventuais. Até ao século XVIII os pátios possuíam certas características no tecido da cidade, depois do Terramoto surgiram os pátios saguão, como consequência das opções tomadas na Baixa Pombalina, em relação ao quarteirão. Em Lisboa, a habitação inferior em torno de um pátio ou beco foram chamados de pátios ou vilas.

“O exterior esconde quase sempre o recinto interior. É uma porta vulgar de madeira rasgada na frontaria de um prédio ou de uma casa, ou um portão aberto em muros altos quase sempre fechado. Mas também existem pátios onde o acesso se faz através de um arco e de um túnel aberto na construção que lhe faz de fachada exterior.”³⁸ Outros, menos comuns, pelo contrário, deixam os olhares penetrarem no seu espaço interior. Alguns, possuem mais que uma entrada, por apresentarem saídas nas traseiras ou ligarem a ruas ou outros pátios, ou para a via pública, adquirindo aspetos de largo, beco ou terreiro.

Edifícios que fazem de fachada, cumprem a linha estética da rua, não coexistindo correspondência com o interior. Aproveita-se logradouros nas traseiras.

Nuns penetramos o pátio como intrusos. Sem acesso direto. Escadas, corredores, tuneis, curvas configuram o mistério. Há pátios pequenos. Os grandes têm sido alvo de compartimentações, ou por quintas ou por outros exemplos ainda menos interessantes. Isto relaciona-se com a variada amostra de plantas pátio. O recinto quadrado e o retangular em plantas são comuns nas zonas antigas. No século XIX industrializado identificam-se outros em planta U e L. Os de forma irregular são típicos de outro tipo de ocupação. A

³⁸ LEITE, Ana Cristina, VILHENA “Pátios de Lisboa: Aldeias entre muros” 1ª ed. Lisboa: Gradiva. 1991, p.43.

habitação operária possui pátios de rua. Outros, possuem dois recintos interligados por corredores ou tuneis. Torna-se comum a existência de fachadas carentes, com portas e janelas de molduras simples sem desenhos e elementos decorativos. Arquiteturas pobres. O contraste surge quando um dos lados do recinto pertence a um palacete ou quando um pátio rodeado por um claustro onde “se pressentem ainda as arcarias e a monumentalidade do espaço misturados com o abarracamento das habitações.”³⁹ Como elementos reveladores de vestígios de um passado.

O recinto, apesar de tudo, aparece largamente enfeitado, pelas cortinas de renda, gaiolas e vasos pendurados, estendais improvisados. Os pátios são intemporais e o encanto de certos locais.

A tese de doutoramento do professor Nuno Arenga *O saguão na habitação urbana*, aborda o tema em estudo. O desenvolvimento da casa em torno de um espaço exterior, de posição nuclear, é uma forma de organização espacial. Designação de pátio é antiga e remete para uma origem ancestral e no sentido da construção de uma ideia de casa.

O pátio tem origem nas civilizações agrárias, muito antigas e não no convento. Na casa pátio, contém uma organização formal e espacial, centrada na definição e na presença nuclear desse pátio, como elemento compositivo fundamental. “Johannes Spalt afirma que as culturas Etrusca e Grega tiveram uma influência decisiva na casa Romana.”⁴⁰ O fogo, elemento na época essencial para o aquecimento e conforto, situava-se originariamente no centro da casa, mais tarde acabando por ser transferido para a sala de estar. O centro da casa, acabou por ser substituído pela cisterna, ou seja, recinto de recolha de água pluvial, que por sua vez tornara a ser trocado pela fonte.

³⁹ LEITE, Ana Cristina, VILHENA “Pátios de Lisboa: Aldeias entre muros” 1ª ed. Lisboa: Gradiva. 1991, p.44.

⁴⁰ ARENGA Nuno “O saguão na habitação urbana”. Tese para obtenção de grau de Doutor. Faculdade de arquitectura, Lisboa, Julho de 2009, p,32.

Na casa medieval, houve perda da qualidade do pátio e no espaço doméstico precaridade dos materiais.

Nas casas mais modestas ou ricas, tem-no como centro, o que vai de encontro com a arquitetura claustral. O pátio passa a ter uma ocupação de tempo curto, sem carácter de permanência. Desprovido de galerias envolventes e sem o necessário atravessamento. Afastado da fachada, destina-se a um lugar de recolha de luz e ventilação para o interior da casa. Passa para a tardoz. Sem a celebração arquitetónica. A partir de casas com uma só frente de fachada, o pátio na tardoz assegura as necessidades de ventilação e iluminação. Aparecimento de pátios residuais que se encontram junto à escadas que articulam os pisos da casa, surgindo como uma condição acessória. Apesar disso, assume-se como papel principal de iluminação e ventilação isenta de uma intencionalidade arquitetónica específica.

O pátio, a dada altura torna-se um lugar com maior emprego decorativo e a nível de revestimentos, sem excluir a entrada da casa, muitas vezes escondida do domínio público. Como acontecera na casa romana, possuindo um carácter igualmente representativo na casa e delimitado por colunas. Moderando a temperatura que permite o arrefecimento do ar no seu interior. O Homem necessita de um espaço de recolhimento, que o proteja do exterior desconhecido. Protagonista da organização funcional e espacial, permite a relação interior e exterior pelo acesso, com a obtenção de luz, e com o ar livre.

O pátio foi em tempos um elemento nuclear, estruturante nos princípios de regularidade, simetria e modulação. Devido ao aumento de densidade urbana, o saguão, que abordar-se-á mais adiante, caracteriza-se pelo crescimento em altura e redução da dimensão horizontal, ao inverso do pátio. Vindo substituir pela sua dimensão a caracterização do pátio na cidade. E o pátio ficou sujeito a um

imaginário de qualidade de vida excepcional, e visto como um jardim privado.

O saguão associa-se a espaços de compartimentação que pode ser insalubre, pois tem dificuldades de ventilação e iluminação, dos compartimentos não expostos ao espaço exterior envolvente. Espaço de transição, vestibular, que liga a rua ao pequeno pátio interior da casa. Espécie de alpendre, espaço estreito. O Saguão pode ser um desenvolvimento de um poço ventilador, como aumento da sua capacidade de qualificação ou pelo contrário, a redução de uma ideia maior de pátio, apesar de nada ter a ver com o conceito do pátio.

O Saguão

“ (...) primeira hipótese de genealogia do saguão: a redução da dimensão (horizontal) do pátio e o crescimento em altura da casa-pátio, pressionadas pelo aumento da densidade urbana, induzem um crescimento da proporção vertical do pátio, e, em casos extremos a sua conversão num ponto de ventilação.”⁴¹

O saguão é definido como uma “chaminé” e define-se como um apertado vazio, que busca a captação de luz e ventilação natural em compartimentos ou lugares que não recebam estes recursos. Este elemento, surge quando numa conceção de uma unidade, admite uma interioridade e uma profundidade na sua verticalidade, ou quando o espaço que o necessita, contém uma forma encerrada e delimitada por outras pré-existências.

O pátio constituiu sempre como um elemento notório na história da arquitetura. A razão profunda da sua existência, presta-se à época da revolução industrial, na segunda metade do século XIX, quando o crescimento populacional exponencial densificou o tecido urbano. Evocando o pensamento dos arquitetos, quanto à resolução da casa urbana. Com a introdução do saguão em edifícios extensos, conduziu a uma hierarquia mais acentuada de espaços. Questionando as

⁴¹ ARENGA Nuno “O saguão na habitação urbana”. Tese para obtenção de grau de Doutor. Faculdade de arquitectura, Lisboa, Julho de 2009, p, 41.

relações sombra-luz, interior-exterior que o saguão implica numa unidade.

Aberto e fechado

A abertura torna o espaço em volta acessível e expõe o Homem à intrusão do exterior. Pode-se considerar dois tipos de edifícios: o primeiro desprovido de aberturas, que parecerá inóspito quando se encontra num espaço aberto, definindo-se como o edifício “contentor” fechado, no qual surgem vãos consoante a necessidade; o segundo, por contraste, com um arranjo arejado de placas horizontais e verticais com espaço aberto, entre ambos ou seja, as aberturas do edifício encontram-se em constante relação com o exterior, prevalecendo a ideia de continuidade e do “(...) movimento para-dentro-e-para-fora.”⁴² Como se o exterior penetrasse simultaneamente o interior. Por outro lado as aberturas excessivas destroem a unidade de um todo.

Quando se atribui aos espaços abertos, a mesma correspondência de espaços fechados, obtém-se a ideia de transparência do edifício.

A alteração do uso do pátio, ou a construção de uma nova entidade espacial, que não sendo um saguão, evocará a um tipo de abertura sem ser um poço, mas um elemento acessório de iluminação e ventilação natural, com uma outra configuração, de forma horizontal, que possa contribuir para o pensamento sobre os limites, contornos e restrições, que o sítio vazio encerrado contém. Limites físicos, que ditam o pensamento arquitetónico, até ao momento da sua execução.

⁴² ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica” . P.185

7 ADAPTABILIDADE DO ESPAÇO | USO

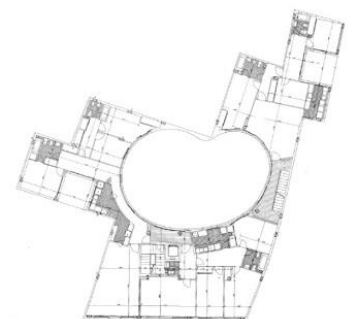
A adaptabilidade implica uma reestruturação no contexto do sítio. Tendo em conta que este não pode vir a ser o que já foi. Os limites que o encerram, sejam eles visuais ou físicos, influenciam o tipo de ocupação e portanto é preciso ter em conta, as relações existentes no lugar, bem como a sua identidade, de modo a dar resposta às exigências e necessidades do espaço. Precisa-se de evitar a rutura do tecido e portanto respeitar as origens do sítio, seja uma pré-existência ou um vazio não útil e desocupado. A adaptabilidade é necessária devido à sua posterior função social e cultural.

No contexto do vazio, pretende-se enquadrar uma solução coerente, que se relacione com a envolvente e que contribua para o equilíbrio e dinamismo do sítio.

8 ARQUITECTURA - CASOS DE ESTUDO | REFERÊNCIAS

Os casos de estudo que se seguem, apesar de partirem de objetivos distintos, relativo ao uso e adaptabilidade, convergem de princípios de estratégia semelhantes, nomeadamente pela reinterpretação de uma configuração mais ou menos consolidada ou irregular.

Estuda-se primeiramente, a configuração de um vazio encerrado, que adquire geometrias delicadas, que são restos de algo. A intervenção poderá ser estabelecida, a partir de uma forma nuclear redentora e central, não desfazendo necessárias perfurações acessórias. É o caso do projeto do edifício de habitação, Calle Doña Coronel, Sevilha, 1976, arquiteto Antonio Ortiz Garcia e Antonio Cruz Villalon, registado em Contemporary Spanish Architecture, Na Eclitic Panorama, ed. Rizzoli, Nova Iorque, 1986. Agrupando-se a um outro

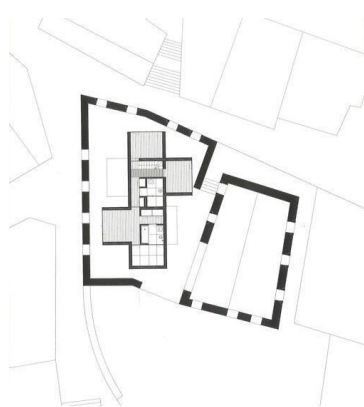


1 Edifício de habitação registado em Contemporary Spanish Architecture. Projecto dos arquitetos Cruz e Ortiz. Sevilha 1976



2 Pátio do edifício Doña Coronel.
Projecto dos arquitectos Cruz e
Ortiz. Sevilha 1976

tipo de pátio. Projetado para um sítio, que resultou de uma demolição de um edifício antigo do centro histórico da cidade. Lembra-se que em Sevilha, existe uma forte tradição de pátios. Em resposta a um sítio especialmente irregular, o projeto desde o início incorporou as singularidades implicadas por tais circunstâncias. O pátio apareceu como uma necessidade e serviu para resolver a organização do edifício. Estabelecendo limites tanto para os diferentes apartamentos, como para a organização espacial dos acessos e dependências. O excesso de luz durante o verão é controlado por um toldo retangular.



3 Reabilitação em Alenquer.
Projecto dos Aires Mateus. 1999
2002

Segue-se a reabilitação de uma casa concebida pelos Aires Mateus, em Alenquer, Portugal.

Neste projeto, importa perceber o tipo de ocupação, que o sítio foi sujeito, tendo em conta que as ruínas pré-existentes foram mantidas. Sabe-se que as ruínas “podem ser testemunho de um género fluir do tempo, nunca a sua paragem, nem travão na construção da cidade, sempre reconstruída sobre sedimentos do passado.”⁴³ Importa salientar, que o projeto desenvolvido a partir de uma ruína, demonstra outro tipo de estratégia de intervenção, e distinta da anterior, face à situação do vazio. As restrições encontram-se nos limites que a ruína comporta. Persistindo uma relação constante entre o projeto novo e a ruína, através da relação entre os vãos, também devido à vantajosa envolvente do sítio. Nota-se de facto uma recuperação das ruínas, de tal forma que a sua referência no projeto desaparece. A condição do negativo passa a positivo.



4 Fachada do hotel The Water
House do atelier NHDRO. 2010

Estuda-se o projeto hoteleiro Water House de autoria do atelier NHDRO. A escolha do projeto deve-se ao conceito de adaptabilidade. Os arquitetos reintegram o edifício, localizado em Xangai, conhecido

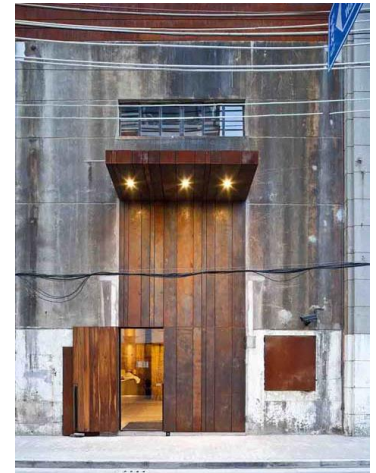
⁴³ COSTA, Alexandre Alves – *O Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade*. *Jornal de Arquitectos* nº213, Novembro - Dezembro, 2003, pp. 7-13, p 7.

como a sede de um quartel-general, em desuso, adaptando-o num hotel. Tendo como objetivo uma construção e uma recuperação do edifício original. A pré-existência revela uma importância superior face às intervenções do projeto novo, respeitando a memória e permitindo a continuidade do lugar, como elemento integrante do sítio.

Pode-se resumir que nesta intervenção os recursos existentes foram intocados, como o betão, os vãos substituídos e outros vãos estreitos adicionados. O quarto piso pela materialidade e formalidade que abarca, ressoa com a natureza industrial dos navios que atravessam o rio, oferecendo uma ligação contextual análoga à história e cultura local, evidenciando-se como elemento de acrescento.

O hotel expressa uma transfusão entre o interior e o exterior, sendo que os espaços públicos e privados, contém ligações visuais, surgindo como espaços inesperados que caracterizam o projeto bem como a condição urbana de Xangai, que se define por corredores visuais adjacentes permitindo uma condição única e característica da cidade.

Pode concluir-se desta intervenção que existe um distanciamento entre o novo e o velho, no entanto relacionam-se, permitindo um elo de ligação entre o presente e o passado.



5 Fachada do hotel The Water House do atelier NHDRO. 2010

PARTE II

9 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO BAIRRO ALTO

O Bairro Alto, no início do século XVI, (6) resultou do aumento demográfico originando o seu alargamento, até então limitado pela muralha fernandina (1373-1375). A muralha “(...) perde a importância medieval e as classes populares deslocam-se no seu exterior, construindo primeiro em paralelo à margem, mas também e rapidamente subindo a encosta. Se por um lado a leste, a urbe vai continuar a crescer desordenadamente, à semelhança dos bairros paredes meias com a muralha Fernandina, o mesmo não sucede para poente, onde a construção é alvo de uma cuidada legislação renascentista.”⁴⁴ A poente a construção surgiu com um traçado régio.

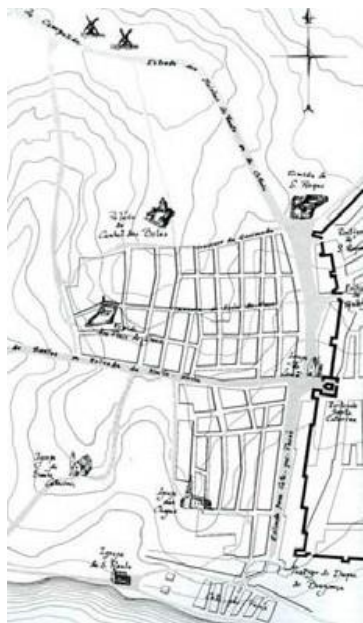
A cidade manifestava-se pela cidade-porto, como novo centro de comércio e acentuada extensão territorial. O fenómeno de desenvolvimento urbano é de notar no surgimento do Bairro Alto ainda hoje enigmático. A extensão de terreno desde o rio ao cimo da colina, pertencente, na época, ao judeu Guedelha Palaçano que possuía um vasto domínio (8) onde “ (...) é iniciada a urbanização, por



6 Zona a poente da muralha fernandina com as principais vias de nos finais do século XV

⁴⁴ CLEMENTE, Augusto, RIBEIRO, Rogério, “Lisboa – Pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos”, ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2000 p,91

volta de 1513, com as propriedades então na posse de Bartolomeu de Andrade.”⁴⁵ Impondo normas construtivas como a proibição de uso de varandas salientes e o estudo de um loteamento regular. O gradual povoamento do bairro começou pela Trindade, a Vila de Nova de Andrade (1513) feito entre vinhas hortas e terrenos, cedidos por D. Dinis a Manuel Pessanha. Nota-se a evidente aproximação ao rio em concordância com os trabalhos no mar. O processo de crescimento do bairro é apressado pelo Terramoto de 1531, também devido às epidemias e pestes, que acelerou a imposição legal de construir em breve prazo, altura em que os Jesuítas se instalaram em S. Roque deslocando o centro do bairro para a Igreja de S. Roque.



7 Primeira fase de urbanização

Mais afastado do rio, a Norte, instalavam-se as famílias fidalgas ligadas a atividades produtivas. A instalação dos Jesuítas, a partir de 1553, no Alto de S. Roque, contribui para o aparecimento de palácios e casas religiosas pertencentes a burgueses e membros da nobreza. Bem como para a construção da Igreja de S. Roque, o santo protetor das pestes. As vantagens do lado Norte do bairro em termos de ventilação e qualidade do ar diziam afastar-se das pestes perigosas que persistiam em Lisboa. O padre Baltazar dizia, que o bairro possuía as casarias mais nobres, o mais lavado de ventos as ruas largas e de traçado moderno e purificado de ares, “uns queriam a vista do campo, outros a do mar; um preferia contemplar o poente, os outeiros verdejantes, a barra do Tejo e as campinas da Outra-banda; aquelle ia buscar a saúde nos ares lavados dos Moinhos de vento;”⁴⁶



8 Segunda fase de urbanização

O Bairro desenvolveu-se a partir de quarteirões e de quintas, e os conventos e igrejas mantiveram-se à parte da transformação territorial.

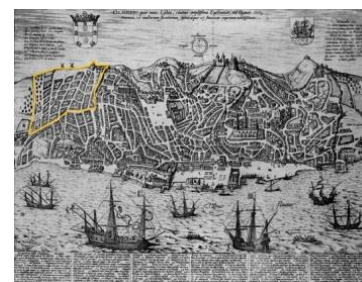
⁴⁵ MATOS, Rui, “Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina”, Lisboa: Contexto, 1994, p,51.

⁴⁶ CASTILHO, Júlio de, 1840-1919; SILVA, Augusto Vieira da, 1869-1959, “Lisboa Antiga”, Lisboa 1902-1952, p, 63.

O território surge então a partir de um planalto terminado a Norte que se desenvolve depois com um agradável declive a sul que permite o deslumbre de distintos pontos visuais. Tendo sido resultado de uma intervenção em loteamento, marcado por construções pombalinas (1758).

A sua ocupação começou a sul com gente mais modesta ligada ao mar mas depressa tornou-se lugar desejado pelo clero e nobreza que no Bairro construíram Palácios, Conventos e Igrejas. As casas Senhoriais foram decaindo e a classe média procurou em áreas de expansão em construções novas. A sua coerência morfológica afirma-se pela imagem global da heterogeneidade edificatória, rica de pormenores nas ruas, aparentemente não destacando em especial qualquer edifício singular, no entanto sabe-se que tal não corresponde à verdade, pois para além da típica escala e regularidade urbana do Bairro, encontrando-se: o Hospital de São Louis onde faleceu Fernando Pessoa (1935) e Almada Negreiros (1970) em que precisamente à entrada lê-se uma citação do primeiro “I know not what tomorrow will bring”; ainda entre a Rua dos Caetanos e a Rua João Pereira da Rosa encontra-se a Escola de Música do Conservatório Nacional, fundada por iniciativa de Almeida Garrett, o mesmo que propôs o Teatro de D. Maria II, a Rua do Século, que recebe o seu nome pelo Jornal “O Século” que funcionou durante quase cem anos (1880-1979); o Convento dos Cardais, destinado às carmelitas descalças, fundado no século XVII funcionando como instituição de caridade; o Palácio Marquês de Pombal, onde nasceu o marquês; o Palácio Ratton, ocupado pelo Tribunal Constitucional, o Palácio dos Lumiares, de tipo maneirista do século XVII atualmente com visíveis sinais de abandono, o Palacete do Calhariz e Sobral, o Convento e Igreja de São Pedro de Alcântara (1680), ampliado no reinado de D. João V, entre outros edifícios emblemáticos.

Nota-se a persistência da coletividade e relações de vizinhança devido ao uso do espaço exterior público. No entanto os residentes são idosos e embora persistam problemas de fixação, devido à



9 Vista de Lisboa da 2ª metade do século XVI



10 Mapa de Lisboa datado 1850



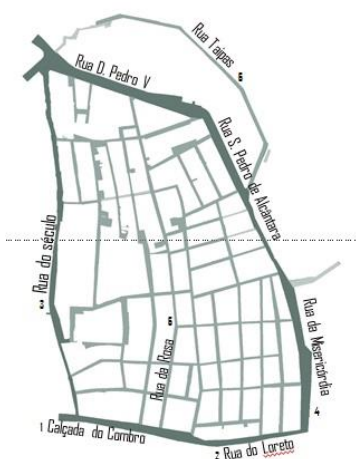
11 Mapa de Lisboa datado 1904-1911

expulsão dos residentes tradicionais, constata-se um aumento de população jovem, que por se encontrar em início de vida procura casas mais baratas no Bairro, provocando uma alteração na dinâmica do bairro. O Bairro Alto é bem apetrechado de equipamentos desde, recreativos, educativos, culturais e restauração. No entanto a vida quotidiana e rotineira é marcada também pela perda de comércio tradicional e de uma menor prática de deslocações nas ruas por parte dos residentes. De manhã assiste-se às cargas e descargas e vive-se com as mulheres e idosos a deambularem pelas lojas. À tarde surge uma população exterior, apressada e empregadora. O comércio tem vindo a alterar-se, novas lojas surgem e a classe nova empreendedora surge, criando outra vivência cultural, para além de existir um quarteirão inteiramente novo. À noite a ocupação difere, os estranhos e turistas apoderam-se dos bares e das ruas (12) do bairro e um elevado número de casas noturnas servem-nos, provocando uma atmosfera boémia e insegura. Esta outra face do bairro, noturna e marginal ganha destaque pelos constantes assaltos ocorrentes, mas por outro lado adquire em certas ruas uma fama lúdica e acolhedora pelos nobres restaurantes e bares existentes.

A maior parte dos lotes são de forma alongada com dimensões próximas de seis a oito metros de frente e com doze a quinze de profundidade. Existem alterações e acrescentos duvidosos em determinados edifícios e um destaque na deterioração dos mesmos.

O Bairro como já referido resistiu ao Terramoto, sobretudo a Norte, tendo sido posteriormente sujeito a um plano de urbanização, em 1758, por parte do Pombal com o propósito de regularizarem-se ruas, praças e largos. Nota-se o crescimento vertical das edificações e as alterações sucessivas descaracterizam o conceito do Bairro. As ruas encontram-se sombrias e as habitações perderam o logradouro e o saguão devido à crescente densificação.

O interior dos quarteirões fora em tempos ocupado por logradouros, servindo de apoio à habitação, assegurando a iluminação necessária



12 Diagrama das ruas que delimitam o Bairro Alto

e facilitando a ventilação dos fogos. Era este o quarteirão tipo do Bairro Alto. Com o loteamento uniforme permitiu-se uma malha ortogonal com uma série de normativas como a recusa de varandas salientes de modo a promover a harmonização do conjunto.

Para além da abolição das ordens religiosas, também com a industrialização assiste-se à ocupação de certos palácios por parte de jornais e impensas que provocou alterações em infra estruturas e por seguinte a sua decadência. Ou seja, o “(...) estabelecimento de tipografias e da Imprensa no centro no centro do núcleo histórico do Bairro Alto vem dotá-lo de características culturais e sócio-económicas muito especiais, criando uma vida noturna de intelectuais (...)”⁴⁷ Para além da instalação de equipamentos culturais como redações de jornais, ao longo do século XIX, que ocupam respetivamente os palácios.

9.1 BAIRRO ALTO | INTERVENÇÃO

A proposta arquitetónica referente à presente dissertação teórica incide sobre a colina de S. Roque, especificamente a zona norte do Bairro Alto. No âmbito da disciplina de Projeto VI, a investigação partiu de três propostas urbanas (13) como potenciais de projeto na cidade de Lisboa.

Propõe-se como programa estabelecer uma estratégia arquitetónica que sirva as populações locais mas também um modo de atrair novos habitantes que possam regenerar um tecido socialmente deprimido. Procura-se mapear e incentivar ambições mais complexas. Tendo em conta que os vazios são campos experimentais mas delicados, a intervenção pretende identificar espaços degradados e desocupados.



13 Diagrama dos espaços passíveis de sofrerem alteração | destaque para o número 2 sítio do projeto

⁴⁷ CLEMENTE, Augusto, RIBEIRO, Rogério, “Lisboa – Pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos”, ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2000 p, 94.

Tendo em consideração a relevância do transporte público, de bicicleta ou pedestre em detrimento da mobilidade baseada no transporte privado, no centro histórico.

A cidade sendo um sistema de rede, definida por ruturas, os vazios ou espaçamentos são momentos de potencial oportunidade de intervenção, renovação e revitalização.

Os vazios na área metropolitana são manchas de não cidade, lugares ignorados, ausentes ou em desuso ou sobreviventes. Cadastro persistente em perímetros urbanos consolidados. Áreas em ruína antes produtivas mas agora desativadas. São espaços expectantes. Por vezes em centros históricos outrora vividos mas agora em decadência. A escala de intervenção em centros históricos apresentados como espaços degradados demonstra o sentido cultural do papel da arquitetura na sociedade contemporânea portuguesa.

Em Lisboa encontram-se espaços sobrantes e vazios não uteis e que não têm de ser necessariamente expectantes, à espera de requalificação. Portanto áreas degradadas e não estruturadas no interior da cidade, áreas obsoletas do sistema industrial, áreas a desativar, ou áreas a reconverter entre áreas portuárias junto à ribeirinha. Ou seja, os vazios constituem oportunidades não restrita ao uso do solo mas de promoção de qualidade de vida na cidade. São espaços de tensão. Não se deve ignorar as memórias de ocupação, quando tal aconteceu e nem todos os vazios são passíveis de preenchimento. Os vazios são ocasiões de densificação também para justificar a contenção da expansão na periferia. Criando uma estrutura coerente e hierarquizado, ou na posse de espaço público, ou verde, ou ainda programático. O nível de intervenção em estudo reforça definitivamente o centro histórico urbano.

O vazio encerrado, consiste num espaço a preencher e após a reflexão dualista entre construir ou destruir construindo, pretende-se

revitalizar o espaço. Procura-se uma intervenção que potencie a descoberta, e a criação de momentos, cheios de alma e cheios de sentido.

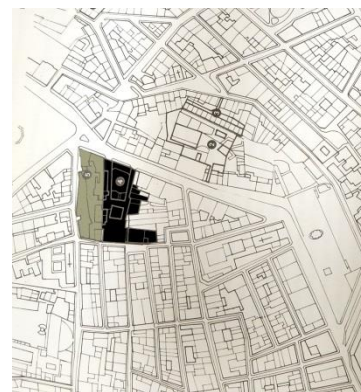
A densificação na cidade promove a riqueza e a complexidade das relações que estabelece, carregando potencial transformador, de modo a regenerar tecidos em localizações privilegiadas na cidade. Vazios deprimidos. Criação da cidade compacta, pelo facto de existir muitas zonas para reconstruir e reorganizar sobretudo o território dos bairros históricos. Propostas arquitetónicas que se relacionam com envolvente, através da toma dos valores do sítio. Pela criação de zonas de verdadeiro charme, acontecimentos em ambientes sustentáveis.

A situação atual, embora não desesperante, confirma a necessidade de garantia, de condições básicas de segurança e de qualidade ambiental de modo a promover a higienização do bairro. É preciso então, renovar espaços públicos e organizar outros.

A revitalização urbana procura recuperar o bairro, respeitando a sua morfologia e mantendo a população residente. Manter também a memória da cidade, preservando a memória do lugar.

10 CONTEXTUALIZAÇÃO DO VAZIO URBANO | ANTIGA LITOGRAFIA

Na zona em estudo assiste-se a um conjunto urbano antigo, o Pátio do Tijolo (14 e 15), onde se desenvolveu o casario de forma em U, rematado por um pátio privado. Articula-se com o Alto (fig.14) do Longo de habitação operária e com o Palácio Condes de Soure. Caracteriza-se por uma zona heterogénea mesmo nos acessos que revelam uma independência no seu traçado, as habitações modestas de um a três pisos e algumas oficinas, relaciona-se de tal forma com a



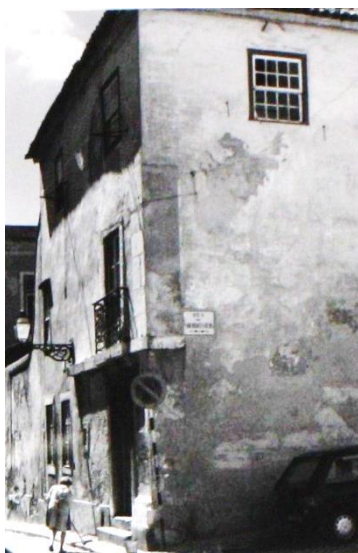
14 Mapa com a localização do Pátio do Tijolo (a preto) e do Pátio do Alto Longo (a cinza)



15 Estado atual do Pátio do Tijolo



16 Vista do pátio | Fachada principal do Palácio Braamcamp (fundação XVII e reedificação XIX 1879)



17 Palácio dos Condes de Soure

zona exterior que a tornam semi-privada. O acesso ao Pátio faz-se pela Rua D. Pedro V, antigo eixo viário do Moinho de Vento, entre edificações burguesas, e por zonas distintas entre si, nomeadamente a Litografia de Portugal, junto ao pátio privado onde se encontra o Palacete Braamcamp, (16) digno de uma atenção mais atenta, de aspeto nobre. Zona em que coexiste então, uma faceta aristocrática e popular. Nesta área encontram-se antigas cocheiras e casas pobres onde se destaca o Palácio dos Condes de Soure. (17) “ Com o decorrer do tempo terá sido, certamente, ampliado e melhorado, tendo sido residência, nos finais do século. XVII, da Rainha de Inglaterra D. Catarina de Bragança. Em 1730 sofre um pequeno incêndio e três naos depois é alugado para o Teatro do Bairro Alto, que nele funcionou até ao Terramoto de 1755.”⁴⁸ habitado, em meados do século XVII, pelos seus proprietários Conde D. João e a Condessa D. Francisca, recebendo em meados do mesmo século D. Catarina, viúva de Carlos II de Inglaterra que se muda para Belém. No século XVIII assiste-se á presença dos Infantes, filhos de D. Pedro II bem como a dos Condes da Ribeira em 1723. Numa das alas, ou seja no pátio junto à rua, como anteriormente referido, instalou-se o teatro construído em madeira, dos Condes de Soure ou Teatro do Bairro Alto mas após o terramoto e reconstrução do palácio funcionou como teatro, em 1760, da Casa da Ópera onde encerrou no início do século XIX. A distribuição do casario foi sendo sucessivamente destruída e reconstruída.

Os terrenos que circundavam o palácio tornam-se posse do Conselheiro Anselmo Braamcamp, que ergue o seu belo palácio, onde viveu e morreu. No séc. XX, de propriedade do Governo francês, é transformado na Escola Francesa do Pátio do Tijolo. Entretanto, na propriedade da Câmara Municipal de Lisboa instalaram-se serviços e em Maio de 2009 o palácio foi vendido a particulares. O harmonioso palácio começou a ser construído em

⁴⁸ CARITA, Hélder. “Bairro Alto, tipologias e modos arquitectónicos,” Lisboa: Câmara Municipal, 1994, p, 92.

1879 sobre restos do antigo palácio do Conde de Soure. Edifício de “inspiração neoclássica, com acesso por um pátio ajardinado que é ao mesmo tempo terraço com romântica vista sobre os telhados na colina e o rio; a fachada principal é revestida de cantaria no rés-do-chão, com dupla janela nobre de balcão no primeiro andar e alta mansarda coroada por frontão redondo com óculo; uma bonita sala envidraçada (muito adulterada após um incêndio) deita sobre um pequeno terraço ajardinado, na fachada posterior. O seu interior, organizado à volta de um hall central com corredor de varandim no primeiro andar, é decorado com bons trabalhos de estuque, talha, vidros e metais, num luxo de palacete. É de notar o desenho da escada que nos leva ao primeiro andar e o trabalho de marcenaria e talha na antiga sala de jantar (embora se encontre alterada).”⁴⁹

Na proximidade ao palácio mencionado persiste uma fachada degradada (18) que denuncia o local onde em tempos se situou a litografia do bairro. Atualmente esse espaço ocupa-se por um vazio em que na sua proximidade encontra-se o Palácio abordado anteriormente e uma empena cega (19) que termina em fachadas isoladas e firmes. Pode-se considerar que o vazio não se identifica como lugar ou seja como espaço arquitetónico, pelo facto de nele não se associarem parâmetros de identidade e de carácter cultural. Embora as fachadas que o encerrem contenham valor patrimonial por se inserirem na imagem do Bairro.

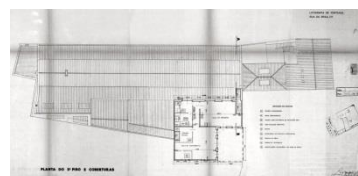
Para o estudo da estrutura da antiga litografia recorreu-se ao suporte de desenhos técnicos adquiridos no arquivo da Camara Municipal (20 e 21). O que contribuiu um estudo através de amarelos e vermelhos para a compreensão do espaço. As fachadas existentes que fazem frente à rua da Rosa e à Rua São Boaventura foram igualmente conseguidas no Arquivo. O edifício antigo que remata o vazio junto à Travessa Conde de Soure não possui registo dos seus desenhos devido à época de construção.



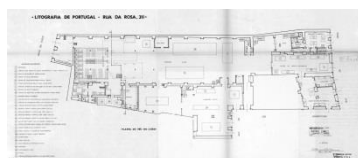
18 Desenho técnico do topo do extremo poente da antiga fachada da litografia



19 Empena que denuncia a antiga estrutura da litografia



20. Desenho técnico da planta de cobertura da antiga litografia



21. Desenho técnico da planta do piso térreo da antiga litografia em que se observa a estrutura junto à empena hoje existente

⁴⁹ FRANÇA, José Augusto. A Sétima Colina Roteiro Histórico Artístico.” Lisboa: Livros Horizonte, 1994. p. 88

11 DO VAZIO À UNIDADE HOTELEIRA – SOLUÇÃO ARQUITETÓNICA



22. Muro da Rua S. Boaventura



23. Muro que dá para o pátio



24. Fachada | Rua de S. Boaventura

O projeto compreende a junção de três frentes do Bairro. As ruas que encontram o vazio em estudo são estreitas e de cariz similar. Se a nascente depara-se com uma rua comprida e conhecida de muitos, Rua da Rosa, com cores salpicadas varandas que suportam pombos e contentam os entendais baloiçantes ao vento, com vizinhos à janela e comerciantes ocupados com as cargas e descargas, por outro a Poente encontra-se um sossego junto a um impetuoso portão que serve o pátio do Palácio Braamcamp, acompanhado de edificações distintas e neutras do bairro. Já na rua S. Boaventura a Sudeste uma causa perdida, uma fachada esquecida mas com uma particularidade única, vãos imensos, e um muro que abraça uma nespereira persistente. (22)

Para a intervenção precisa-se de uma noção sólida a ter em conta aquando de uma proposta de hotel, nomeadamente a consciência do sítio. Bem como o tipo de destinatários que o cinge, ou seja o tamanho do hotel está intimamente relacionado com o espaço onde se implanta.

Da construção original da litografia pouco resta o que permite uma liberdade na organização do espaço. O acesso pode-se fazer por um pátio (23) pré-existente que se situa numa das frentes.

Embora a degradação visível das fachadas pelo uso da estrutura metálica (24) que as sustenta ainda se mantém muitas das características originais como a cantaria. Neste sentido e devido às sucessivas alterações e desgaste da zona propõe-se a análise espacial de peças desenhadas referentes à litografia. Onde é possível assistir-

se a acrescentos e alterações no seu interior através das plantas cedidas pelo Arquivo Municipal de Lisboa.

O desenvolvimento e diversificação do turismo, ocorrido nas últimas décadas, paralelamente à redução da distância e à economia de viagens devido à evolução do transporte, proporcionou uma mudança no modo de fazer hotel. Podendo-se estabelecer hotéis centrais e não centrais entre outros. Foquemo-nos nos centrais, ou seja, hotéis urbanos localizados no centro, com uma proximidade de ofertas de restauração, e lazeres diversos. Fator relevante para a atração de hóspedes. Portanto a localização numa zona centro prestigiada torna-se positivo para o programa de unidade hoteleira.

Uma unidade hoteleira implantada num centro antigo requer de uma atenção aquando da solução dos acessos, dos hóspedes, dos prestadores de serviço e dos fornecedores. Relativamente à dimensão do hotel, conforme os especialistas, os de menor dimensão, e portanto com menor número de funcionários, possuem uma estrutura administrativa simplificada podendo-se reduzir custos e manter-se condições de competitividade no mercado.

12 ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO | LUGARES EXPECTANTES

A conceção do projeto teve como suporte a necessária inclusão de vazios menores no interior do vazio urbano existente a Norte do Bairro Alto. Vazio sobranete que se alastrou e prendeu outros restos envolventes. Lugares esquecidos, abandonados e apagados.



25. Escada de acesso ao Palácio dos Condes de Soure

Segundo uma gradação de valor, conseguiu-se concentrar uma série de saguões e pátios de modo a satisfazer as necessidades de iluminação e ventilação que o lugar carecia.

A partir do pátio existente, e pertencente ao edifício antigo, surge a entrada da unidade hoteleira. Este pátio adquire valores arquiteturais, e elementos notáveis. A preservação de uma escadaria em pedra (25), a entrada através de um muro que separa o espaço privado do público da rua. Uma escala de bairro que compreende a junção de elementos fulcrais na perceção do sítio. Este espaço intermediário pode ser entendido como o espaço de distribuição, a primeira impressão do projeto como revelador da sua intenção. A entrada adquire uma força e uma elegância quando envolvida pelas características nomeadas.

Após a entrada no lobby encontra-se visualmente a forma nuclear central, um vazio com presença de um espelho de água que clarifica de forma nobre o afastamento entre o palácio e a unidade hoteleira. O pátio beneficia assim a privacidade dos quartos. Próximo ao lobby encontra-se um espaço orgânico de pé direito duplo e central junto à distribuição vertical, que garante o acesso aos quartos, e horizontal para os consequentes espaços.

O vazio de água compreende igualmente perfurações acessórias, não dependendo do vazio nuclear maior. As perfurações, respetivos pátios e saguões, são confiáveis aos quartos. De menor escala, e de uso privado, isolam-se da paisagem do bairro embora possuam o espírito bairrista pelas formas e pelos elementos que detêm. Os vazios adquirem uma dualidade, uma primeira como espaço interior e privado e a segunda como espaço que permite aceder visualmente aos restantes espaços.

Os saguões ocorrem como qualificadores do espaço urbano. Pela função de ventilação e iluminação natural e configuração espacial das distintas dependências, bem como garantia do conforto do homem.

Bem como os pátios que pela sua geometria e orientação permitem um desfruto maios de conforto igualmente pela captação natural do ambiente. Surgindo como elementos estruturadores na proposta.

13 ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO | RELAÇÃO INTERIOR E EXTERIOR

Considera-se como área de estudo o Bairro Alto (26) estudado a partir do primeiro semestre como exercício sobre as sete colinas de Lisboa e os seus potenciais espaços devolutos à espera de uma proposta de intervenção.



26. Mapa de localização | indicado a preto aa colina de S. Roque

O objetivo da intervenção passa pela dinamização do sítio bem como do acréscimo em massa de forma a densificar o centro da cidade. Promovendo neste caso áreas de laser que assegurem o conforto e proximidade junto de áreas de oferta de restauração e de vivência de rua. Bem como a busca de tradições antigas que caracterizam a atmosfera do Bairro. A solução parte da implementação de frentes ocupadas em ruas potenciadoras de vida asseguradas com um percurso entendido como unitário e densificado de modo a combater os vazios urbanos dos centros históricos.

A densificação consiste na massa construída mas também nos vazios desocupados em si reconhecidos como espaço arquitetónico. Pretende-se que o vazio possa ser tratado como elemento de composição espacial e não como espaço sobranete ou esquecido. Espaço de rutura ou transição, entre diferentes malhas, espaços sobranetes ou inertes. São espaços exteriores a uma morfologia urbana.

Pretende-se uma regeneração destes vazios não identificados. Como é o caso do pátio de entrada com carácter transitório mas sobretudo de chegada e convívio. Sendo necessário o uso de espaços vazios programados, praça, pátio, saguão, entre a estrutura da cidade.

14 UM HOTEL PARA A VIDA DE BAIRRO

A reabilitação de um espaço esquecido pretende a reaproximação aos habitantes do bairro e dos seus visitantes. Promovendo a própria interação entre os residentes e os externos. Desenvolvendo-se uma malha densa de interações sociais e sem ruturas evita-se a descaracterização e marginalização da zona. O facto da atmosfera vivida ser interpelada de vivências culturais distintas a sua origem advém do fado e da restauração sendo um dos fatores de procura e interesse dos visitantes. A memória do lugar vive-se das ruas e dos recantos que nela existem. Pretende-se que a proposta de intervenção recrie espaços relacionados com as origens e memória do lugar.

14.1 DESCRIÇÃO DO ESTADO ACTUAL DO BAIRRO

Ao percorrer-se a subida da Rua da Rosa deparamo-nos ainda antes de chegar a antiga casa da papelaria Varela, por entre uma rua transversal dominada Rua São. Boaventura fachadas de tom rosa imponentes e persistentes no tempo. Vãos bem dimensionados que se impõem entre a rua estreita tipicamente bairrista. Obrigados a contornar a rua em L para vermos o limite das fachadas. Uma árvore espreita através de um muro de escala menor que serve de perímetro numa área onde uma casa antiga se insere. Um edifício particularmente interessante e da qual não existe informação cartografada pela data a que foi construído. Um pedaço do tempo esquecido e encerrado pela desocupação evidente. A Sul do mesmo avista-se um muro curioso com uma ornamentação orgânica e por conseguinte um Palácio reto o conhecido Palácio Braamcamp. A rua baixa de cota consideravelmente e a curiosidade encerrada pelo muro aumenta. Ao contornar-se a zona perimetral do Palácio depara-se com uma escadas bairristas que nos inserem num bairro menor, distinto do edificado do Bairro Alto. A escala diminui e as ruas balançam sem uma orientação reta. Uma rua transversal permite a passagem ao encontro de outra frente do Palácio e um portão imenso detém-nos. Com a porta semicerrada e um homem simpático à entrada é possível vislumbrar a fachada principal do portão que se encontra exatamente junto à outra frente do vazio urbano em estudo, agora a poente. Embora a fachada se imponha naquele imenso pátio uma vista sobre nós se encanta, enfiamentos visuais vincados e uma vista imensa para o rio e para o skyline do Bairro Alto se revela.

Nota-se a partir deste percursos que vistas potenciais se desdobram do vazio para o exterior, embora encerrado as cotas superiores podem atingir uma altura de Bairro considerável. Novamente de encontro ao portão depara-se com um resto de fachada da antiga

litografia, aliás a entrada possível. Agora encerrada com um portão de ferro mas que entre folhas semi encerradas é possível espreitar e comprovar-se o vazio agora existente. Uma área esquecida e desprovida de qualquer identidade. Uma Oportunidade de projeto.

15 QUE ESPAÇOS | QUE CLIENTES | QUE AMBIENTES ARQUITETÓNICOS?

Pretende-se com a proposta, preservar a autenticidade dos elementos sobrantes e existentes, nomeadamente as três distintas frentes de fachadas. Bem como uma atitude distinta e forte perante o que se encontra. De modo a identificar-se de imediato o antigo do novo. O antigo edifício também alvo de intervenção, visualmente pretende-se uma proposta mais cuidada e subtil. Tendo em conta que a preservação deste edifício requer de uma delicada interação com o restante vazio a norte bem como com as fachadas maiores. O pátio permite essa relação entre espaços. “A Arquitetura conhece duas possibilidades fundamentais de formação do espaço: o corpo fechado, que isola o espaço no seu interior, e o corpo aberto que abraça uma parte do espaço ligado ao contínuo infinito.”⁵⁰ Permitindo assim uma continuidade espacial.

Pretende-se também, satisfazer um tipo de hóspede que não só, procura um espaço de lazer, mas também um espaço adaptável ao plano de trabalho. Tendo em conta, que o projeto se encontra no centro histórico. Perante isto, procura-se um ambiente propício ao lazer e ao trabalho, de modo a satisfazer um público geral.

⁵⁰ ZUMTHOR, Peter, “Pensar a arquitectura”, ed Gustavo Gili, Barcelona 2005.P,20

16 O PROGRAMA | DESCRIÇÃO DO PROJETO

“Nos meios urbanos, (...) a favor das suas restrições ou, pelo menos, pela preservação da unidade e da harmonia do plano geral, não permitindo soluções que não lhe sejam globalmente ajustadas, por muito inspiradas que sejam e por mais elevada que seja a sua arquitectura.”⁵¹

O desenho da unidade hoteleira nasce da intenção de salvaguardar a vivência e autenticidade do Bairro Alto. Perante uma atitude de união entre os diversos usufruidores. A atitude perante o existente é de salvaguardar o carácter das ruas mantendo as fachadas que pela sua qualidade demonstram potencial. Pode-se considerar que a intervenção destina-se a um grupo de usufruidores de menor tempo de estadia, onde a restauração assume um papel de reduzida importância e com menor número de zonas comuns e ambientes. Sendo que as opções do projeto “reflectem as atitudes das pessoas por quem e para quem foram construídos, como também modelam ativamente o comportamento humano.”⁵²

Programa espacial

A configuração do sítio é determinante no desenho das três frentes urbanas da proposta. O relevo do terreno, aparentemente simples, pelo facto de assentar numa só cota, é contrariado pela geometria da implantação. Tendo em conta os enfiamentos de vistas que articulam os espaços exteriores públicos do Bairro pretende-se o maior proveito dessa qualidade bem como da orientação vantajosa que o sítio possui. Posto isto pretende-se que a perceção do carácter do conjunto se altere consoante seja observado do exterior.

⁵¹ RODRIGUES, José (coordenação), TOSTÕES, Ana, FIGUEIRA, Jorge, BANDEIRINHA, José António, CALADO, Maria, MESQUITA, Marieta Dá, TOUSSAINT, Michel, GRADE, Nuno, CARCALHO, Ricardo. “Teoria e crítica de arquitectura século XX”. Caleidoscópio, 2010, p, 419.

⁵² ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica”. P.217.

O desenho do edifício proposto “(...)é a organização espacial dos pensamentos acerca das suas funções.”⁵³ Posto isto, a intervenção possui uma configuração irregular de três frentes principais, como já referido. A organização destina-se a facilitar uma série de condições da área de hospedagem, como as áreas de serviço. O espaço de cozinha, cargas e descargas, vestiário e gabinetes específicos situa-se a nascente ou seja junto à conhecida Rua da Rosa. Enquanto que a área da pequena lavandaria localiza-se no outro extremo (poente), junto à Rua do Pátio do Tijolo. A área administrativa, bem como o espaço de eventos situa-se junto à entrada do hotel, na Rua S. Boaventura e Travessa Conde de Soure. A intervenção propõe um andar tipo, e áreas públicas organizadas com pequenas zonas de estar que anteveem um espaço, uma pequena sala de pequenos almoços, áreas administrativas como uma receção, contabilidade, quanto às áreas de serviços, uma lavandaria, vestiário, manutenção, depósitos, cozinha e seus constituintes, área de equipamentos.

Os volumes a poente e nascente possuem uma entrada autónoma de serviços. O corpo do topo poente alcança a maior cota, possuindo seis pisos. O corpo do topo sul, que remata o edifício, tem uma organização dissemelhante dos anteriores, sendo constituído por uma zona de apoio que corresponde ao embasamento do Palácio e uma zona de eventos servida pelo duplo pé direito do edifício. A ligação deste corpo com o núcleo central é conseguida através de uma passagem exterior, o pátio de entrada.

O núcleo de circulação a partir do qual se abre um corredor longitudinal que distribui para os diferentes espaços e permite percorrer sequencialmente os diferentes corpos. Sendo que a ala poente próxima do espelho de água, é preenchida com quartos desde o piso térreo ao último.

⁵³ ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica”. P.220.

No piso térreo à cota do passeio da Rua S. Boaventura, a entrada é feita a partir do pátio pré-existente, sombreado por uma nespereira. O espaço convida os usufruidores, através de um muro caracterizado por uma escala humana e íntima. O espaço como já referido é caracterizado por elementos de interesse que enfatizam a primeira ideia da unidade hoteleira.

Entrada



27. Desenho da autora | fachadas da Rua S. Boaventura e Travessa Conde de Soure

Nesta primeira perceção, percebe-se os dois destinos possíveis, a sul a reabilitação de um antigo Palácio dos Condes de Soure (fundado no século XVI e ampliado nos séculos XVII-XVIII) (27) que promove um espaço que busca a tradição das casas de fado, e por outro a norte com a entrada do hotel por trás das antigas fachadas da litografia. A Poente percebe-se a dimensão próxima e característica do bairro, pela visualização da tardoz do Palácio Braamcamp. A entrada principal, passa a ser recuada relativamente à nova fachada, com o intuito de promover o convite através de um espaço menos descoberto. “Salvaguardar: seja no sentido primeiro de manter e preservar, seja no sentido de salvar, transformando e adaptando.”⁵⁴

A entrada da casa de fados, acessível a partir de um lance de escadas com balaustrada, pré-existent, vence a altura do embasamento que se manifesta através das paredes exteriores revestidas a nascente por pedra com uma estereotomia. As escadas de pedra

Casa de Fados | antigo Palácio dos Condes de Soure

⁵⁴ RAPOSO, Manuel “Conservação e Restauro” . Jornal de Arquitectos nº213, Novembro – Dezembro, 2003 pp.37-41, p, 37.

encontram-se num simples recesso protegido pelo muro que salvaguarda a azáfama da rua. Neste edifício antigo aposta-se na diversidade de acabamentos contribuindo para uma continuidade de expressões entre o novo e o antigo. Pretende-se encerrar alguns vãos com painéis de cobre conservando um único orientado a nascente.

Relativamente ao corpo maior da proposta destacam-se no piso térreo espaços de maiores dimensões. Enquanto que nos pisos superiores situam-se os espaços que necessitam de maior recato.

Lobby O lobby é a área que mais contribui para a imagem do hotel, e onde ocorre o primeiro e último contacto do hóspede. Possuindo uma importância estratégica, nele situa-se a receção e partem os acessos às demais áreas públicas e privadas. A qualidade dos materiais do lobby, são geralmente superiores à dos apartamentos. O espaço contém luz natural, proveniente dos vãos da fachada pré-existente, que pertence à rua S. Boaventura e para redobrar o efeito desse momento de luz, propõe-se uma zona de estar ou espera, junto aos vãos, produzida através equipamentos, que ocultam os sistemas de ventilação e intensificam a espessura da parede da fachada antiga.

Receção O átrio da receção (28) com triplo pé direito, surge com um balcão corrido e no interior do átrio salienta-se o acabamento de betão aparente amaciado, constituído por um vão a poente e por outros alinhados, provenientes da fachada pré existente a nascente.

O apartamento tipo, por tratar-se de um elemento repetitivo, com enorme repercussão sobre a área total construída pretende-se que seja otimizado, através das dimensões, instalações e equipamento, de modo a corresponder a um determinado segmento de mercado. A cada tipologia do piso zero, agrega-se um pátio, podendo associar-se a um conceito de sustentabilidade pela garantia de conforto. A arquitetura procura a felicidade dos usufruidores do espaço, pretendendo-se um recolhimento ou isolamento dos clientes, através de tendências mais modernas da hotelaria.

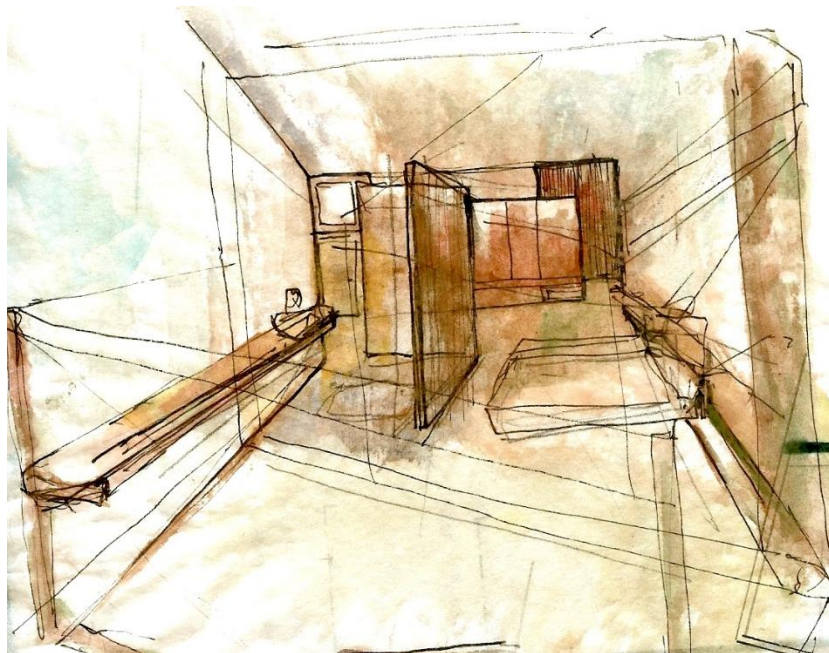


28. Desenho da autora |
espaço da recepção

Apartamento tipo

O conceito de hotel encontra-se, em constante mudança, provocada quer pelo gosto do público, quer pelas necessidades e exigências. Posto isto, aquando da decisão do projeto, teve-se em atenção esta vontade dinamizadora.

Relativamente aos quartos a primeira ideia formal manteve-se, e pode-se salientar a separação entre zona seca e húmida. O equipamento, que suporta um espelho e uma zona para sapatos ou



29. Desenho da autora |
primeira ideia do quarto

outros utensílios, repete-se em todos os quartos, bem como a zona

da instalação sanitária e a ante câmara de entrada que contém um armário de apoio. Quanto aos quartos, um requisito em ter em

30. Fotomontagem |
equipamento que se repete no
quarto



conta, é a disponibilidade de espaço que se proporciona por exemplo para os executivos. Pelo facto de consistir num tipo de hóspede comum e nas zonas do centro, de modo a que possa dar continuidade à atividade profissional.

Comportando um espaço de trabalho, com uma mesa que suporte um computador e espaço adicional, esta condição é resolvida sobretudo no extremo leste do edifício. Sendo que os quartos possuem luz natural, proveniente de uma claraboia, que se situa junto da parede inclinada. A luz ténue, apresenta uma condição favorável para o desenvolvimento do trabalho.

Os quartos correspondentes ao extremo poente, possuem um jacuzzi privado, como lugar de exceção, também ele iluminado por luz natural a partir da perfuração dos painéis de cobre, que revestem as fachadas. No piso zero os painéis em cobre, dividem-se em portas de fole, permitindo uma continuidade visual com o pátio.



31. Fotomontagem | Pormenor da zona do jacuzzi

Pretende-se que o pavimento do conjunto de pátios e saguões como espaços de luz, contenham uma tonalidade clara e refletora, de modo a identificar de imediato esse espaço como um poço de luz. O material em mármore branco com freios comporta essas características.

Pavimento



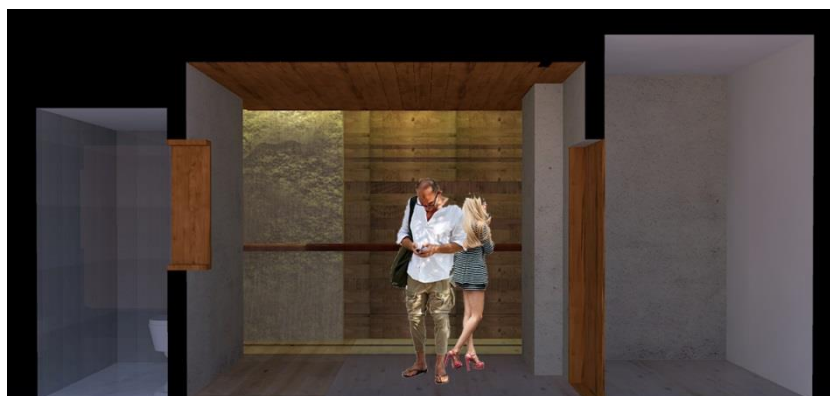
32. Desenho da autora | espelho de água | espaços comuns

O pavimento em mármore, contrasta com as paredes de betão branco aparente. Enquanto que os pavimentos interiores públicos, pretendem-se em betonilha afagada envernizada e no corredor



33. Desenho da autora | primeiro esboço da galeria

longitudinal que dá para a galeria dos quartos pretende-se em madeira. Como referido, assiste-se ao uso de pavimento em madeira na galeria (33) dos quartos, de modo a tornar o espaço mais acolhedor. O uso deste soalho espalha-se para o interior de cada quarto, permitindo uma fluidez. A escolha do pavimento, relaciona-se igualmente com a empena da galeria, devido ao ritmo. Esta parede cega, foi a primeira ideia, que acompanhou o projeto, desde o início, devido à procura de luz natural que pudesse eventualmente fluir por ela e pelas texturas, que nela tivessem inscritas, “ (...) pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como um processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se. (...) a segunda ideia é colocar os materiais e superfícies, propositadamente à luz e observar como refletem.”⁵⁵ A cofragem em madeira, (34) pretende-se com uma estereotomia horizontal na sua maioria, mas vertical junto dos acessos. O betão apresenta diversas espessuras, de modo a estabelecer um ritmo no corredor, sendo este sistema suportado por um suporte em aço.



34. Fotomontagem | Corte EE' da zona do quarto e vista da galeria

A galeria (34) desenrola-se junto à extensa empena cega que se encontra no vazio. Atualmente os seus materiais de pouco interesse, revelam a antiga estrutura da litografia. Pretende-se estabelecer uma relação rítmica, no referido espaço de circulação, empregando os vestígios estruturais mencionados. A aplicação de cofragem de madeira, pretende revelar um acabamento texturado, para que a luz

⁵⁵ZUMTHOR, Peter, “Atmosferas” ed. Gustavo Gil, 2006, p. 61.

natural indireta, proveniente de uma claraboia, incida irregularmente. A galeria contém uma estrutura independente à parede trabalhada. Ou seja, a galeria não toca na parede existente, o que permite que a luz zenital passe para os pisos inferiores. Se no piso superior, a luz apresenta-se mais brilhante e luminosa, o mesmo não acontecerá nos pisos inferiores. Portanto a experiência e atmosfera de cada piso é única, devido a esta questão da luz sobre a textura.

A atmosfera deste espaço, pretende-se em tons de cinza derivado do betão, com apontamento em cobre da guarda e puxadores das portas, bem como pavimento e teto falso em madeira.

As instalações sanitárias (35) que se destacam em blocos de madeira parklex, serão concebidas em castanho da cor do material, de modo a sobressair cuidadosamente do resto da intervenção. O material empregue, surge como sinalética, e o pavimento mantém-se em betonilha afagada.

A divisória (36) que separa o espaço das instalações sanitárias, do espaço de estar, junto ao acesso principal, e sala de pequenos-almoços pretende-se em cobre, com tom amarelo torrado. O material caracteriza-se por um brilho e fluidez, pela sua textura, que reforça a permeabilidade da parede-armário que serve os espaços mencionados, pelo suporte de livros aquando da aproximação com o espaço de estar, e equipamento de cozinha quando invade o espaço de pequenos-almoços. Pretende-se que a chapa de cobre, contenha inserida um desenho abstrato, que remeta ao fado e à vida de bairro, revelando-se como elemento transparente entre o uso de diferentes espaços. O desenho que se observa, corresponde à perfuração dos painéis de cobre, da zona de jacuzzi, anteriormente mencionado, bem como o baixo relevo em betão.



35. Fotomontagem | Corte CC' acesso zona I.S e de pequenos-almoços



36. Desenho da autora | Esquízo da parede divisória em cobre
Parede divisória

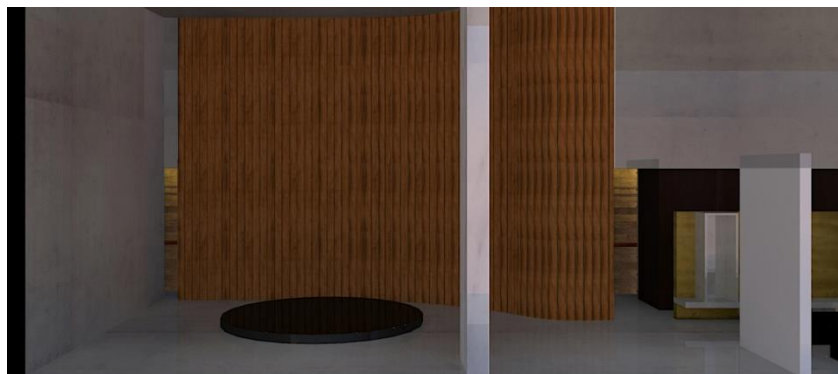
Pode-se acrescentar, que o equipamento, contém a dualidade noite-dia, tão característica do Bairro Alto. Durante o dia, a sua presença apresenta-se como se observa nas fotomontagens, e de noite dá-se uma transfiguração através da luz. Ou seja, pretende-se a incorporação de iluminação artificial embutida. A iluminação encontra-se entre o suporte do painel de cobre, como se pode comprovar nos desenhos técnicos em anexo. O equipamento divide subtilmente os espaços comuns da proposta.

37. Fotomontagem | divisória em cobre



Estrutura orgânica O corpo orgânico existente entre o espaço privado dos quartos e o espaço de pequenos-almoços, surge com dupla função. O elemento prevê-se em ripado de madeira, de modo a manter o espaço sombrio mas acolhedor.

38. Fotomontagem | Corte EE' da zona de eventos e acesso para a galeria dos quartos do piso zero



Se por um lado, o lado côncavo, surge como se abraçasse, o espaço destinado a eventos ligados ao fado ou outros, o lado convexo precisamente pelo gesto, direciona o hóspede à galeria que distribui-se pelos quartos.

“A escolha dos materiais está intrinsecamente ligada com o detalhe e provavelmente com a alegria de encontrar a simbiose perfeita para a forma prometida.”⁵⁶ Esta antecâmara apresenta-se iluminada apenas com iluminação artificial embutida no teto falso da galeria.

O espelho de água, surge devido à configuração perimetral do sítio. Tendo em conta que o Palácio Braamcamp possui um vão direcionado (39) para o terreno do projeto. Pretende-se que o espelho, surja como outro elemento tipo pátio, de outra configuração, e que permita um elo de ligação entre a envolvente e a solução do projeto. Desta forma, este elemento espelha o Palácio, valorizando-o, e evita a passagem dos hóspedes entre os pátios privados dos quartos.

O projeto define-se pela conservação das fachadas pré existentes a Sul e Nascente. “ A fachada diz: sou, posso, quero, seja o que for que queriam dizer o dono de obra e o arquiteto em conjunto. E a fachada diz também mas eu não vos mostro tudo. Certas coisas estão lá dentro e não vos dizem respeito.”⁵⁷ A fachada palaciana de janelas alinhadas de alvenaria e reboco pintado junto da Rua S. Boaventura, pretende-se fiel.

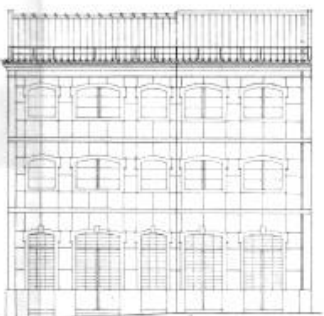
Para a escolha de cores na fachada, (40 e 41) foram tidos em conta a contextualização destes elementos bem como a sua dimensão e na inserção de cor é preciso ter-se em conta a sua integração ou contraste. Em que a primeira corresponde à harmonia e continuidade do elemento e no segundo, quando se pretende a criação de impacto e quebra dos elementos. A cor original, corresponde a um tom rosa cinza, aliás a Rua onde se insere, é marcada por elementos do mesmo tom. Como garantia da atual atmosfera vivida na rua,

⁵⁶ AFONSO, José. “Um projecto uma ideia”. p, 23.

⁵⁷ ZUMTHOR, Peter, “Atmosferas” ed. Gustavo Gil, 2006, p,49



39. Janela do Palácio Braamcamp direcionado para o espelho de água



40. Desenho técnico | Alçado da fachada da Rua S. Boaventura



41. Fachada rua S. Boaventura



42. Desenho técnico do Alçado da fachada da Rua da Rosa



43. Fachada do topo do extremo leste | Rua da Rosa



44. Fachada da antiga litografia do topo do extremo poente

pretende-se que o elemento mantenha a integração atual. O centro histórico que se estuda é marcado por tons amarelos, verdes, azuis e rosa pretendendo-se manter essa identidade de cor. Quando se vê o património histórico com as cores originais nota-se a pujança das formas voltando-se a “ (...) reencontrar o valor que as olheiras do tempo escondia e danificava.”⁵⁸

Tendo em conta que dois vãos serão revestidos de cobre perfurado torna-se necessário percionar a fachada no seu conjunto “Uma fachada muito simples e óbvia pode ser vista de perto sem ofender, ao passo que uma outra rica em volumes e articulação tem uma capacidade de expansão superior e requer, por isso, que o espectador recue de modo a assumir a posição adequada prescrita pelo alcance da dinâmica visual do edifício.”⁵⁹

Partindo para a fachada secundária, (42 e 43) correspondente ao extremo leste, frente à Rua da Rosa, nota-se ainda a qualidade da tinta empregue, agora aparente com um rosa escuro. O estado da aplicação cromática, encontra-se em bom estado e portanto mantém-se. Para contrastar com o tom referido, e porque devido à intervenção, pretende-se acrescentar cota na fachada, propõe-se ligeiramente a seguir à pele pré-existente, o uso de betão aparente, encerrando a maioria dos vãos com painéis de cobre. Nota-se um contraste, entre o antigo e o novo.

Na fachada a Sul da pré-existência, procura-se através da avaliação e estudo cromático, manter a tonalidade original, por se tratar de um edifício excepcional que caracteriza uma época.

No extremo poente, prevê-se a demolição da fachada da antiga litografia (44), substituindo-a por outra nova, rasgada por vãos de proporção vertical e protegidos do sol, os vãos refletem a distribuição

⁵⁸ COELHO, Maria Eduarda Leal (coord) - *Dar Futuro ao Passado*. Lisboa: IPPAR, 1993, p, 296.

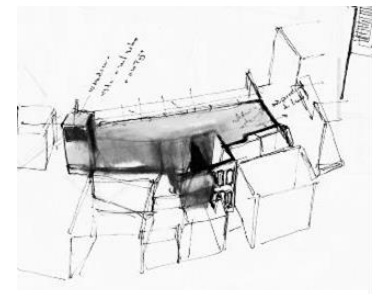
⁵⁹ ARNHEIM, Rudolf “A Dinâmica da Forma Arquitectónica”. P.30.

dos espaços interiores pelo facto de corresponderem com o topo da galeria.

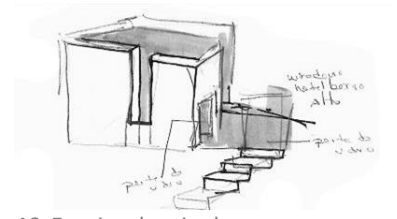
No que respeita aos acessos, os elementos verticais principais passam a ser revestidos por betão, não prevendo qualquer destaque a partir da cor do material. Junto das escadas públicas situam-se pilares de secção circular, que intensificam o sentido da circulação. O espaço, procura distinguir-se apenas pelos rasgos de luz indiretos que atravessam os elementos. No extremo Poente, localiza-se a determinada cota o miradouro (45, 46 e 47) “(...) o que é que nós, que o utilizamos, queremos ver, quando estamos lá dentro? O que é que quero revelar?”⁶⁰ na proposta, pretende-se através de um estreito rasgo, o deslumbre do rio Tejo. O elemento vertical pretende-se em aço corten, de modo a encaminhar desde o piso zero a condição do miradouro.

Prevêm-se guardas e puxadores de cobre que se destacam do resto dos materiais de menos brilho.

Relativamente às portas pretende-se o uso da madeira à exceção da porta principal do hotel, que pela altura que apresenta e pelo carácter que possui, se propõe em cobre. “Conhecem aquela porta alta, estreita onde toda a gente fica bem ao passar? Conhecem esta porta mais larga, sem interesse, deselegante?”⁶¹



45. Esquízo da proposta



46. Esquízo do miradouro



47. Estudo do acesso ao miradouro

48. Desenho da autora | pré-existência

⁶⁰ ZUMTHOR, Peter, “Atmosferas” ed. Gustavo Gil, 2006. p, 49.

⁶¹ ZUMTHOR, Peter, “Atmosferas” ed. Gustavo Gil, 2006. p, 51.

O espaço referente à busca da tradição da casa de fados, (48) é revestido no interior, por cofragem de betão, como garantia de segurança estrutural da pré-existência. A maioria dos vãos são mantidos, mas uma nova entrada é proposta, de modo a antever uma ante câmara de espaço de estar entre a sala de eventos e a escadaria em pedra pré-existente. A escadaria apresenta-se em estado crítico, devido à anomalia que apresenta. O estado da pedra tanto dos degraus como da guarda, apresenta degradação e desgaste e portanto pretendendo-se processos especializados de restauro. Para que se possa reintroduzir a escadaria da sua função no presente. Ainda relativamente aos vãos, como já referido, pretende-se encerrá-los com chapas de cobre deixando apenas o vão a nascente que se localiza junto à nova cobertura de asnas. No piso inferior, encontra-se uma zona de apoio. Este edifício, não regista qualquer dado a nível de plantas e cortes no arquivo da câmara municipal, devido à época em que se insere e em que o registo seu não foi levado a cabo, no entanto, foi feito um esforço a nível de levantamento dos alçados de modo a manter a sua autenticidade exterior.

Pode-se concluir que, no que respeita à materialidade um dos objetivos foi dar destaque a zonas chave do espaço interno. Sendo que a cor que se visualiza parte dos materiais empregues. Surgindo como uma composição entre o escuro e o claro, respetivamente a sombra e a luz, a cor que se destaca no neutro e envolve o espaço.

CONCLUSÃO

A revitalização do centro histórico da cidade de Lisboa deve ser considerada como uma prioridade. A procura de vazios degradados, encerrados e abandonados beneficia a readaptação que é possível fazer-se nos tecidos com rutura. Posteriormente chegou-se à conclusão que o vazio em estudo reflete um impacto na vida a norte do bairro alto. Percebe-se que como espaço expectante é possível uma melhoria significativa com a introdução de um uso.

O espaço embora desprezado, manteve-se como área potencial de intervenção através da estratégia de elementos como o pátio e o saguão para captação de luz e iluminação natural. Permitindo densificar a partir de espaços construídos num cheio e espaços desafogados por entre muros.

Relativamente ao processo construtivo, pode-se resumir várias fases de intervenção, como o reforço das paredes existente desde fachadas e empenas, manutenção de elementos identificatórios do lugar, utilização de materiais duráveis e cromáticos de fácil manutenção e substituição. Optou-se pelo uso de betão armado como hipótese de intervenção que contrasta com o antigo e assegura a unidade de um todo.

O trabalho destina-se a responder a uma problema de densificação e adaptação do espaço por mais irregular que se apresente devido às mazelas do tempo. Apresentando em primeiro estratégias de intervenção e em segundo solucionando um uso que se relacione com o espaço contínuo envolvente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS

AGUIAR, José, “Cor e Cidade Histórica, Estudos Cromáticos e Conservação do Património.” ed. FAUP, 2002.

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lucio e JORGE, Wilson Edson. “Hotel Planejamnto e Projecto”. São Paulo: Editora Sevac, 1999.

ARNHEIM, Rudolf, “A Dinâmica da Forma Arquitectónica” ed. Presença, Lisboa 1988.

AUGÉ, Marc, “Não- Lugares Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade” ed. 90 Graus Lisboa 2005.

CABRITA, António Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João Guilherme, 1960 Lisboa: Câmara Municipal. Pelouro da “Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.” 1993.

CAPITEL, Antón, SOLA-MORALES Ignacio “Cintemporary Sapanish architecture” 1989.

CAPITEL, Antón, “La Arquitectura Del Pátio”, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 2005.

CABRITA, António Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João. “Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto.” Lisboa.

CARITA, Hélder. “Bairro Alto, tipologias e modos arquitectónicos;” Lisboa: Câmara Municipal, 1994.

CASTILHO, Júlio de, 1840-1919; SILVA, Augusto Vieira da, 1869-1959, “Lisboa Antiga”, Lisboa 1902-1952.

CAVACO, Cristina Soares. “Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do vazio.” In: Actas do Seminário de Estudos Urbanos. Lisboa: ISCTE, 2007.

CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, ed 70, 2005.

CHOAY, Françoise, “As questões do património”, ed70, 2011.

CLEMENTE, Augusto, RIBEIRO, Rogério, “Lisboa – Pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos”, ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2000

COELHO, Maria Eduarda Leal (coord) - *Dar Futuro ao Passado*. Lisboa: IPPAR, 1993

ECO, Umberto. “Como se faz uma tese em ciências humanas, Editorial Presença, 6ª ed., Lisboa, 1995.

FRANÇA, José Augusto. “A Sétima Colina Roteiro Histórico Artístico”. Lisboa: Livros Horizonte, 1994

HOFFMAN, Hubert, “Conjuntos Residenciales de Baixa Densidad: viviendas-terraza: viviendas-patio, viviendas-atrío”, ed. Blume, Barcelona, 1967.

JORGE, Pedro. “Vazios Úteis – cerzir a cidade. In. Actas de seminário de estudos urbanos. Lisboa: ISCTE, 2007. Disponível em: http://www.academia.edu/1083398/Cerzir_a_Cidade. Acesso em: 09 Novembro 2013.

LEITE, Ana Cristina, VILHENA “Pátios de Lisboa: Aldeias entre muros” 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1991.

LYNCH, Kelvin, “A imagem da cidade”, edições 70, 2008.

MATOS, Rui, "Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina", Lisboa: Contexto, 1994.

PAIVA, Alexandra Luísa Severino de Almeida; REIS, António Cabrita, "Habitação flexível : análise de conceitos e soluções, tese de mestrado", ed. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2002.

PAIVA, José Vasconcelos; AGUIAR José; PINHO Ana, "Guia Técnico de Reabilitação Habitacional", ed Instituto Nacional de Habitação, Lisboa 2006.

PEREIRA, Nuno Teotónio. "Habitação plurifamiliar".

REIS, Nuno Arenga "O Saguão na Habitação Urbana, o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear", tese de doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

RODRIGUES, José (coordenação), TOSTÕES, Ana, FIGUEIRA, Jorge, BANDEIRINHA, José António, CALADO, Maria, MESQUITA, Marieta Dá, TOUSSAINT, Michel, GRADE, Nuno, CARCALHO, Ricardo. "Teoria e crítica de arquitectura século XX". Caleidoscópio, 2010, p, 419.

SAA, Mário Origens do Bairro-Alto de Lisboa: verdadeira noticia Lisboa: Solução, 1929.

SHERWOOD, Roger "Vivienda. Prototipos del movimiento moderno", ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1983.

SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida. "Dicionário de termos de Arte e Arquitectura", ed. Presença, 2005.

Sola-Morales (1995), Terrain Vague, em Territórios, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2002 Kraus, Rosalind, The originality of Avant-Garde and Other Modernist Myths, MIT Press 1985

TÁVORA, Fernando, "Da Organização do espaço", ed. ESBAP, 1982.

TOSTÕES, Ana; FRANÇA, José Augusto. "A Sétima Colina: Roteiro Histórico-Artístico" Lisboa: Livros Horizonte, cop. 1994

ZEVI, Bruno, "Saber ver a arquitectura", ed Martins Fontes, São Paulo 2002.

ZUMTHOR, Peter, “Atmosferas” ed. Gustavo Gil, 2006.

ZUMTHOR, Peter, “Pensar a arquitectura”, ed Gustavo Gili, Barcelona 2005.

REVISTAS | ARTIGOS

COSTA, Alexandre Alves O Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade. *Jornal de Arquitectos* nº213, Novembro - Dezembro, 2003, pp. 7-13

MATOS, Madalena Cunha – *Turismo e Território: Notas sobre uma Relação*. *Jornal de Arquitectos* nº197, Setembro - Outubro 2000, pp. 23-30

PEREIRA, Paulo - *Intervenções arquitectónicas recentes, no património edificado*. *Jornal de Arquitectos* nº213, Novembro – Dezembro, 2003, pp. 14-20

PORTAS, Nuno; Conceito da casa em pátio como célula social. *Arquitectura – Lisboa* – N. 64 (Jan. – Fev. 1959). P.32-34.

FERREIRA, Carlos Antero. O motel: nova fórmula hoteleira, novo tema de arquitectura. *Binário – Lisboa* – N. 18 (Março 1960), p. 78-86

TESES, DISSERTAÇÕES E OUTRAS PROVAS ACADÉMICAS

ARENÇA Nuno “O saguão na habitação urbana.”. Tese para obtenção de grau de Doutor. Faculdade de arquitectura, Lisboa, Julho de 2009.

Pernão, J.N.C ; “A cor como forma do espaço definida no tempo” Tese para obtenção de grau de Doutor. Faculdade de Arquitectura, Lisboa

COSTA, José Manuel Aguiar da. “Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos.” Tese para obtenção do grau de Doutor. Universidade de Évora. Évora, Agosto de 1999.

NUNES, Joana Rebelo. “RECONVERSÃO DE EDIFÍCIOS PREEXISTENTES EM UNIDADES HOTELEIRAS Estudo de caso: Convento de Santa Iria e Antigo Colégio Feminino de Tomar”. Tese para obtenção de grau de mestre. Faculdade de Arquitectura, Lisboa, Dezembro 2011.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

<http://europaconcorsi.com/albums>

JANEIRO, Pedro António. “ {CHEIOS INÚTEIS} A imagem do Vazio na cidade”

p.7. Disponível em:

<<http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1488/1/Pedro%20Janeiro.pdf>>.

Autora: Rute Sousa da Fonseca

Título: Tensão Interior e Exterior. Regeneração a partir de um vazio.

Número de Palavras:15.787

ANEXOS

INDICE DOS ANEXOS

ANEXO I – Referências

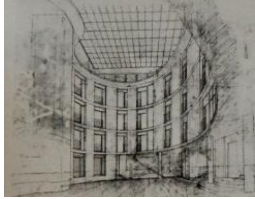
ANEXO II- Processo de trabalho

ANEXO III- Peças desenhadas

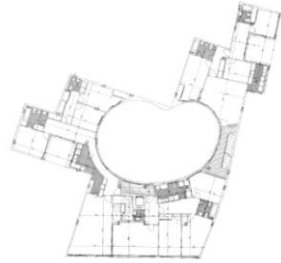
01. Planta de Localização | escala 1:5000
02. Planta de Localização | escala 1:1000
03. Planta de Implantação | escala 1:500
04. Planta do piso à cota 78 | amarelos e vermelhos | escala 1:200
05. Alçado norte | nascente | amarelos e vermelhos | escala 1:200
06. Alçado poente | sul | amarelos e vermelhos | escala 1:200
07. Planta da cobertura | escala 1:200
08. Planta do piso à cota 78 | escala 1:200
09. Planta do piso à cota 81 | escala 1:200
10. Planta do piso à cota 84 | escala 1:200
11. Planta do piso à cota 87 | escala 1:200
12. Planta do piso à cota 90 | escala 1:200
13. Alçados norte | nascente | escala 1:200
14. Alçados sul | escala 1:200
15. Cortes AA', BB' | escala 1:200
16. Cortes CC', DD', EE' | escala 1:200
17. Átrio | corte EE' | núcleo de quartos FF' | escala 1:100
18. Núcleo de quartos | planta piso 0 | escala 1:50
19. Átrio | piso 0 | escala 1:50
20. Núcleo de quartos | corte EE' | escala 1:50
21. Núcleo de quartos | mapa de vãos | escala 1:50
22. Núcleo de quartos | jacuzzi | escala 1:20

ANEXO I – Referências

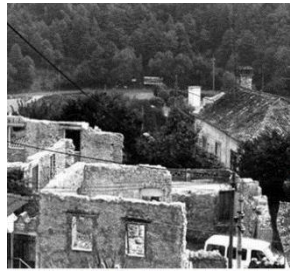
O anexo I encontra-se organizado por fotografias e desenhos de projetos que influenciaram o desenvolvimento do trabalho



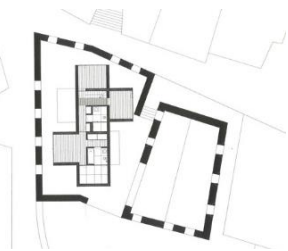
Localização do edifício e pátio da habitação registado em Contemporary Spanish Architecture p.4 1976



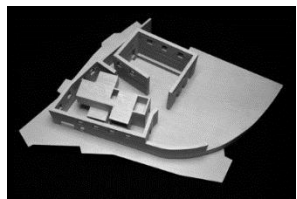
Localização do edifício e pátio da habitação registado em Contemporary Spanish Architecture p.4 1976



Fotografia do sítio antes e depois da intervenção | em Alenquer | Aires Mateus 1999-2002



Planta de implantação do projeto em Alenquer | Aires Mateus 1999-2002



Maquete do projeto em Alenquer | Aires Mateus 1999-2002

Vista do interior da
recepção e do quarto |
projeto The Water
House do atelier
NHDRO



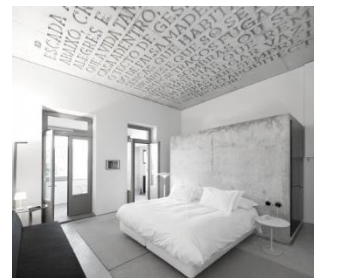
Vista do interior da
zona dos pequenos
almoços e da cobertura
com vista para o rio |
projeto The Water
House do atelier
NHDRO



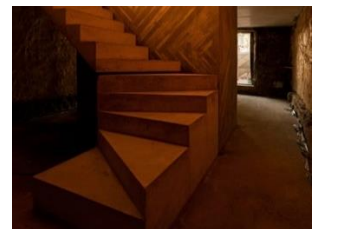
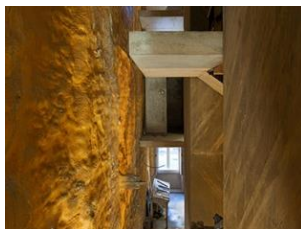
The devecote studio
In:<http://oneoffmag.blogspot.pt/2011/02/one-house-dovecote-studio.html>



Vista do dos pequenos
quartos | projeto Hotel
casa do Conto Pedra
Líquida
In:
<http://www.ultimasreportagens.com/ultimas.php>



Vista dos quartos |
projeto Hotel casa do
Conto Pedra Líquida
In:
<http://www.ultimasreportagens.com/ultimas.php>

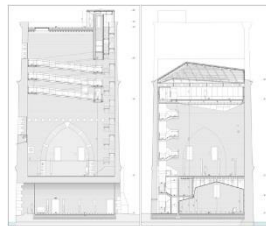




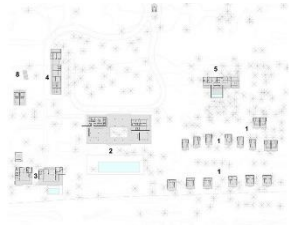
Teatro Thalia, Gonçalo Byrne
Arquitetos + Barbas Lopes
Arquitetos,
2008



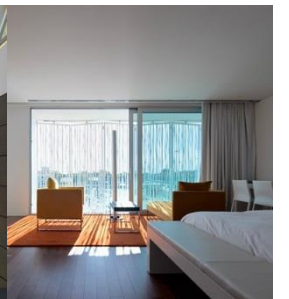
Progetto di recupero della
Torre di Porta Nuova. -
Arsenale di Venezia
Map studio - Magnani Pelzel
Architetti Associati, Francesco
Magnani, Traudy Pelzel
In: <http://europaconcorsi.com>



Progetto di recupero della
Torre di Porta Nuova. -
Arsenale di Venezia
Map studio - Magnani Pelzel
Architetti Associati, Francesco
Magnani, Traudy Pelzel
In: <http://europaconcorsi.com>



Ponta da Tulha, Bahia, Brazil
Makenna Resort

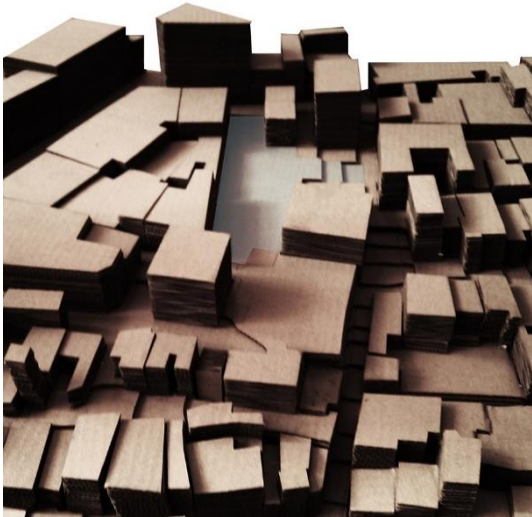


Lisbon, Portugal | Altis Belém
Hotel & Spa
FSSMGN Arquitetos Ida
Fernando Sanchez Salvador
Margarida Grácio Nunes, Risco
In:
<http://ultimasreportagens.com/355.php>

ANEXO II – Processo de trabalho
O anexo II encontra-se organizado primeiramente por desenhos técnicos do projeto final e por desenhos esquemáticos referentes ao pensamento do projeto



Fotomontagem | sítio de intervenção | Bairro Alto Lisboa | Colina S. Roque



Fotomontagem maquete | sítio de intervenção | Bairro Alto Lisboa | Colina S. Roque



Fotomontagem | sítio de intervenção | Bairro Alto Lisboa | Colina S. Roque

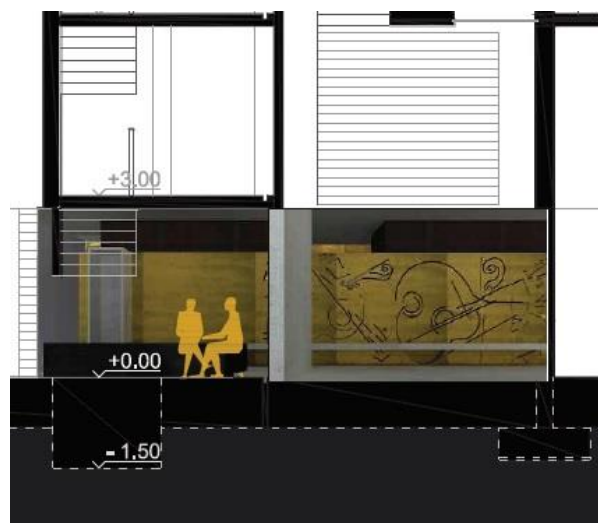
Desenho técnico e render do núcleo de quartos do extremo poente | Corte EE'

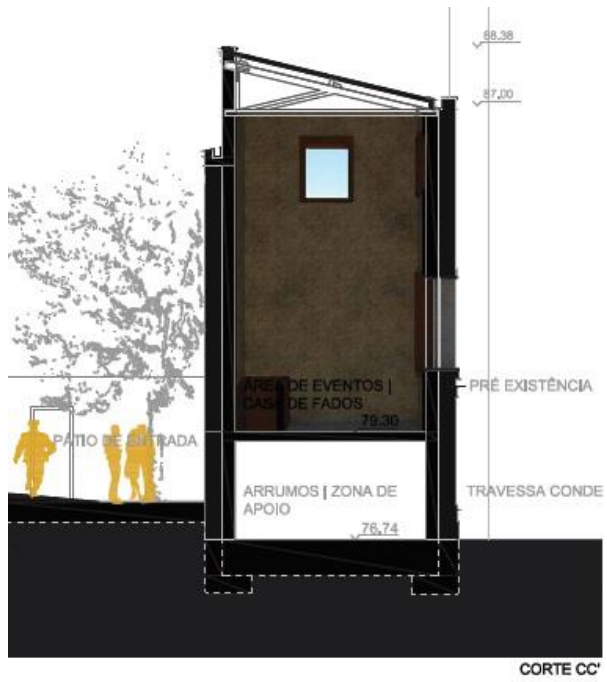


Desenho técnico do núcleo de quartos do extremo leste | Corte EE'



Desenho técnico e render da zona de estar e zona de pequenos almoços | Corte EE'





Desenho técnico e render da zona da zona da casa de fados | Corte CC'

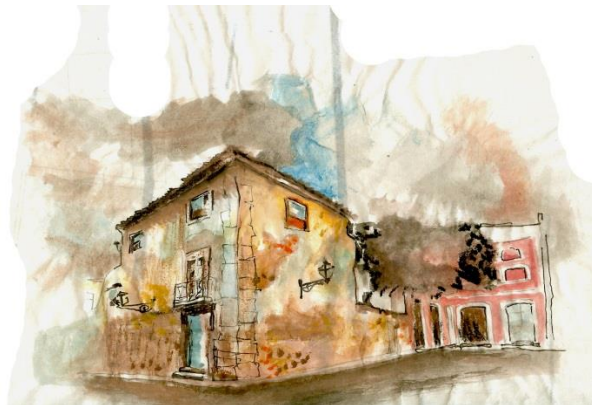


Desenho técnico do alçado nascente da casa de fados e corte | render da zona da receção



Desenho técnico e render da zona de eventos | Corte EE'

Desenho referente à
rua S. Boaventura |
entrada do hotel



Desenho visto da
Travessa Conde de
Soure | antigo Palácio
dos Condes de Soure

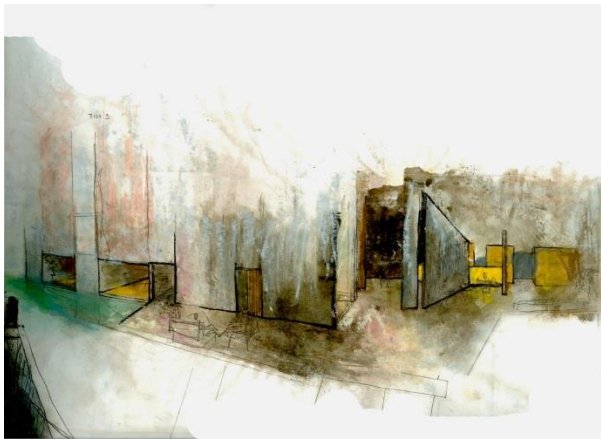


Desenho visto da
Travessa Conde de
Soure | antigo Palácio
dos Condes de Soure

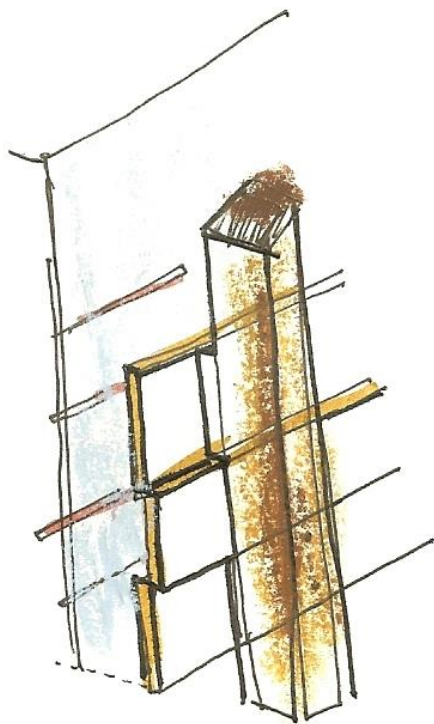




Esquiço do interior da zona das escadas públicas

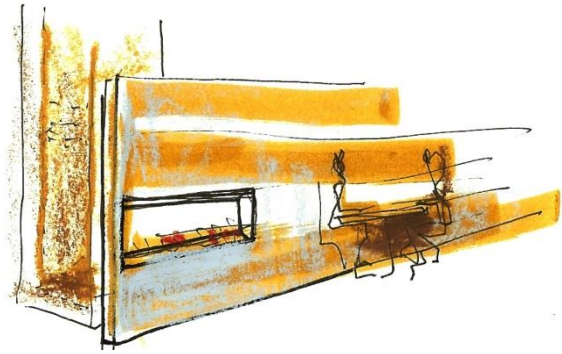


Esquiço do interior com vista para a o espelho de água | estudo de cor e luz

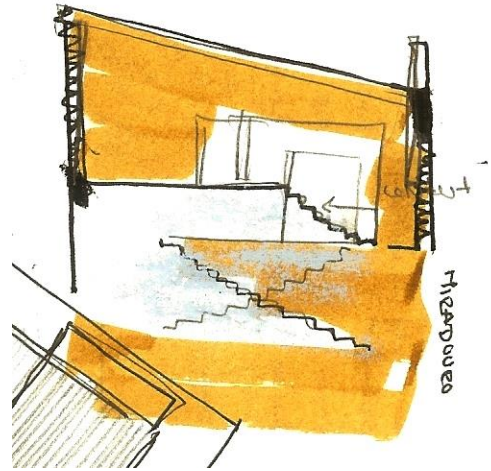


Esquiço do interior referente ao suporte da parede

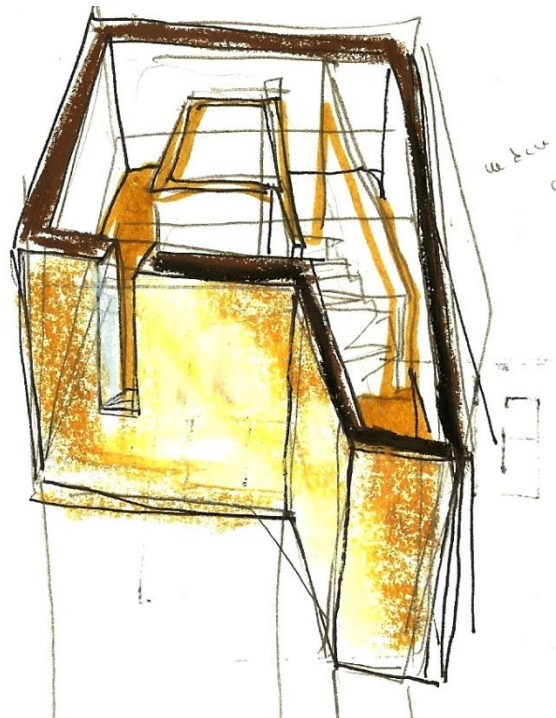
Esquiço do interior
referente | parede
com lareira junto da
zona de pequenos-
almoços

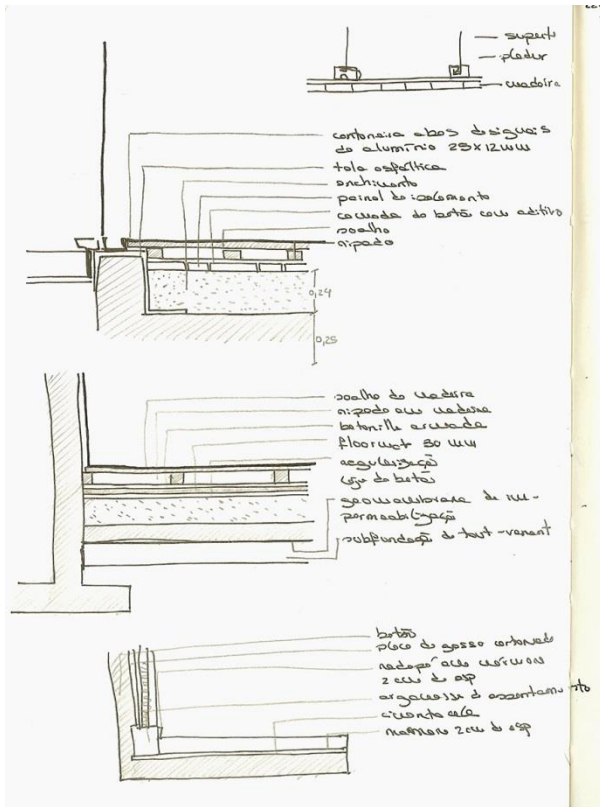


Esquiço do miradouro

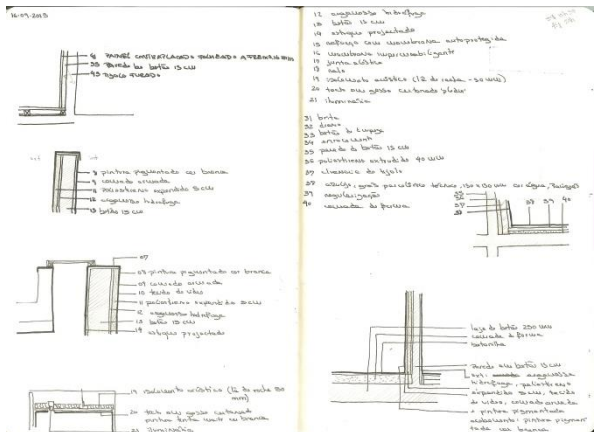


Esquiço do miradouro

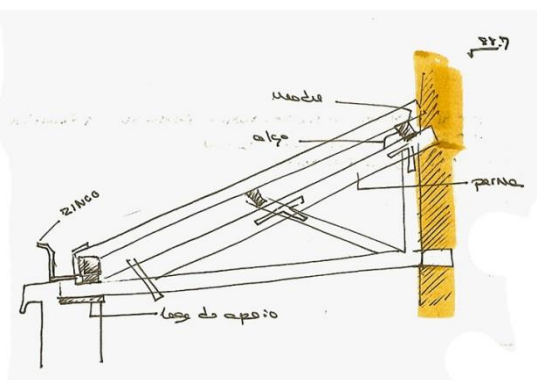




Esquízo dos pormenores

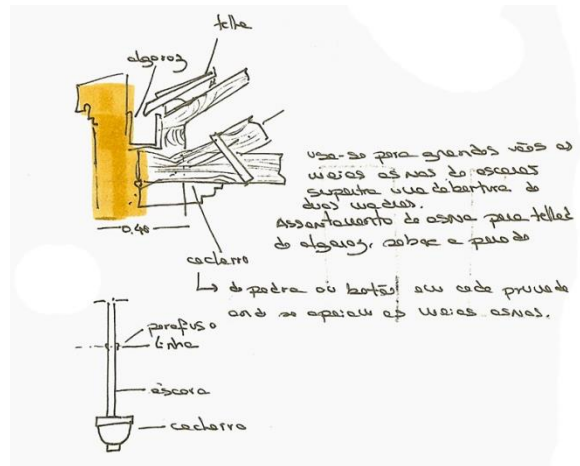


Esquízo dos pormenores

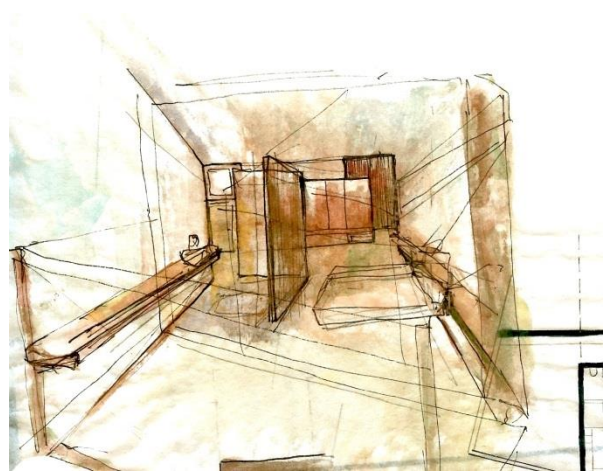


Esquízo da cobertura

Esquicho da cobertura



Esquicho do interior do quarto

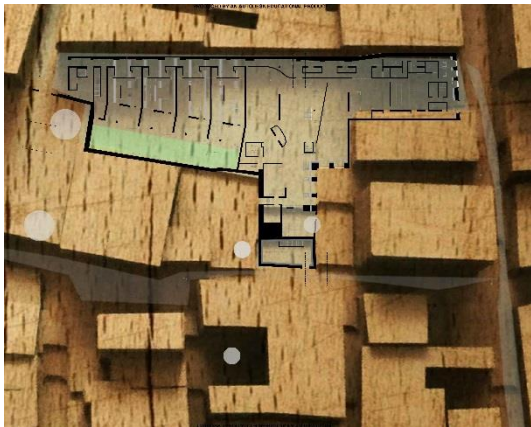


Esquicho do interior da galeria dos quartos





Desenho da autora | Rua
S. Boaventura
Bairro Alto



Fotomontagem piso
zero | Bairro Alto



Maquete 1:500

Desenho da autora
2013 | Bairro Alto



Desenho da autora
2013 | Bairro Alto

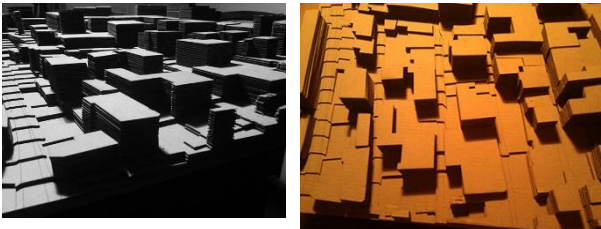


Desenho da autora
2013 | Bairro Alto

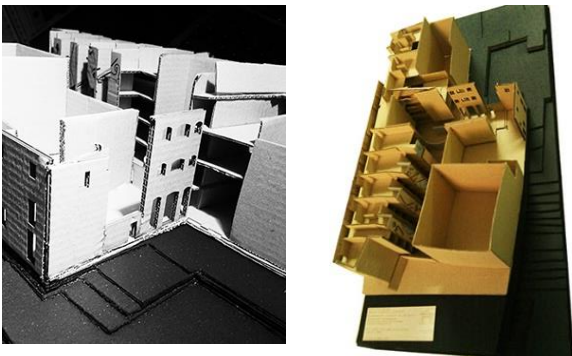




Maquete final
1:500



Maquete final
1:500



Maquete de estudo |
1:200

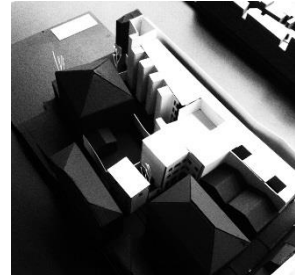


Maquete final | 1:500
Maquete de estudo |
1:200



Maquete final |
1:200

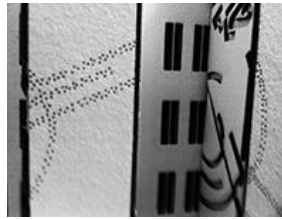
Maquete final |
1:200



Maquete final |
1:200



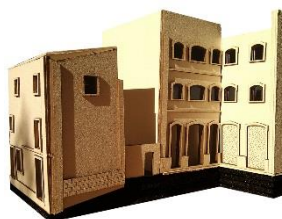
Maquete final |
1:100



Maquete final |
1:100



Maquete final |
1:100



ANEXO III- Peças desenhadas



PROJECTO: **HOTEL BAIRO ALTO**
LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA
DESIGNAÇÃO: Planta de Localização | limite da colina

DATA: Fevereiro 2014
ESCALA: 1:5000
FOLHA: 01 | 22

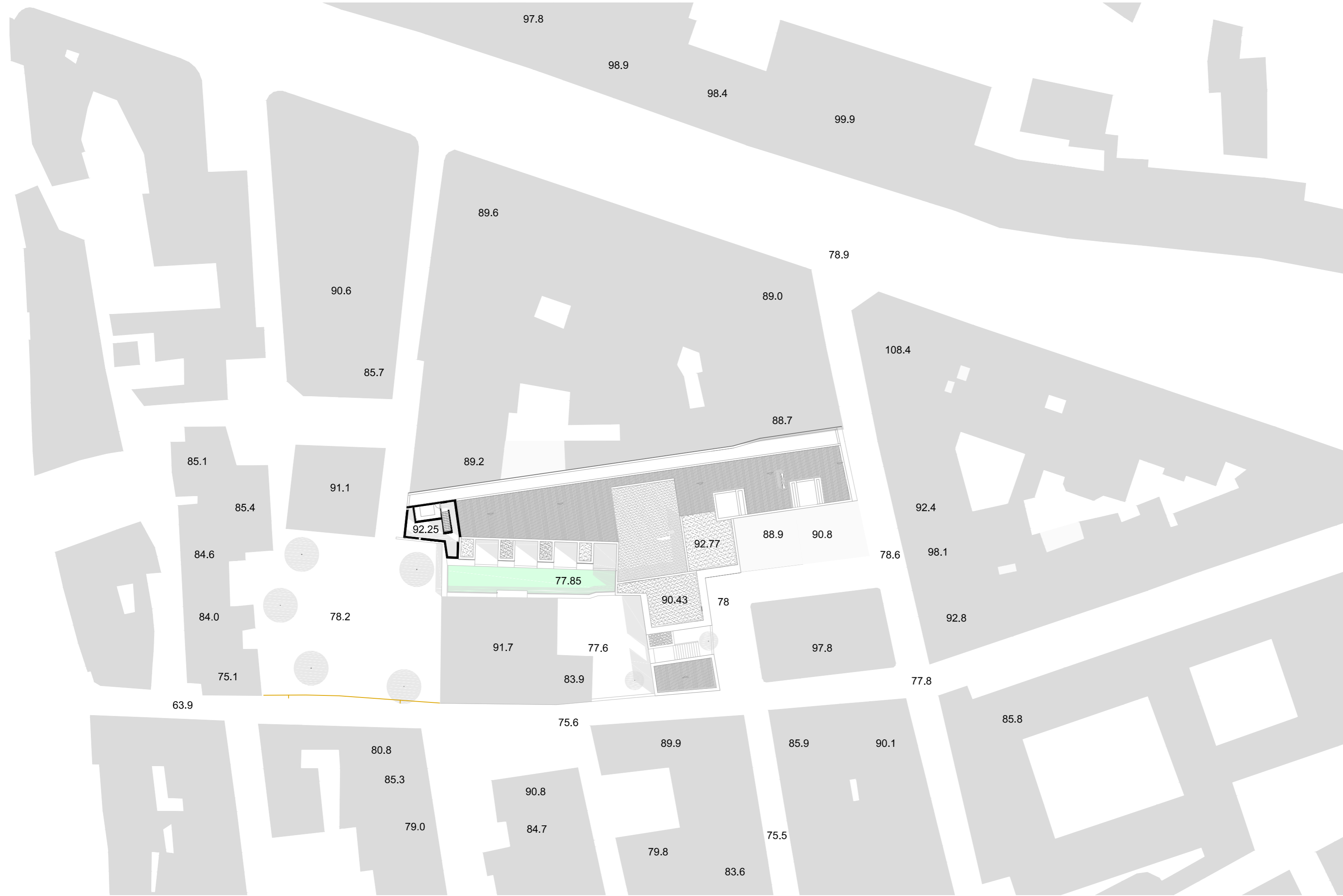
ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
ORIENTADOR: José Afonso
CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UTL

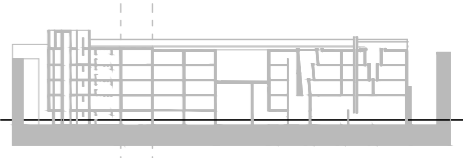


PROJECTO: **HOTEL BAIRO ALTO**
LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA
DESIGNAÇÃO: Planta de Localização | limite da colina

DATA: Fevereiro 2014
ESCALA: 1:1000
FOLHA: 02 | 22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
ORIENTADOR: José Afonso
CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UTL





PROJECTO: **HOTEL BAIRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
DESIGNAÇÃO: Planta de Amarelos e vermelhos | cota 78 FOLHA: 04|22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
ORIENTADOR: José Afonso
CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização
em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



ALÇADO NORTE



ALÇADO NASCENTE

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: ALÇADO NORTE | NASCENTE | amarelos e vermelhos FOLHA: 05 | 22
 ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL

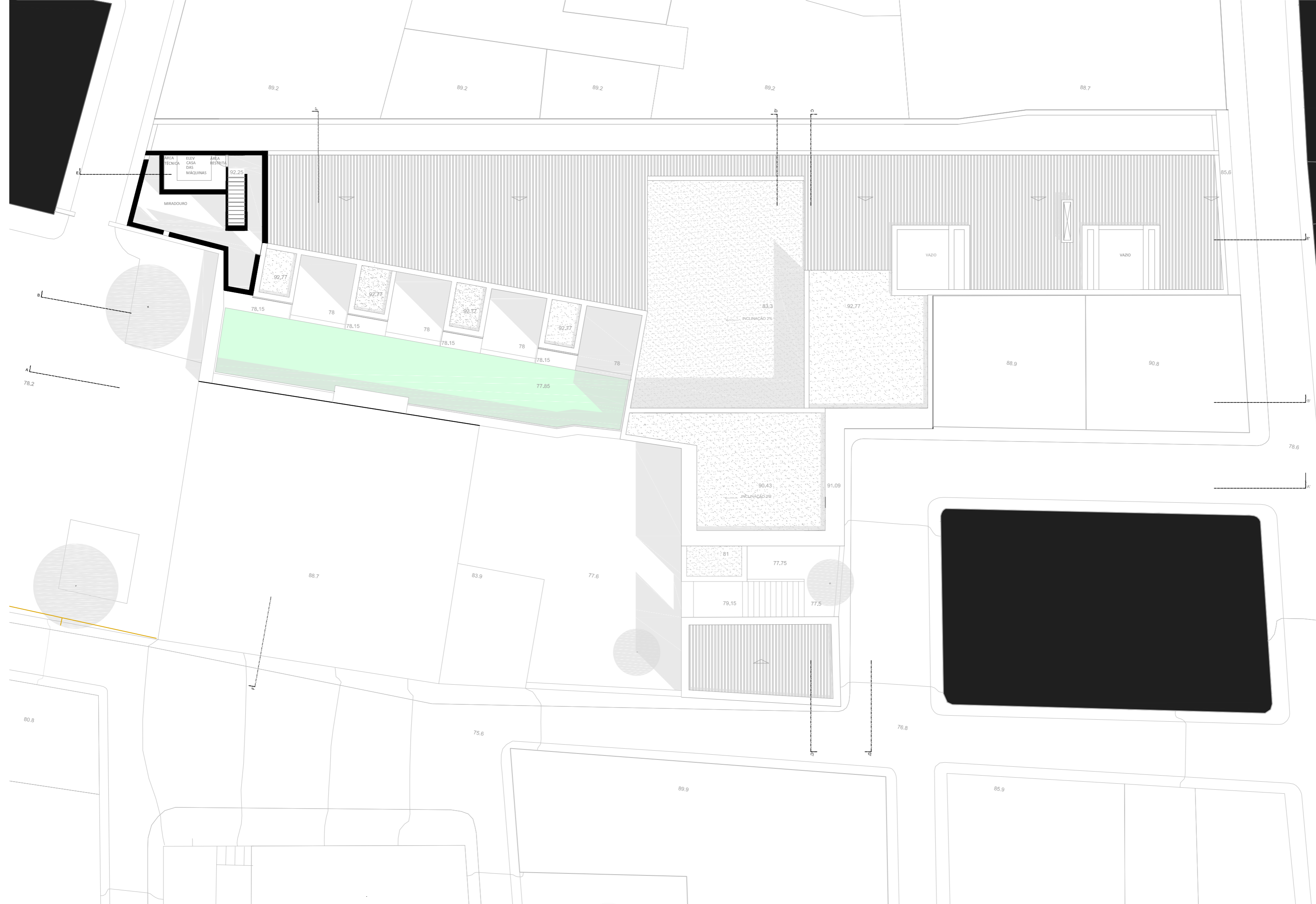


ALÇADO POENTE



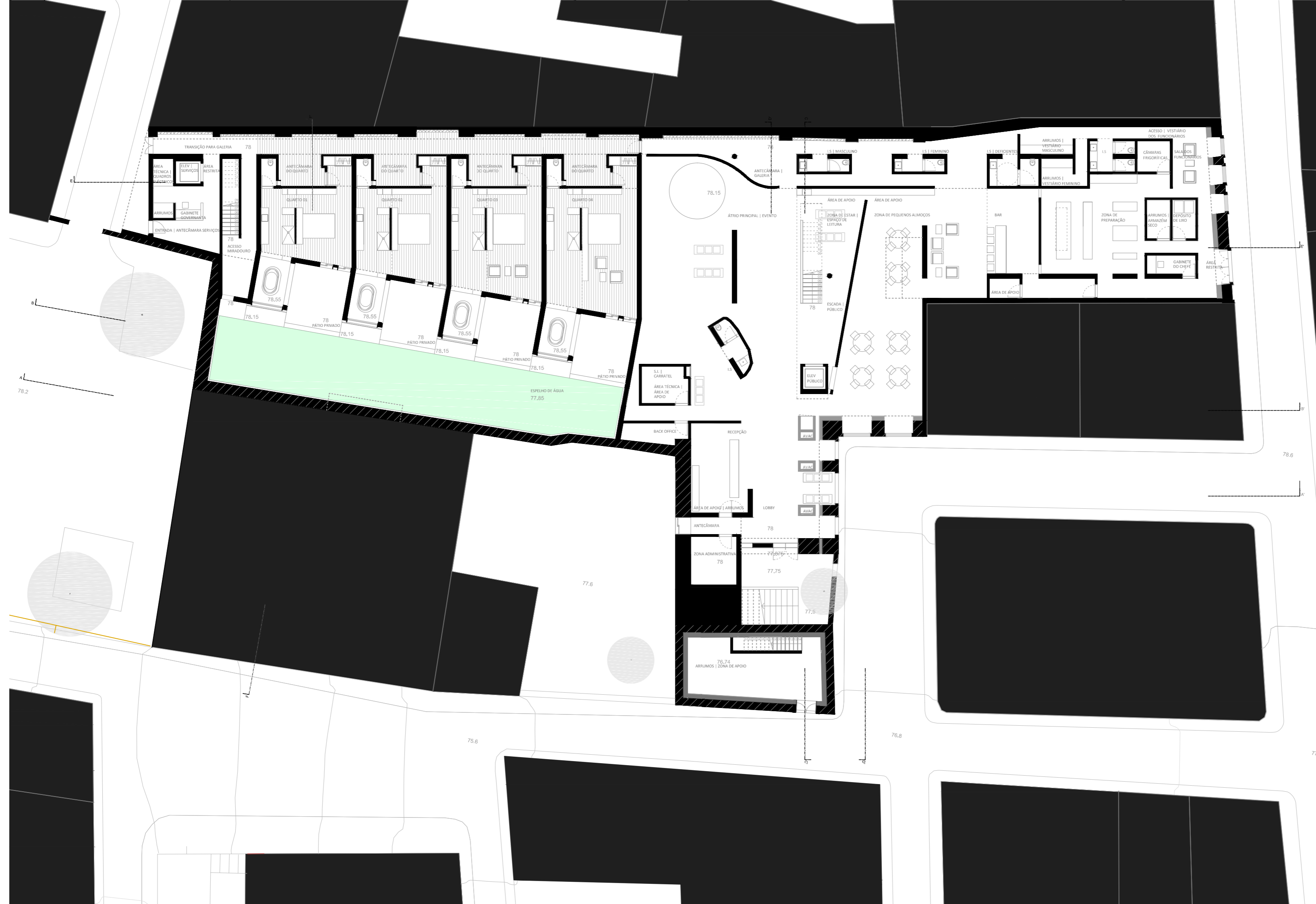
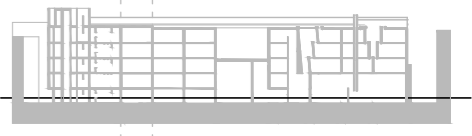
ALÇADO SUL

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: **ALÇADO POENTE | SUL | amarelos e vermelhos** FOLHA: 06 | 22
 ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: Planta de cobertura FOLHA: 07|22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



LEGENDA DOS ESPAÇOS

ÁREA | IDENTIFICAÇÃO

- GALERIA
- 21.50 m² | LAVANDARIA
- 39.70 m² | QUARTO 01
- 46.34 m² | QUARTO 02
- 52.90 m² | QUARTO 03
- 59.57 m² | QUARTO 04

COZINHA

- 04.03 m² | GABINETE DO CHEFE
- 44.19 m² | ZONA DE PREPARAÇÃO
- 03.86 m² | ARRUMOS | ARMAZÉM SECO
- 03.86 m² | DEPÓSITO DE LIXO
- SALA DOS FUNCIONÁRIOS
- CÁMARA FRIGORÍFICAS
- 06.38 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO FEMININO
- 06.13 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO MASCULINO
- 05.74 m² | I.S.

ELEVADOR | PÚBLICO

- ESCALADA | PÚBLICO

I.S. | FEMININO

- I.S. | MASCULINO
- I.S. | DEFICIENTES

ZONA DE ESTAR | ESPAÇO DE LEITURA

- ÁREA DE APOIO

87.15 m² | ZONA DE PEQUENOS ALMOÇOS

- 37.85 m² | BAR
- ÁREA DE APOIO

ÁTRIO PRINCIPAL | EVENTOS

- 07.23 m² | ÁREA TÉCNICA | ÁREA DE APOIO

42.60 m² | LOBBY

- 22.18 m² | RECEPÇÃO
- 05.46 m² | BACK OFFICE
- ÁREA DE APOIO | ARRUMOS
- 09.54 m² | ZONA ADMINISTRATIVA

30.76 m² | ARRUMOS | ZONA DE APOIO

- 30.76 m² | ÁREA DE EVENTOS | CASA DE FADOS

CASA DAS MÁQUINAS

- 32.16 m² | MIRADOURO

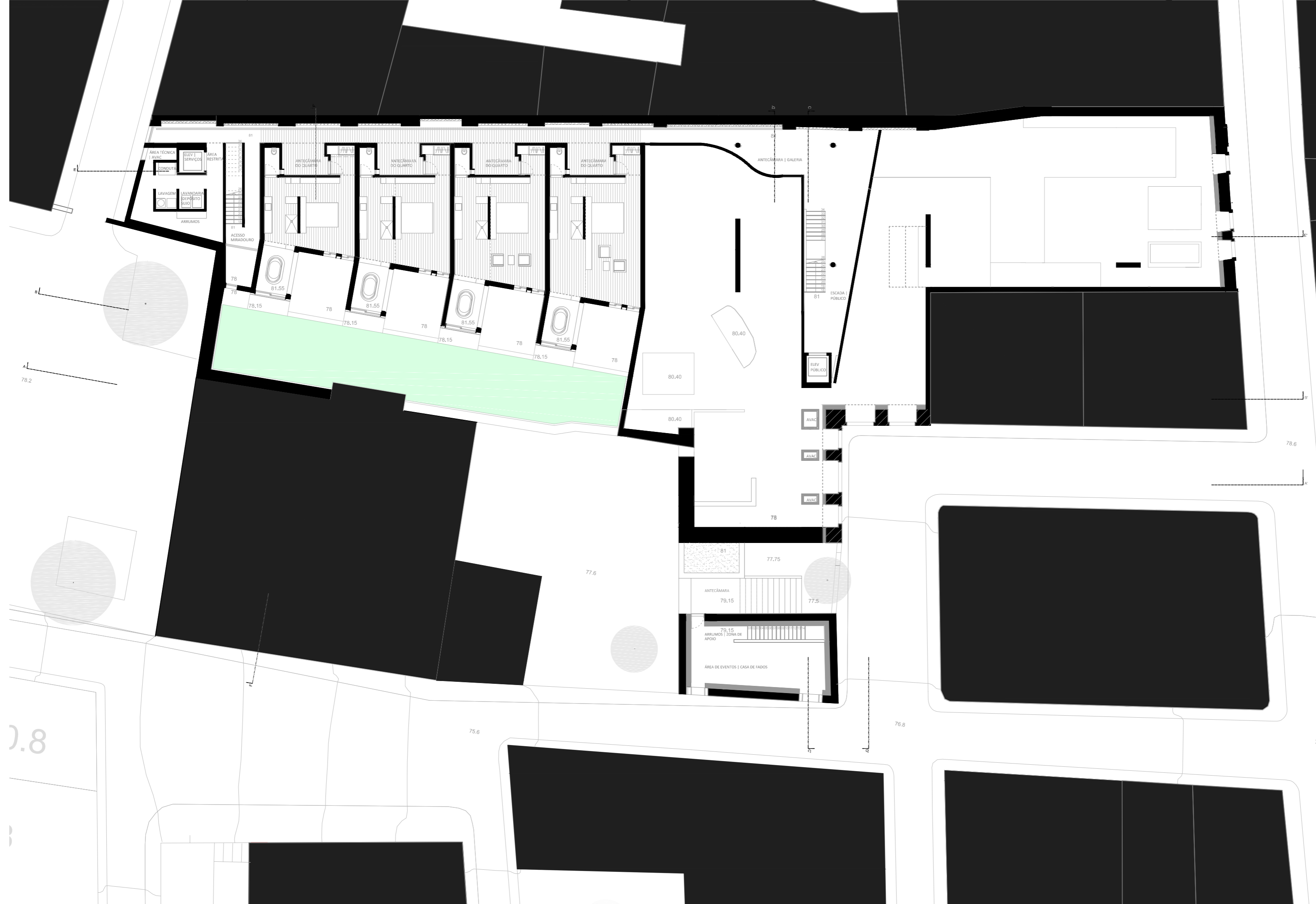
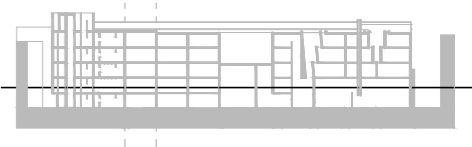
COFRAGEM EM BETÃO

- PRÉ EXISTÊNCIA
- PROPOSTA

ÁREA BRUTA 1405 m²

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: Planta | cota 78 FOLHA: 08|22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOS: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



LEGENDA DOS ESPAÇOS

ÁREA | IDENTIFICAÇÃO

GALERIA

- 21.50 m² | LAVANDARIA
- 39.70 m² | QUARTO 01
- 46.34 m² | QUARTO 02
- 52.90 m² | QUARTO 03
- 59.57 m² | QUARTO 04

COZINHA

- 04.03 m² | GABINETE DO CHEFE
- 44.19 m² | ZONA DE PREPARAÇÃO
- 03.86 m² | ARRUMOS | ARMAZÉM SECO
- 03.86 m² | DEPÓSITO DE LIXO
- SALA DOS FUNCIONÁRIOS
- CÁMARA FRIGORÍFICA
- 06.38 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO FEMININO
- 06.13 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO MASCULINO
- 05.74 m² | I.S.

ELEVADOR | PÚBLICO

ESCALADA | PÚBLICO

I.S | FEMININO

I.S | MASCULINO

I.S | DEFICIENTES

ZONA DE ESTAR | ESPAÇO DE LEITURA

ÁREA DE APOIO

87.15 m² | ZONA DE PEQUENOS ALMOÇOS

37.85 m² | BAR

ÁREA DE APOIO

ÁTRIO PRINCIPAL | EVENTOS

07.23 m² | ÁREA TÉCNICA | ÁREA DE APOIO

42.60 m² | LOBBY

22.18 m² | RECEÇÃO

05.46 m² | BACK OFFICE

ÁREA DE APOIO | ARRUMOS

09.54 m² | ZONA ADMINISTRATIVA

30.76 m² | ARRUMOS | ZONA DE APOIO

30.76 m² | ÁREA DE EVENTOS | CASA DE FADOS

CASA DAS MÁQUINAS

32.16 m² | MIRADOURO

COFRAGEM EM BETÃO

PRÉ EXISTÊNCIA

PROPOSTA

ÁREA BRUTA 1405 m²

PROJECTO: HOTEL BAIRRO ALTO

LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA

DESIGNAÇÃO: Planta | cota 81

DATA: Fevereiro 2014

ESCALA: 1:200

FOLHA: 09 | 22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192

ORIENTADOR: José Afonso

CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint

TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO

Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



LEGENDA DOS ESPAÇOS

ÁREA | IDENTIFICAÇÃO

GALERIA

- 21.50 m² | LAVANDARIA
- 39.70 m² | QUARTO 01
- 46.34 m² | QUARTO 02
- 52.90 m² | QUARTO 03
- 59.57 m² | QUARTO 04

COZINHA

- 04.03 m² | GABINETE DO CHEFE
- 44.19 m² | ZONA DE PREPARAÇÃO
- 03.86 m² | ARRUMOS | ARMAZÉM SECO
- 03.86 m² | DEPÓSITO DE LIXO
- SALA DOS FUNCIONÁRIOS
- CÁMARA FRIGORÍFICAS
- 06.38 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO FEMININO
- 06.13 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO MASCULINO
- 05.74 m² | I.S.

ELEVADOR | PÚBLICO

ESCALADA | PÚBLICO

I.S | FEMININO

I.S | MASCULINO

I.S | DEFICIENTES

ZONA DE ESTAR | ESPAÇO DE LEITURA

ÁREA DE APOIO

87.15 m² | ZONA DE PEQUENOS ALMOÇOS

37.85 m² | BAR

ÁREA DE APOIO

ÁTRIO PRINCIPAL | EVENTOS

07.23 m² | ÁREA TÉCNICA | ÁREA DE APOIO

42.60 m² | LOBBY

22.18 m² | RECEÇÃO

05.46 m² | BACK OFFICE

ÁREA DE APOIO | ARRUMOS

09.54 m² | ZONA ADMINISTRATIVA

30.76 m² | ARRUMOS | ZONA DE APOIO

30.76 m² | ÁREA DE EVENTOS | CASA DE FADOS

CASA DAS MÁQUINAS

32.16 m² | MIRADOURO

COFRAGEM EM BETÃO

PRÉ EXISTÊNCIA

PROPOSTA

ÁREA BRUTA 1405 m²

PROJECTO:

HOTEL BAIRRO ALTO

LOCALIZAÇÃO:

Rua São Boaventura, LISBOA

DESIGNAÇÃO:

Planta | cota 84

DATA:

Fevereiro 2014

ESCALA:

1:200

FOLHA:

10|22

ORIENTANDO:

Rute Sousa da Fonseca | 7192

ORIENTADOR:

José Afonso

CO-ORIENTADOR:

Michel Toussaint

TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO

Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



LEGENDA DOS ESPAÇOS

ÁREA | IDENTIFICAÇÃO

GALERIA

- 21.50 m2 | LAVANDARIA
- 39.70 m2 | QUARTO 01
- 46.34 m2 | QUARTO 02
- 52.90 m2 | QUARTO 03
- 59.57 m2 | QUARTO 04

COZINHA

- 04.03 m2 | GABINETE DO CHEFE
- 44.19 m2 | ZONA DE PREPARAÇÃO
- 03.86 m2 | ARRUMOS | ARMAZÉM SECO
- 03.86 m2 | DEPÓSITO DE LIXO
- SALA DOS FUNCIONÁRIOS
- CÁMARA FRIGORÍFICAS
- 06.38 m2 | ARRUMOS | VESTIÁRIO FEMININO
- 06.13 m2 | ARRUMOS | VESTIÁRIO MASCULINO
- 05.74 m2 | I.S

ELEVADOR | PÚBLICO

ESCALADA | PÚBLICO

- I.S | FEMININO
- I.S | MASCULINO
- I.S | DEFICIENTES

ZONA DE ESTAR | ESPAÇO DE LEITURA

ÁREA DE APOIO

- 87.15 m2 | ZONA DE PEQUENOS ALMOÇOS
- 37.85 m2 | BAR
- ÁREA DE APOIO

ÁTRIO PRINCIPAL | EVENTOS

ÁREA TÉCNICA | ÁREA DE APOIO

- 42.60 m2 | LOBBY
- 22.18 m2 | RECEPÇÃO
- 05.46 m2 | BACK OFFICE
- ÁREA DE APOIO | ARRUMOS
- 09.54 m2 | ZONA ADMINISTRATIVA

- 30.76 m2 | ARRUMOS | ZONA DE APOIO
- 30.76 m2 | ÁREA DE EVENTOS | CASA DE FADOS

CASA DAS MÁQUINAS

MIRADOURO

- 32.16 m2 | MIRADOURO

COFRAGEM EM BETÃO

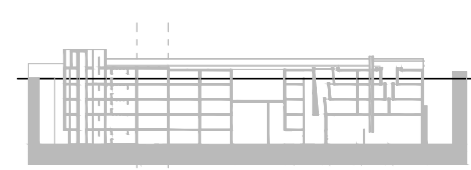
PRÉ EXISTÊNCIA

PROPOSTA

ÁREA BRUTA 1405 m2

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: Planta | cota 87 FOLHA: 11 | 22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização
 em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



LEGENDA DOS ESPAÇOS

ÁREA | IDENTIFICAÇÃO

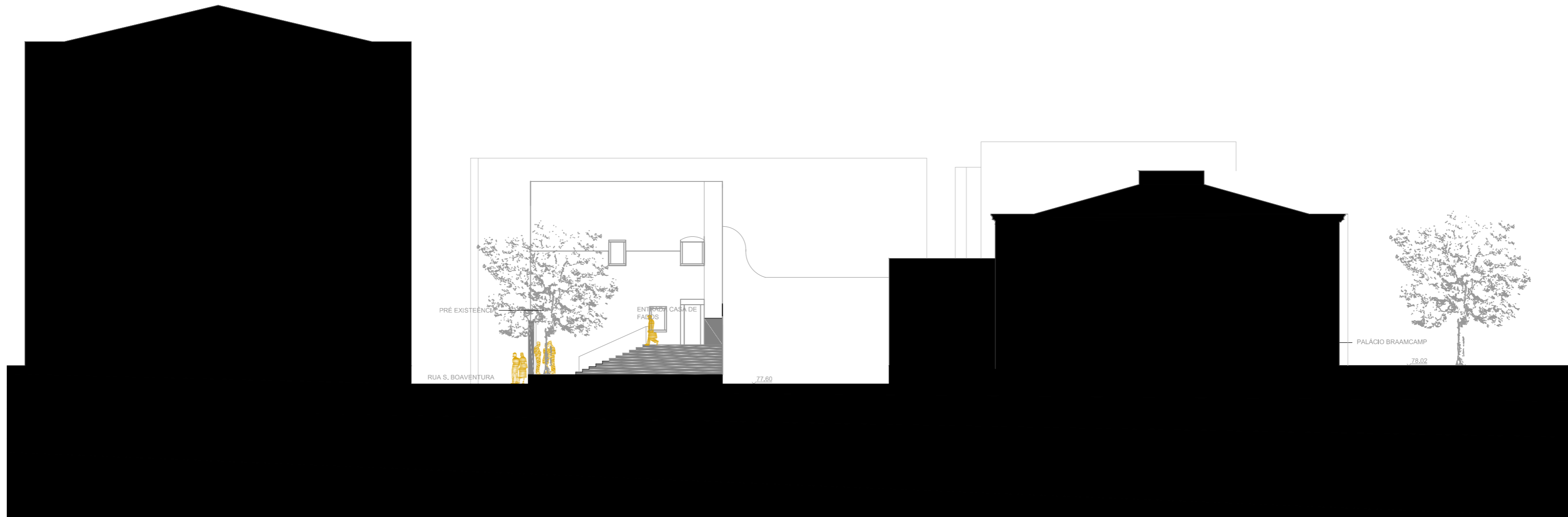
- GALÉRIA
- 21.50 m² | LAVANDARIA
- 39.70 m² | QUARTO 01
- 46.34 m² | QUARTO 02
- 52.90 m² | QUARTO 03
- 59.57 m² | QUARTO 04
- COZINHA
- 04.03 m² | GABINETE DO CHEFE
- 44.19 m² | ZONA DE PREPARAÇÃO
- 03.86 m² | ARRUMOS | ARMAZÉM SECO
- 03.86 m² | DEPÓSITO DE LIXO
- SALA DOS FUNCIONÁRIOS
- CÂMARAS FRIGORÍFICAS
- 06.38 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO FEMININO
- 06.13 m² | ARRUMOS | VESTIÁRIO MASCULINO
- 05.74 m² | I.S
- ELEVADOR | PÚBLICO
- ESCALADA | PÚBLICO
- I.S | FEMININO
- I.S | MASCULINO
- I.S | DEFICIENTES
- ZONA DE ESTAR | ESPAÇO DE LEITURA
- ÁREA DE APOIO
- 87.15 m² | ZONA DE PEQUENOS ALMOÇOS
- 37.85 m² | BAR
- ÁREA DE APOIO
- ÁTRIO PRINCIPAL | EVENTOS
- 07.23 m² | ÁREA TÉCNICA | ÁREA DE APOIO
- 42.60 m² | LOBBY
- 22.18 m² | RECEPÇÃO
- 05.46 m² | BACK OFFICE
- ÁREA DE APOIO | ARRUMOS
- 09.54 m² | ZONA ADMINISTRATIVA
- 30.76 m² | ARRUMOS | ZONA DE APOIO
- 30.76 m² | ÁREA DE EVENTOS | CASA DE FADOS
- CASA DAS MÁQUINAS
- 32.16 m² | MIRADOURO

- COFRAGEM EM BETÃO
- PRÉ EXISTÊNCIA
- PROPOSTA

ÁREA BRUTA 1405 m²

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: **Fevereiro 2014**
 LOCALIZAÇÃO: **Rua São Boaventura, LISBOA** ESCALA: **1:200**
 DESIGNAÇÃO: **Planta | cota 90** FOLHA: **12 | 22**

ORIENTANDO: **Rute Sousa da Fonseca | 7192**
 ORIENTADOR: **José Afonso**
 CO-ORIENTADOR: **Michel Toussaint**
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização
 em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



ALÇADO NORTE



ALÇADO NASCENTE

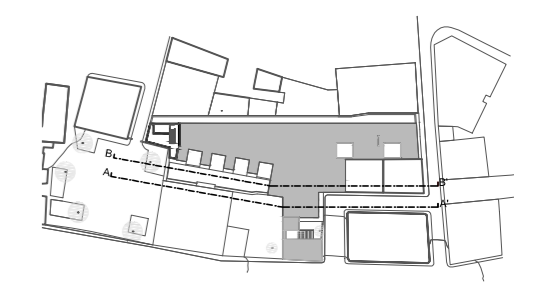
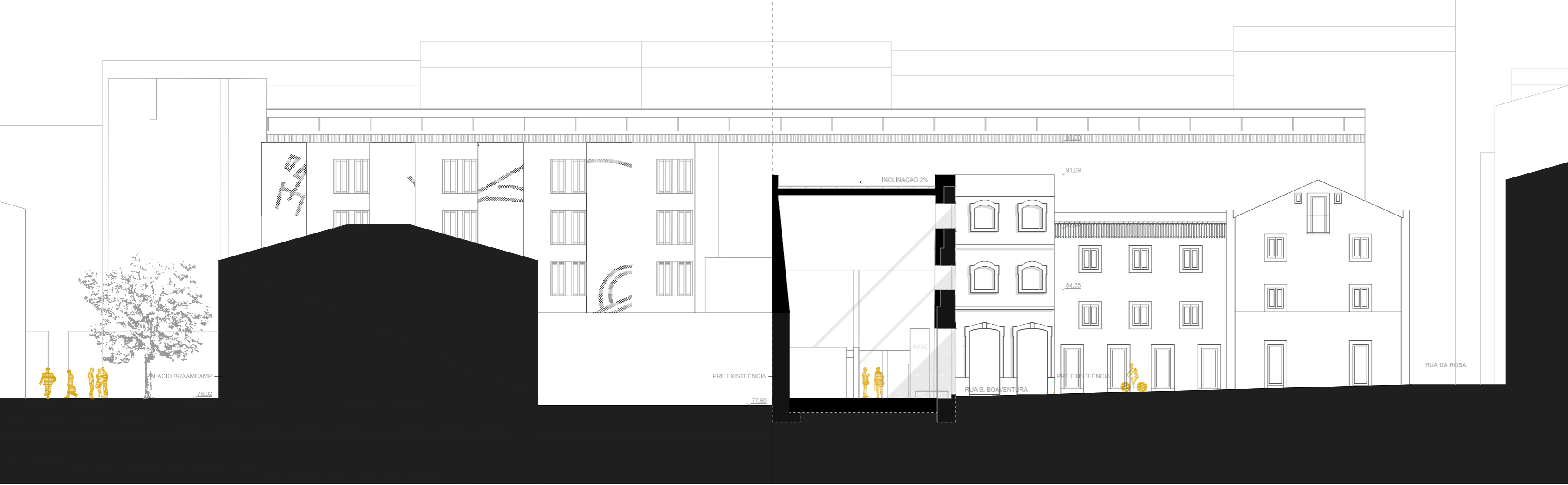
PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: Alçado | norte | nascente FOLHA: 13 | 22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização
 em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL

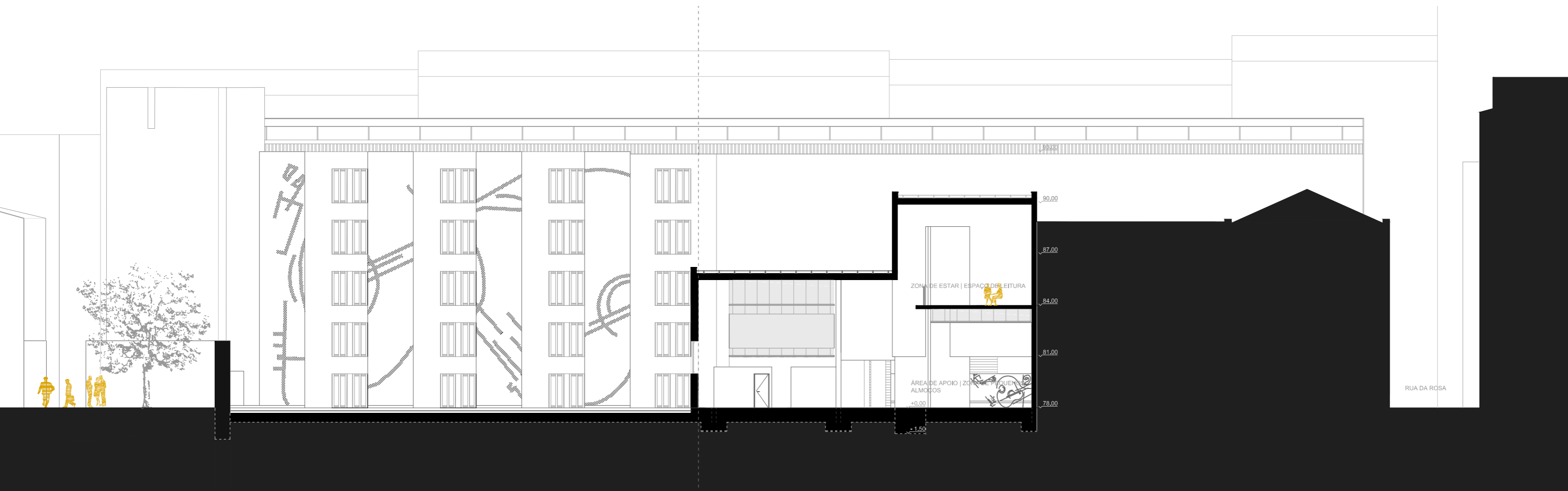


PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: Alçado | sul FOLHA: 14|22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização
 em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



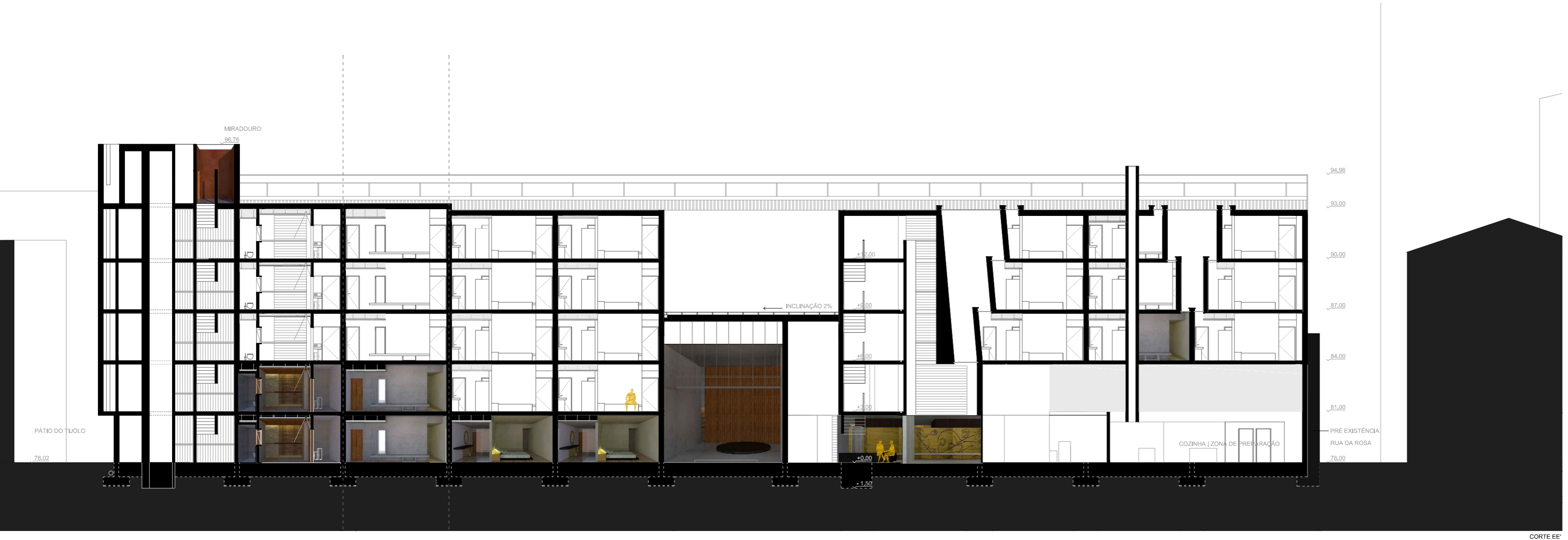
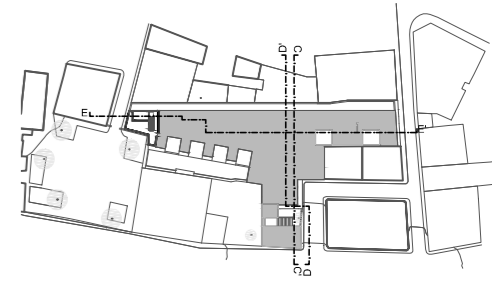
CORTE AA'



CORTE BB'

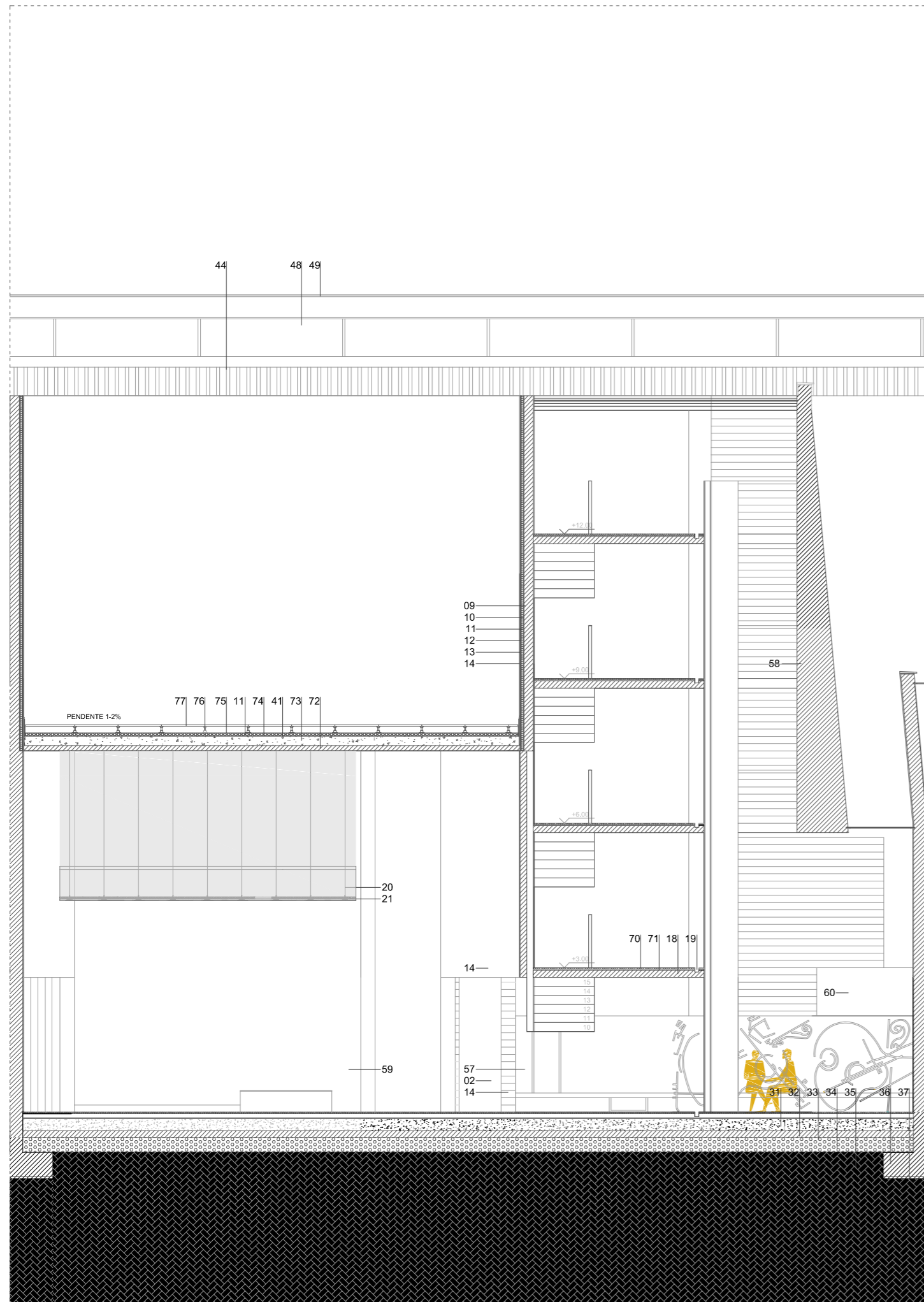
PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: Corte AA' BB' FOLHAS: 15 | 22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:200
 DESIGNAÇÃO: Corte CC' DD' EE' FOLHA: 16 | 22

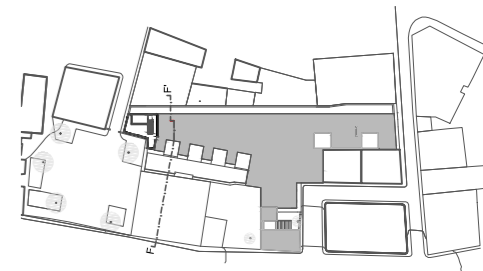
ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



CORTE EE'



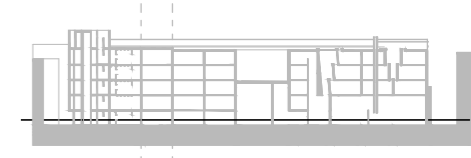
CORTE FF'



- 02. REVESTIMENTO DAS PAREDES EXISTENTES COM REBOCO
- 03. PINTURA COR BRANCA
- 07. ESTRUTURA DE LÂMINA DE BETÃO IN SITU | BETÃO POROSO COFRADO COM RIPAS DE MADEIRA COM ACABAMENTO VERNIZ MATE esp VARIADA
- 08. REVESTIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS 30x45 COR OASIS CINZA
- 09. BETÃO 15cm
- 10. ARGAMASSA HIDRÓFUGA
- 11. SISTEMA DE ISOLAMENTO TÉRMICO PELO EXTERIOR | POLISTIRENO EXPANDIDO
- 12. TECIDO DE VIDRO
- 13. CAMADA ARMADA
- 14. REVESTIMENTO EM BETÃO BRANCO | ACABAMENTO BUJARDADO
- 15. GUARDA EM COBRE dim 60mm
- 16. PAVIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS
- 17. CIMENTO COLA
- 18. BETÃO ARMADO esp 15cm
- 19. ILUMINÁRIA EMBUTIDA
- 20. TECTO FALSO | ESTRUTURA DE FIXAÇÃO SUSPensa
- 21. TECTO FALSO | ISOLAMENTO TÉRMICO LÃ DE ROCHA
- 22. FOLHA DE JANELA
- 23. PEITORIL DE MADEIRA
- 24. REVESTIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS 30x45 COR OASIS CINZA
- 25. PAREDE EM GESSO CARTONADO COM ISOLAMENTO DE POLISTIRENO EXTRUDIDO
- 26. ISOLAMENTO TÉRMICO LÃ DE ROCHA
- 27. REVESTIMENTO BETÃO APARENTE ACABAMENTO AMACIADO
- 28. PISO SOALHO DE MADEIRA CONSTITUÍDO POR MADEIRA NATURAL TIPO "EDEN"
- 29. RIPADO EM MADEIRA
- 30. ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO "FLOORMATE" 30mm
- 31. CAMADA DE REGULARIZAÇÃO
- 32. LAJE DE BETÃO ARMADO
- 33. GEOMEMBRANA DE IMPERMIABILIZAÇÃO
- 34. ENROCAMENTO COMPACTADO 30cm
- 35. TERRENO NATURAL
- 36. ESTACAS
- 37. BETÃO DE LIMPEZA esp 5 cm
- 38. BETÃO
- 39. SISTEMA DE ISOLAMENTO TÉRMICO
- 40. CAIBRO DU VARA
- 41. TELA IMPERMIABILIZANTE
- 42. CHAPA DE ENTREGA
- 43. RÉGUA
- 44. TELHA
- 45. GRELHA DE VENTILAÇÃO
- 46. TÁBUA DE BARBATE
- 47. CALEIRA
- 48. CLARABÓIA | VIDRO TEMPERADO 5+5 mm
- 49. REMATE DA COBERTURA
- 50. PAVIMENTO PEDRA MÁRMORE
- 51. VIDRO TEMPERADO
- 52. PAINÉIS EM COBRE
- 53. PORTA DE FOLE EM COBRE
- 54. ESPELHO DE ÁGUA
- 55. RODAPÉ EM PEDRA MÁRMORE
- 56. SOLEIRA EM PEDRA MÁRMORE
- 57. PAINEL DE COBRE PERFURADO COM SUPORTE EM MADEIRA | ILUMINAÇÃO INTERIOR
- 58. ESTRUTURA EM MADEIRA REVESTIDA POR CORTIÇA
- 59. RIPADO EM MADEIRA
- 60. PARKLEX TIPO "700 BLACK"
- 70. PAVIMENTO EM BETONILHA AFAGADA ENVERNIZADA DE ACABAMENTO MATE esp 3cm
- 71. CAMADA DE AGLOMERADO DE CORTIÇA esp 2cm
- 72. BETÃO esp 11cm
- 73. FORMAÇÃO DE PENDENTE 2%
- 74. FELTRO GEOTÉXIL FILTRANTE
- 75. FELTRO GEOTÉXIL
- 76. LOIÇAS DE PEDRA
- 77. SUPORTE REGULÁVEL

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:100
 DESIGNAÇÃO: CORTE | EE' FF' FOLHA: 17|22

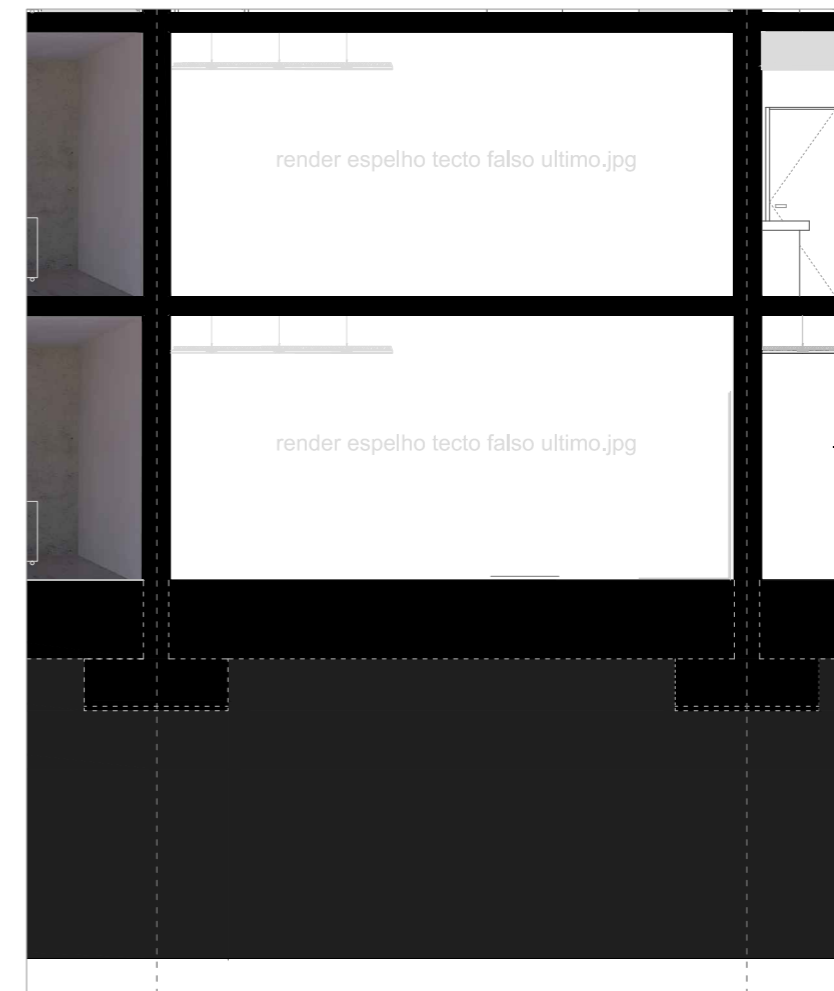
ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



- par.01 PAREDE EMPENA | BETÃO POROSO COFRADO COM RIPAS DE MADEIRA COM ACABAMENTO VERNIZ MATE esp VARIADA GUARDA EM COBRE DE 0.6 cm DE DIM
- par.02 PAREDE REVESTIDA EM AÇO CORTEN CONSTITUÍDA POR UM SUPORTE EM MADEIRA
- par.03 PAREDE | PAREDE EM BETÃO COM POLIESTIRENO EXPANDIDO | TECIDO DE VIDRO | CAMADA ARMADA | PINTURA PIGMENTADA ACABAMENTO COR BRANCA
- par.04 PAREDE TÉCNICA | CORETE | PAREDE EM GESSO CARTONADO COM ISOLAMENTO DE POLIESTIRENO EXTRUDIDO 40mm
- par.05 PAREDE EM GESSO CARTONADO COM ISOLAMENTO DE POLIESTIRENO EXTRUDIDO 40mm | ACABAMENTO: BETÃO APARENTE COM VERNIZ TRANSPARENTE INCOLOR | ACABAMENTO INTERIOR: REVESTIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS 30x45 COR OASIS CINZA
- par.06 PAREDE EM BETÃO esp 15 cm | ACABAMENTO AMACIADO
- par.07 PAREDE EM GESSO CARTONADO COM ISOLAMENTO DE POLIESTIRENO EXTRUDIDO 40mm | ACABAMENTO: BETÃO APARENTE COM VERNIZ TRANSPARENTE INCOLOR | ACABAMENTO INTERIOR: TINTA BRANCA MATE
- par.08 PAREDE BETÃO | ACABAMENTO AMACIADO | ACABAMENTO INTERIOR: REVESTIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS x COR CINZA
- par.09 PAREDE | PAREDE EM BETÃO APARENTE COM POLIESTIRENO EXPANDIDO | TECIDO DE VIDRO | CAMADA ARMADA | ACABAMENTO BUJARDADO
- par.10 PAREDE CONSTITUÍDA POR PORTAS DE FOLE EM COBRE | VIDRO | CALHA EM AÇO INOX
- par.11 PAREDE CONSTITUÍDA POR PAINÉIS DE COBRE x FIXOS POR UM SUPORTE EM MADEIRA

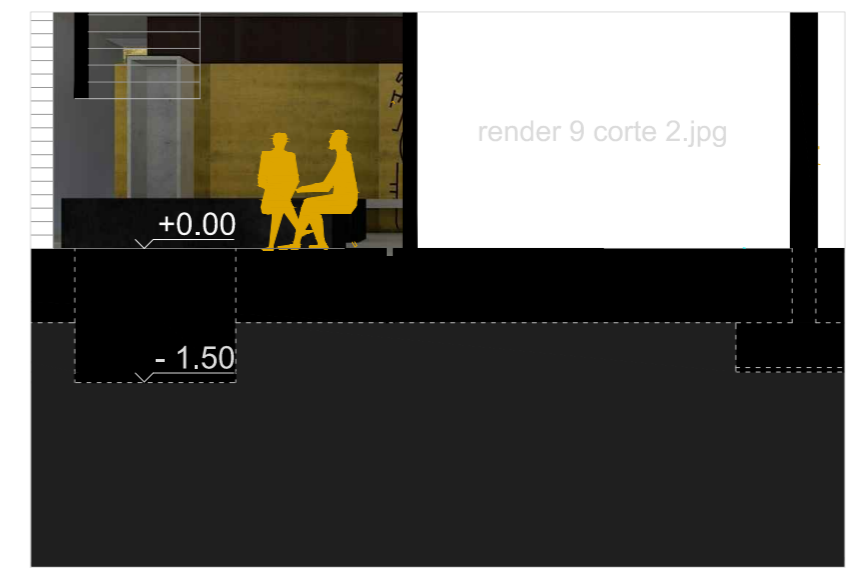
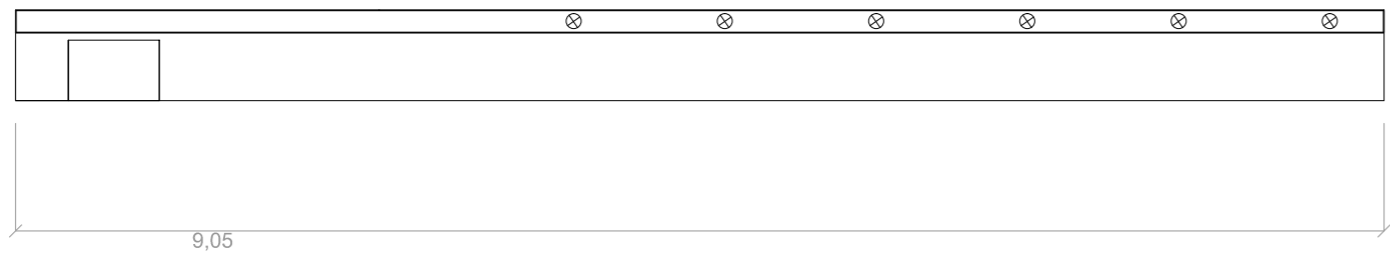
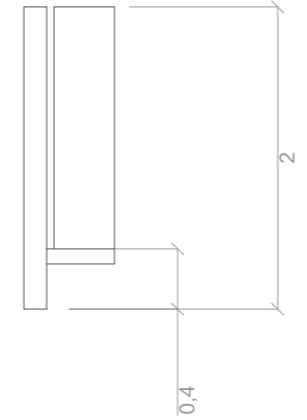
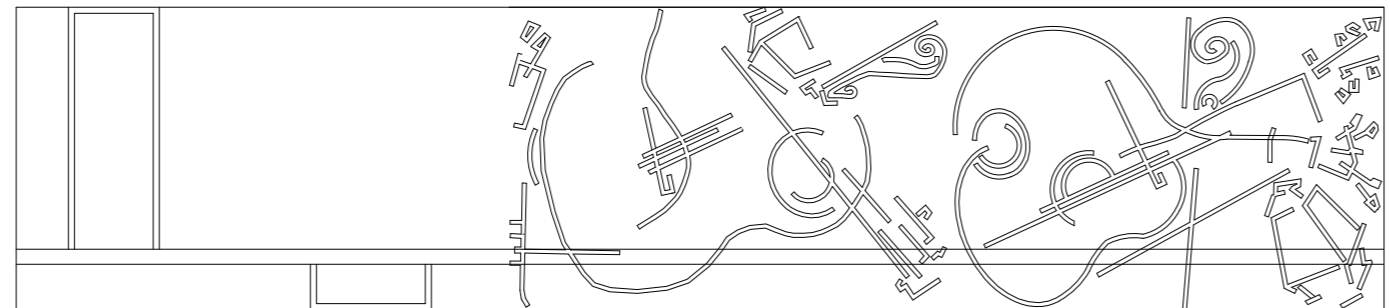
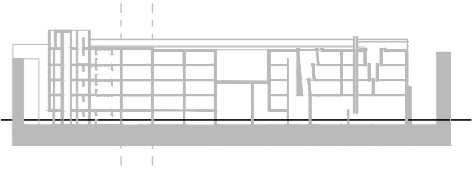
- pav.01 PISO CONSTITUÍDO POR: LAJE DE BETÃO 250 mm | CAMADA DE FORMA | PAVIMENTO EM BETONILHA AFAGADA ENVERNIZADA DE ACABAMENTO MATE ESP 3 cm
- pav.02 PISO SOALHO DE MADEIRA CONSTITUÍDO POR: MADEIRA NATURAL TIPO "HULE" | RIPADO EM MADEIRA | BETONILHA ARMADA | ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO "FLOORMATE" 30 mm | CAMADA DE REGULARIZAÇÃO | LAJE DE BETÃO 250mm | GEOMEMBRANA DE IMPERMEABILIZAÇÃO
- pav.03 PISO SOALHO DE MADEIRA CONSTITUÍDO POR: MADEIRA NATURAL TIPO "EDEN" | RIPADO EM MADEIRA | BETONILHA ARMADA | ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO "FLOORMATE" 30 mm | CAMADA DE REGULARIZAÇÃO | LAJE DE BETÃO 250mm | GEOMEMBRANA DE IMPERMEABILIZAÇÃO
- pav.04 PISO EM PEDRA MÁRMORE BRANCO
- pav.05 PISO ARDÓSIA PRETA | ACABAMENTO CLIVADO
- pav.06 PISO DO PÁTIO EM PEDRA CONSTITUÍDO POR: LAJE DE BETÃO 250mm | CAMADA DE FORMA | CAMADA DE REGULARIZAÇÃO | PEDRA MÁRMORE COR BRANCA COM FREIOS ESP 2 cm
- pav.07 PISO EM PEDRA CONSTITUÍDO POR: LAJE DE BETÃO 250mm | CIMENTO COLA | PEDRA MÁRMORE COR BRANCA COM FREIOS ESP 2 cm

- E.01 | MESA DE APOIO EM BETÃO
- E.02 | CAMA
- E.03 | BANCADA ARDÓSIA NEGRA | ACABAMENTO POLIDO
- E.04 | BANCO
- E.05 | BANCO
- E.09 | JACUZZI OPAUA | 1.90x1.10x60 BRANCO
- E.10 | ESPREGUICADEIRA
- I.S.01 | SANITA SUSPENSIVA | BRANCO
- I.S.02 | LAVATÓRIO | COBRE
- I.S.03 | BASE DE DUCHE
- I.S.04 | BANCO



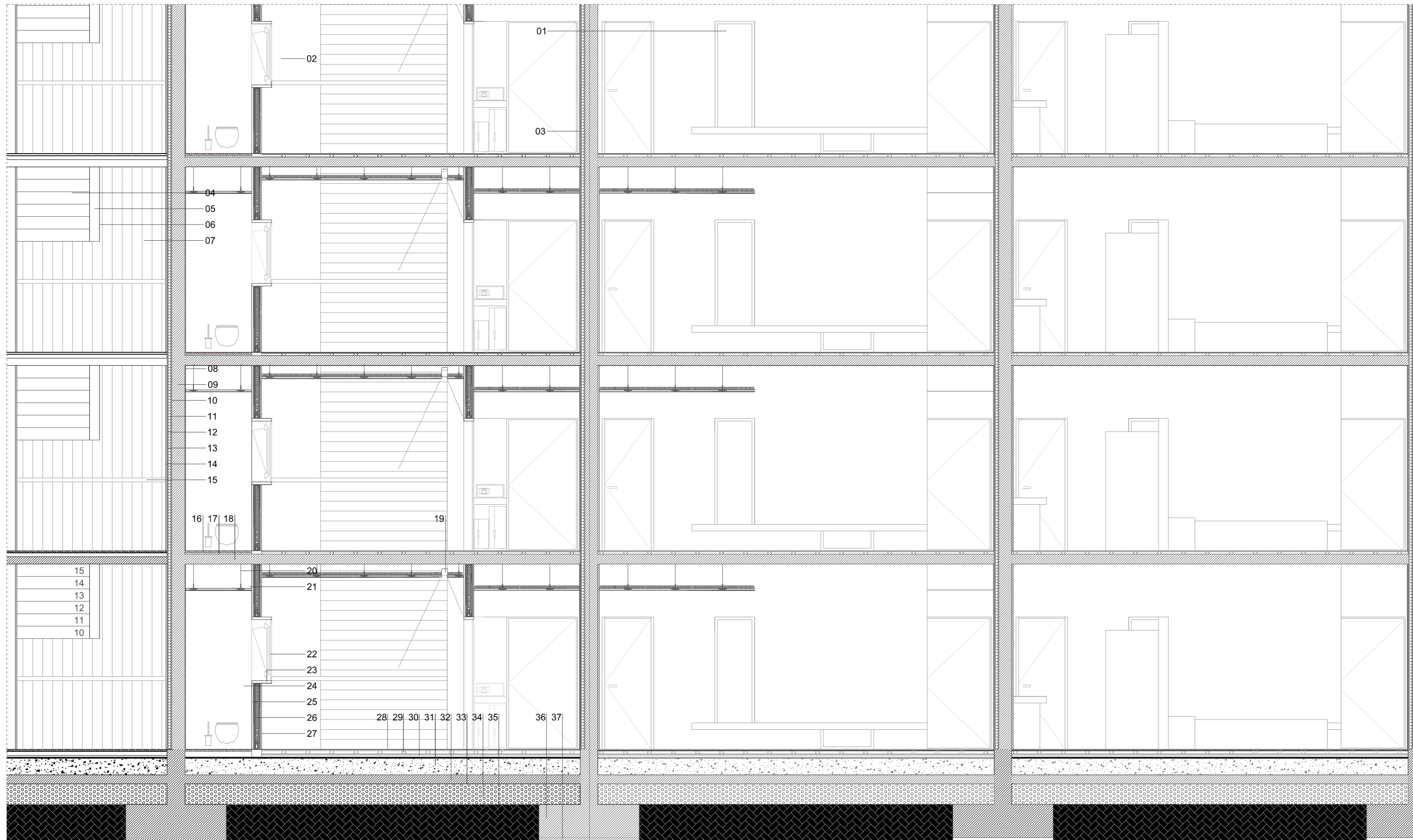
PROJETO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:50
 DESIGNAÇÃO: PLANTA | núcleo de quartos | piso 0 QUADRA: 18|22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



PROJETO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:50
DESIGNAÇÃO: PLANTA | CORTE | equipamento | piso 0 FOLHA: 19 | 22

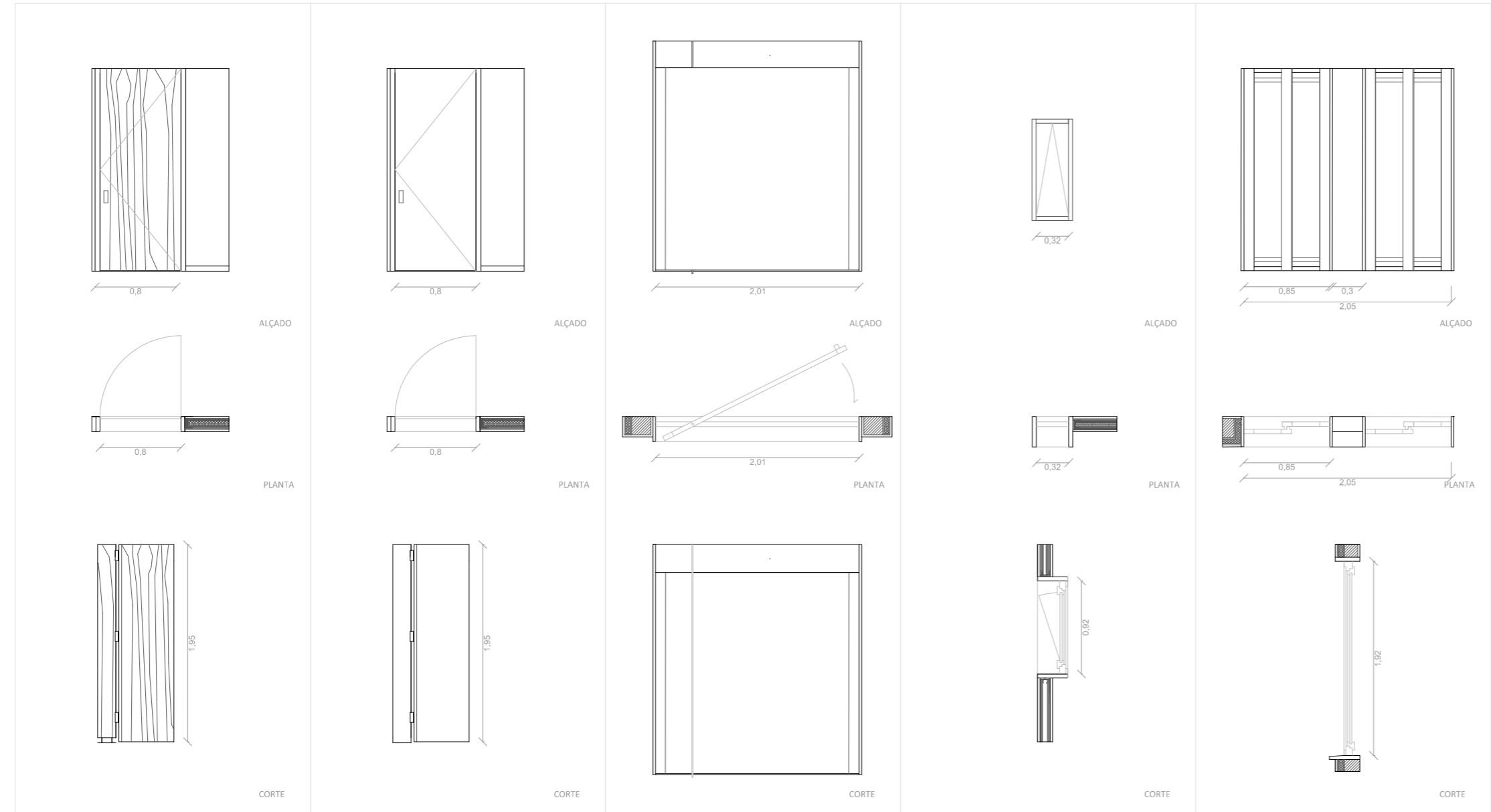
ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
ORIENTADOR: José Afonso
CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização
em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



- 01. ESPELHO
- 02. REBOCO
- 03. PINTURA COR BRANCA
- 04. ESCADAS | BETÃO
- 05. SUPORTE EM MADEIRA
- 06. REVESTIMENTO EM AÇO CORTEN
- 07. ESTRUTURA DE LÁMINA DE BETÃO IN SITU | BETÃO POROSO COFRADO COM RIPAS DE MADEIRA COM ACABAMENTO VERNIZ MATE esp VARIADA
- 08. REVESTIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS 30x45 COR OASIS CINZA
- 09. BETÃO 15cm
- 10. ARGAMASSA HIDRÓFUGA
- 11. SISTEMA DE ISOLAMENTO TÉRMICO PELO EXTERIOR | POLIESTIRENO EXPANDIDO
- 12. TECIDO DE VIDRO
- 13. CAMADA ARMADA
- 14. REVESTIMENTO EM BETÃO BRANCO | ACABAMENTO BUJARDADO
- 15. GUARDA EM COBRE diam 60mm
- 16. PAVIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS
- 17. CIMENTO COLA
- 18. BETÃO ARMADO esp 15cm
- 19. ILUMINÁRIA EMBUTIDA
- 20. TECTO FALSO | ESTRUTURA DE FIXAÇÃO SUSPensa
- 21. TECTO FALSO | ISOLAMENTO TÉRMICO LÃ DE ROCHA
- 22. FOLHA DE JANELA
- 23. PEITORIL DE MADEIRA
- 24. REVESTIMENTO CERÂMICO REVIGRÉS 30x45 COR OASIS CINZA
- 25. PAREDE EM GESSO CARTONADO COM ISOLAMENTO DE POLIESTIRENO EXTRUDIDO
- 26. ISOLAMENTO TÉRMICO LÃ DE ROCHA
- 27. REVESTIMENTO BETÃO APARENTE ACABAMENTO AMACIADO
- 28. PISO SOALHO DE MADEIRA CONSTITUÍDO POR MADEIRA NATURAL TIPO "EDEN"
- 29. RIPADO EM MADEIRA
- 30. ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO "FLOORMATE" 30mm
- 31. CAMADA DE REGULIZAÇÃO
- 32. LAJE DE BETÃO ARMADO
- 33. GEOMEMBRANA DE IMPERMEABILIZAÇÃO
- 34. ENROCAMENTO COMPACTADO 30cm
- 35. TERRENO NATURAL
- 36. ESTACAS
- 37. BETÃO DE LIMPEZA esp 5 cm

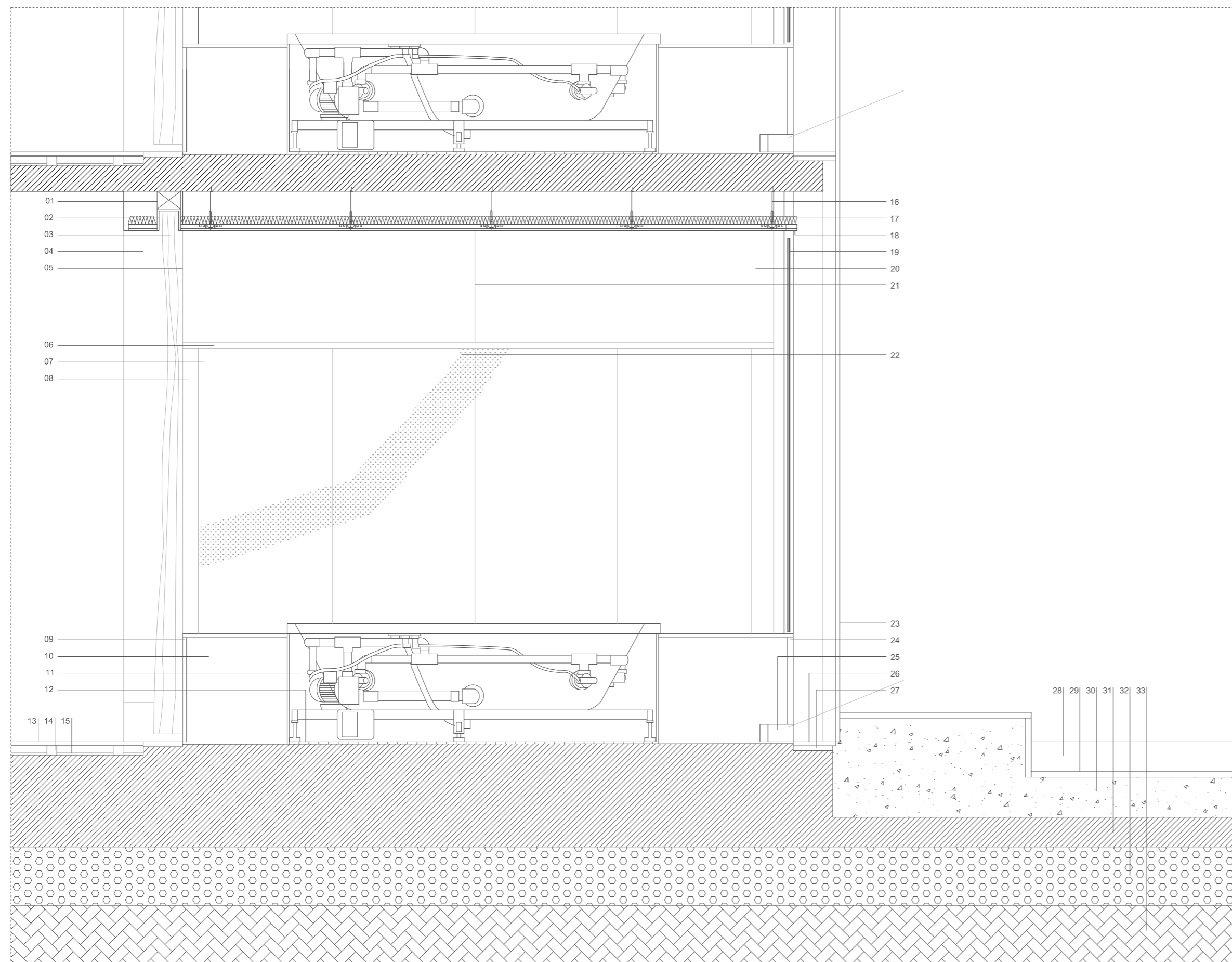
PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:50
 DESIGNAÇÃO: CORTE | núcleo de quartos | EE' FOLHA: 20|22

ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



TIPO DE VÃO	PORTA DE ABRIR UMA FOLHA	PORTA DE ABRIR UMA FOLHA	PORTA PIVOTANTE	VÃO BASCULANTE	VÃO DE ABRIR DUAS FOLHAS
AROS CAIXILHARIA	ESTRUTURA EM MADEIRA DE FREIXO	ESTRUTURA EM MADEIRA DE NOGUEIRA	ESTRUTURA EM AÇO INOX	ESTRUTURA EM MADEIRA DE NOGUEIRA	ESTRUTURA EM MADEIRA DE NOGUEIRA
FOLHA VIDRO	CONTRAPLACADO DE MADEIRA	VIDRO LACADO 10 mm	VIDRO DUPLO POLIDO 10 mm	VÃO EM VIDRO LACADO 4 mm	VIDRO DUPLO POLIDO 10 mm
ACABAMENTO	FOLHA DE FREIXO ACABAMENTO A VERNIZ	BRANCO	TRANSPARENTE	BRANCO	TRANSPARENTE
FERRAGENS	PUXADOR DE COBRE	PUXADOR DE COBRE	PUXADOR DE COBRE		
QUANTIDADES	29 UNIDADES	29 UNIDADES	29 UNIDADES	29 UNIDADES	29 UNIDADES

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: Rua São Boaventura, LISBOA ESCALA: 1:50
 DESIGNAÇÃO: MAPA DE VÃOS FOLHA: 21|22
 ORIENTANDO: Rute Sousa da Fonseca | 7192
 ORIENTADOR: José Afonso
 CO-ORIENTADOR: Michel Toussaint
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL



01. FIXAÇÃO CALHA DE AÇO
02. ILUMINÁRIA EMBUTIDA
03. CORTINA OPACA PRETA
04. PAREDE | BETÃO ACABAMENTO AMACIADO
05. JUNTA
06. CALHA DE AÇO INOX 400x319mm
07. PORTA DE FOLE | COBRE
08. OMBREIRA
09. PORTA | MANUTENÇÃO JACUZZI
10. CÂMARA DE INSTALAÇÃO
11. JACUZZI
12. LÁMINA IMPERMEABILIZANTE
13. PAVIMENTO | MADEIRA
14. RIPAS DE MADEIRA
15. CAMADA
16. ESTRUTURA DE DO TECTO | FIXAÇÃO CALHA DE AÇO OCULTA
17. ISOLAMENTO ACÚSTICO Lã DE ROCHA 50mm
18. TECTO FALSO EM GESSO CARTONADO
19. SISTEMA PIVOTANTE | VIDRO DUPLO LISO | ACABAMENTO COR NATURAL
20. VIDRO TEMPERADO
21. ILUMINÁRIA EMBUTIDA
22. CORTINA OPACA PRETA
23. PAINÉIS EM COBRE
24. PEDRA ARDÓSIA NEGRA | ACABAMENTO CLIVADO
25. ILUMINAÇÃO EMBUTIDA
26. PEDRA DE SEIXO BRANCA
27. GRELHA ESTAMPADA GALVANIZADA LIGEIRAS 2000x200x25mm
28. ESPELHO DE ÁGUA
29. PAVIMENTO | PEDRA MÁRMORE
30. CAMADA DE REGULARIZAÇÃO
31. LAJE DE BETÃO ARMADO
32. ENROCAMENTO COMPACTADO 30cm
33. TERRENO NATURAL

PROJECTO: **HOTEL BAIRRO ALTO** DATA: Fevereiro 2014
 LOCALIZAÇÃO: **Rua São Boaventura, LISBOA** ESCALA: 1:20
 DESENHAÇÃO: **CORTE | pormenor jacuzzi** RPHH: 22|22

ORIENTANDO: **Rute Sousa da Fonseca | 7192**
 ORIENTADOR: **José Afonso**
 CO-ORIENTADOR: **Michel Toussaint**
 TENSÃO INTERIOR E EXTERIOR | REGENERAÇÃO A PARTIR DE UM VAZIO
 Mestrado Integrado em Arquitectura | Especialização
 em Arquitectura de Interiores | Faculdade de Arquitectura | UL